

**CAMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPUS DO
PANTANAL – PPGE/CPAN**

FRANCISCA ALVES DA SILVA STEFANELLI

**AS FEMINILIDADES NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA DO ACERVO DAS OBRAS
COMPLEMENTARES DO PROGRAMA PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA**

Corumbá – MS

2015

FRANCISCA ALVES DA SILVA STEFANELLI

**AS FEMINILIDADES NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA DO ACERVO DAS OBRAS
COMPLEMENTARES DO PROGRAMA PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal (PPGE/CPAN), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação na área de concentração em Educação Social, pela linha de pesquisa Formação de Educadores e Diversidade, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Constantina Xavier Filha.

Corumbá

Mestrado em Educação – UFMS/CPAN/PPGE-CPAN

2015

Dissertação intitulada AS FEMINILIDADES NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA DO ACERVO DAS OBRAS COMPLEMENTARES DO PROGRAMA PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA, de autoria da mestranda Francisca Alves da Silva Stefanelli, aprovada pela banca examinadora constituída pelos/as seguintes professores/as:

Prof.^a Dr.^a Constantina Xavier Filha (Orientadora)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Ribeiro (Membro Titular)
(Universidade Federal de Lavras – UFLA)

Prof.^a Dr.^a Regina Aparecida Marques de Souza (Membro Titular)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

Prof. Dr. Tiago Duque (Membro Titular)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS)

DEDICATÓRIA

A mulher que me fez mergulhar no mundo das pesquisas Prof.^a Dr.^a Constantina Xavier Filha e por me apaixonar pelas temáticas nas quais pesquiso.

A você Cris, menina amável e de personalidade forte que em tão pouco tempo marcou minha trajetória pessoal e profissional. Os nossos caminhos se entrelaçaram e para sempre estarão guardados na minha memória a sua atenção, dedicação, companheirismo e amizade. Dedico esta música a você.

Malandragem

(Cássia Eller)

Quem sabe eu ainda
Sou uma garotinha
Esperando o ônibus
Da escola, sozinha

Cansada com minhas
Meias três quartos
Rezando baixo
Pelos cantos
Por ser uma menina má

Quem sabe o príncipe
Virou um chato
Que vive dando
No meu saco
Quem sabe a vida
É não sonhar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta
E não aprendi a amar
Eu sou poeta
E não aprendi a amar

Bobeira
É não viver a realidade
E eu ainda tenho
Uma tarde inteira
Eu ando nas ruas
Eu troco um cheque
Mudo uma planta de lugar
Dirijo meu carro

Tomo o meu pileque
E ainda tenho tempo
Pra cantar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta
E não aprendi a amar
Eu sou poeta
E não aprendi a amar

Eu ando nas ruas
Eu troco um cheque
Mudo uma planta de lugar
Dirijo meu carro
Tomo o meu pileque
E ainda tenho tempo
Pra cantar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta
E não aprendi a amar
Eu sou poeta
E não aprendi a amar

Quem sabe eu ainda sou
Uma garotinha!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a meu pai (*in memoriam*) que no percurso desta pesquisa nos deixou e sua partida foi muito dolorosa.

À minha mãe, por ter me dado a vida e ensinado, nas suas humildes palavras, o significado da palavra viver.

À mulher que me mostrou o prazer e o gosto pela pesquisa, Prof.^a Dr.^a Constantina Xavier Filha. Agradeço de coração a todos os bons momentos que passamos juntas na orientação, nos eventos... Enfim, por ter sido sua orientanda e aprender com as suas sábias palavras: não tem preço.

A toda minha família pelo apoio recebido no decorrer da pesquisa.

Ao meu esposo Val e às minhas filhas Nathália e Thainara, que me ajudaram na pesquisa de várias formas, principalmente para *scanear* os livros para a infância.

Às minhas irmãs Lili, Léia, Lu e minha cunhada Sandra, que sempre me incentivaram a não desistir dos meus sonhos.

Agradeço à companheira de mestrado Cris que em pouco tempo nos deixou. Sua partida abriu um enorme vazio em meu peito. Todas as caronas da rodoviária à UFMS e vice-versa, todos os bons momentos compartilhados com você serão inesquecíveis.

Ao Edílson, a Nadir, Telma e Valéria pela amizade sincera.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Constantina Xavier Filha, pelas discussões que foram fundamentais para a pesquisa.

Às Professoras Dra. Regina, Dra. Cláudia e ao Prof. Dr. Tiago, pelas contribuições produtivas na banca de qualificação e na de defesa.

Às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal.

Às coordenadoras e professoras das escolas que me disponibilizaram o acesso aos acervos das obras complementares.

A Prefeitura Municipal de Corumbá por intermédio da Secretaria Municipal de Educação, pelo meu afastamento com ônus, favorecendo a minha dedicação integral a pesquisa.

As profissionais do PNAIC de Corumbá pelo apoio recebido no decorrer da pesquisa.
Obrigada.

“A criança é um ser sexuado pensante. Produz e elabora teorias, hipóteses, formas de intervenção no mundo, tornando-se, com isso, construtora de cultura; torna-se sujeito na/da cultura”.

(XAVIER FILHA, 2012, p. 23)

RESUMO

Esta pesquisa integra-se ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX) e teve por objetivo identificar a constituição de feminilidades nos livros para a infância que fazem parte dos acervos das obras complementares do programa *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC) e que são distribuídos pelo Ministério da Educação e da Cultura, por intermédio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), às escolas públicas que participam do programa e que recebem recursos didáticos diversificados destinados aos/as professores/as e alunos/as. Nesta pesquisa utilizamos os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Feministas e pressupostos foucaultianos, associando os conceitos de gênero, feminilidade, pedagogias culturais, identidade e diferença, identidade de gênero, dispositivo, dispositivo pedagógico e heteronormatividade. O livro para a infância é um artefato cultural que produz e/ou reproduz e veicula em seu texto (verbal e ilustrativo) representações de gênero, ensinando modos de ser menina, menino, homem, mulher. Ele traz em suas páginas grande diversidade de experiências que vão sendo construídas em múltiplos contextos de nossa vida. As significações e os efeitos que estão presentes nos livros são importantes, uma vez que as crianças, como sujeitos sociais, interagem nas inúmeras discussões da nossa sociedade. Utilizamos a pesquisa documental, o que norteou as análises dos livros para a infância selecionados, pois ela nos possibilitou descrever e analisar as obras, com isso impulsionando alguns questionamentos sobre as fontes escolhidas. Analisamos um total de cento e oitenta livros, equivalente a seis caixas que são destinadas ao 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental; destes, foram selecionadas vinte e seis obras, atentando aos critérios que definissem a escolha dos livros como: livros que traziam a construção das identidades de gênero; livros que abordassem as questões da diferença e da identidade; e, livros que trouxessem outras problematizações de feminilidades. Tivemos como perguntas norteadoras: Quais são os modelos de feminilidades produzidas e/ou veiculadas? Quais identidades femininas são legitimadas nos livros para a infância? Os livros auxiliam nas construções das feminilidades consideradas adequadas socialmente e também possibilitam a compreensão de novas possibilidades de feminilidades? Após as análises dos livros, nos agrupamos sob quatro grandes classes: livros que traziam a construção das identidades de gênero; livros que traziam uma feminilidade socialmente desejada; livros que abordassem as questões da diferença e da identidade e livros que trouxessem outras problematizações de feminilidades. Observamos que as feminilidades produzidas e veiculadas são duas, uma que se conforma com as idealizações do que se convencionou socialmente para o gênero feminino e outra que trazem outras possibilidades de novas feminilidades.

Palavras-chave: Feminilidades; Gênero; Livros para a Infância.

ABSTRACT

This research is linked to the Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX) and aimed to identify the constitution of femininity in books for childhood that are part of the collection of additional works of the program *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC), distributed by Ministério da Educação e Cultura through Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) to public schools participating in the program and that receive a variety of teaching resources destined to teachers and students. In this research we used theoretical premises from Cultural Studies, Gender Studies, Feminist Studies and Foucauldian premises, associating the concepts of gender, femininity, cultural pedagogies, identity and difference, gender identity, device, pedagogical device and heteronormativity. The book for childhood is a cultural artifact that produces and/or reproduces and convey in its text (verbal and illustrative) representations of gender, teaching ways of being girl, boy, man, woman. It brings on its pages great diversity of experiences that are being built in multiple contexts of our lives. The meanings and the effects that are present in books are important, since children, as social subjects, interact in numerous discussions in our society. We used documental research, which guided the analysis of the selected books for childhood, for it allowed us to describe and analyze the books, thus driving the questions towards the chosen sources. We analyzed a total of a hundred and eighty books, equivalent to six boxes destined to the 1st, 2nd and 3rd years of Elementary School; from those, twenty-six books were chosen, paying attention to the criteria that could define the choice of the books, like: books that brought the construction of gender identities; books that brought matters of difference and identity; and books that brought other problematizations of femininities. As guiding questions we had: Which are the femininity models produced and/or conveyed? Which feminine identities are legitimated in books for childhood? The books help in the construction of femininities considered socially adequate and also enable the understanding if new possibilities of femininities? After the analysis of the books, four clusters were created: books that brought the construction of gender identities; books that conveyed a socially desired femininity; books that addressed matters of difference and identity; and books that brought other femininities problematizations. We observed that the femininities produced and conveyed are two: one that conforms to the idealizations of what is socially conventional to the feminine gender; and other that brings other possibilities to new femininities,

Keywords: Femininities; Gender; Books for Childhood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lilás, uma menina diferente	48
Figura 2: O grande e maravilhoso livro das famílias	50
Figura 3: A joaninha que perdeu as pintinhas	51
Figura 4: Minha família é colorida	51
Figura 5: Carta do tesouro	52
Figura 6: Sofia, a Andorinha	53
Figura 7: Quem vai ficar com o pêssego?	54
Figura 8: Tem alguma coisa debaixo do cobertor.....	55
Figura 9: Uma velhinha na janela	55
Figura 10: Gente de muitos anos	56
Figura 11: Os feitiços do vizinho.....	57
Figura 12: Livro das adivinhas	58
Figura 13: O menino Nito: então homem chora ou não?	59
Figura 14: Soltando os bichos	59
Figura 15: O silencioso mundo de Flor.....	60
Figura 16: A menina, o cofrinho e a vovó.....	61
Figura 17: Chapeuzinho Vermelho e as cores	61
Figura 18: Dandara, o Dragão e a Lua	62
Figura 19: Pretinho, meu boneco querido	63
Figura 20: Bruna e a galinha d' Angola	64
Figura 21: Frederico Godofredo	64
Figura 22: Quem é Glória?	65
Figura 23: Iguais, mas diferentes.....	66
Figura 24: A árvore da família	66
Figura 25: Era uma vez uma bota	67
Figura 26: Turma da Mônica: Folclore Brasileiro	67
Figura 27: Lilás apareceu com uma planta muito estranha	71
Figura 28: Todas as crianças brincam juntas.....	71
Figura 29: Algumas crianças têm duas mães ou dois pais	72
Figura 30: Mamãe, veja eu voltei!	75
Figura 31: Você não é minha filha.....	76
Figura 32: Cada criança tem um jeito de ser	77
Figura 33: Uma tem pintinhas no rosto.....	77
Figura 34: As crianças são muito diferente umas das outras.....	77
Figura 35: Identidade feminina.....	78
Figura 36: Constituição da identidade feminina	78
Figura 37: Mãe, o meu cabelo não voa	79
Figura 38: Vovó moderna	80
Figura 39: Vovó convencional	80
Figura 40: Frederico Godofredo gosta de inventar coisas.....	81
Figura 41: Frederico Godofredo gosta de ler.....	82
Figura 42: Amizade de Nininha e Pretinho	83
Figura 43: Mas Nito só tinha um problema chorava por tudo	86
Figura 44: Nito, meu filho, você está virando um rapazinho	86
Figura 45: Em algumas famílias todo mundo trabalha	88
Figura 46: Figura masculina cozinhando	89
Figura 47: Idosa dando pão a um homem	90
Figura 48: Idosa mostrando seu baú de brinquedos	91
Figura 49: Cuidando do jardim.....	91
Figura 50: Ensinando tricô	92
Figura 51: Cuidando de um bebê.....	92

Figura 52: Homem pescando.....	93
Figura 53: Time de futebol.....	93
Figura 54: Personagem feminina cuidando da prole.....	94
Figura 55: Mulher protegendo sua filha.....	94
Figura 56: Figura feminina.....	95
Figura 57: Mulher colocando roupas no varal.....	95
Figura 58: Figura feminina com uma bacia de roupa.....	96
Figura 59: Mãe admirando seu filho.....	96
Figura 60: Personagem masculina militar.....	97
Figura 61: Mulher cozinhando.....	97
Figura 62: Figura feminina.....	98
Figura 63: Mãe cozinhando.....	98
Figura 64: Figura masculina.....	99
Figura 65: Cozinhando.....	99
Figura 66: Vassoura na mão.....	100
Figura 67: Sofia aprende depressa.....	101
Figura 68: Como pode uma lagarta tão pequena.....	102
Figura 69: Menina com relógio no pulso.....	102
Figura 70: Figura feminina.....	103
Figura 71: Figura feminina dirigindo.....	104
Figura 72: Andando de bicicleta.....	104
Figura 73: Digitando no computador.....	104
Figura 74: Flor escuta por meio do seu corpo.....	105
Figura 75: Chapeuzinho Vermelho enfrentou o lobo.....	107
Figura 76: Dandara.....	107
Figura 77: Glória.....	108
Figura 78: Janice chateada.....	109
Figura 79: Tem alguma coisa embaixo do cobertor.....	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	16
1.1 Trajetória pessoal.....	16
1.2 Trajetória de pesquisa	20
1.3 A pesquisa	24
1.4 Pressupostos metodológicos.....	25
1.5 Livros infantis como fonte de pesquisa.....	28
1.6 Pressupostos teóricos	37
CAPÍTULO 2 – A GLÓRIA É UMA MENINA MUITO ESPERTA. ANÁLISES DOS LIVROS PARA A INFÂNCIA.....	47
2.1 <i>Lilás, uma menina diferente</i>	47
2.2 <i>O grande e maravilhoso livro das famílias</i>	49
2.3 <i>A joaninha que perdeu as pintinhas</i>	50
2.4 <i>Minha família é colorida</i>	51
2.5 <i>Carta do tesouro:para ser lido às crianças</i>	52
2.6 <i>Sofia, a andorinha</i>	52
2.7 <i>Quem vai ficar com o pêssego?</i>	53
2.8 <i>Tem alguma coisa debaixo do cobertor</i>	54
2.9 <i>A velhinha na janela</i>	55
2.10 <i>Gente de muitos anos</i>	56
2.11 <i>Os feitiços do vizinho</i>	56
2.12 <i>Livro das adivinhas</i>	57
2.13 <i>O menino Nito: então homem chora ou não?</i>	58
2.14 <i>Soltando os bichos</i>	59
2.15 <i>O silencioso mundo de Flor</i>	60
2.16 <i>A menina, o cofrinho e a vovó</i>	60
2.17 <i>Chapeuzinho Vermelho e as cores</i>	61
2.18 <i>Dandara, o Dragão e a Lua</i>	61
2.19 <i>Pretinho, meu boneco querido</i>	62
2.20 <i>Bruna e a galinha d'Angola</i>	63
2.21 <i>Frederico Godofredo</i>	64
2.22 <i>Quem é a Glória?</i>	65
2.23 <i>Iguais, mas diferentes</i>	65
2.24 <i>A árvore da família</i>	66
2.25 <i>Era uma vez uma bota</i>	66
2.26 <i>Turma da Mônica: folclore brasileiro</i>	67
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS LIVROS PARA A INFÂNCIA.....	68
3.1 “ <i>Ninguém queria ser visto com uma pessoa tão diferente</i> ”: a diferença e a identidade nos livros para a infância	69
3.2 <i>Então, homem chora ou não?</i> A construção das identidades de gênero nos livros para a infância	85

3.3 “ <i>Sou coisa muito simples, mas de muito sentimento sou prenda preferida no dia do casamento</i> ” – Identidade de gênero: feminilidade socialmente idealizada nos livros para a infância.....	90
3.4 “ <i>Sofia aprende depressa, porque é uma andorinha muito inteligente</i> ” – Identidade de Gênero: Outras problematizações de feminilidades nos livros para a infância	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	122
APÊNDICE A – LISTA DOS ACERVOS DAS OBRAS COMPLEMENTARES ANALISADAS	123
APÊNDICE B – FICHA DE ANÁLISE DOS LIVROS PARA A INFÂNCIA.....	126

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivo geral identificar a constituição de feminilidades nos livros para a infância, oriundos dos acervos das obras complementares do programa *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC). Os objetivos específicos foram: identificar como as feminilidades são construídas e produzidas nesses livros; coletar e agrupar os livros para a infância de acordo com as concepções de gênero que são construídas e produzidas; selecionar e analisar os livros para a infância a partir do embasamento teórico da pesquisa e das discussões que foram feitas na pesquisa.

O livro para a infância foi uma fonte inesgotável para a nossa pesquisa: tendo como objeto de estudo a identificação da constituição de feminilidades, fomos capazes de ampliar a perspectiva para abarcar outros conceitos fundamentais para a nossa problematização e discussão. Mesmo que não diretamente ligados ao nosso objetivo geral, não poderíamos deixar de discutir estes conceitos no decorrer desta dissertação.

Tendo como problemática a constituição de feminilidades nos livros para a infância, alguns questionamentos nortearam nossa análise das fontes escolhidas: Quais são os modelos de feminilidades produzidas e/ou veiculadas nos livros para as infâncias? Quais identidades femininas são legitimadas nesses livros? Abordamos, então, o livro para a infância enquanto artefato cultural que produz e/ou reproduz e veicula em seu texto (verbal e ilustrativo) representações de gênero, ensinando modos de ser menina, menino, homem, mulher. O livro para a infância traz em suas páginas uma diversidade de experiências que vão sendo construídas em múltiplos contextos de nossa vida. As significações e os efeitos que estão presentes nos livros são importantes uma vez que as crianças, como sujeitos sociais, interagem nas inúmeras discussões da nossa sociedade.

Utilizamos o termo “livros para a infância” de acordo com os estudos de Xavier Filha (2014): “No âmbito das pesquisas realizadas, venho denominando tais livros [infantis] como ‘livros para a infância’”. A autora argumenta que prefere utilizar esse conceito a livro infantil pelos seguintes motivos, com os quais concordamos:

Entretanto, não há consenso sobre a denominação mais apropriada. Pelo contrário, há acirradas discussões a esse respeito. Há quem os chame de “paradidáticos” e também quem os considere como livros “didáticos”. O que parece importante salientar nessa questão é seu caráter pedagógico/didático em relação aos demais livros que, “supostamente”, não seguiriam tal orientação. Porém, para que um livro possa ser considerado “paradidático”, é

necessário que ele apresente conteúdos curriculares específicos, tal como ocorre na maior parte do mercado de livros comerciais e escolares. (XAVIER FILHA, 2014, p. 156).

Nesta pesquisa utilizamos o termo livro para as infâncias, pois os mesmos ditam normas e modos de ser menina/ menino e homem/mulher. Segundo Xavier Filha, “os livros publicados nos últimos anos apresentam características que extrapolam o aspecto didático ou suplementar dos conteúdos curriculares” (XAVIER FILHA, 2014, p. 156). Concordamos também com a autora que “os estudos culturais nos possibilitam entender os livros como artefatos culturais. Independentemente de serem considerada literatura, todos educam, de alguma forma” (XAVIER FILHA, 2014, p. 157). Ainda segundo a autora, os livros para a infância “expressam modos de ser menina ou menino e produzem no leitor ou leitora maneiras de ser no mundo, de pensar, de construir problemas, de confrontar-se com a realidade e consigo mesmo/a [...]” (XAVIER FILHA, 2014, p. 157).

Esta pesquisa objetivou identificar a constituição de feminilidades nos livros para a infância, oriundos do acervo das obras complementares do Programa *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC¹), distribuídos pelo Ministério da Educação e da Cultura por intermédio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) às escolas públicas que participam do PNAIC e que recebem recursos didáticos diversificados destinados aos/as professores/as e alunos/as. Segundo Brasil (2012), “os acervos não são chamados de *complementares* por acaso: sua função é a de oferecer a professores/as e alunos/as (...) vias de acesso a conteúdos curriculares que as coleções didáticas ou contemplam ou não” (BRASIL, 2012, p. 21).

Na pesquisa, os livros para a infância são conceituados como artefatos culturais que discutem, produzem e, ou, reproduzem saberes e valores que muitas vezes regulam modos de ser e agir, constituindo identidades. Esses livros são utilizados (ou deveriam ser) nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pelas crianças de escolas públicas que participam do PNAIC,

¹ O *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC) é um compromisso formal assinado pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. O PNAIC visa que aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos. Dentro dessa visão, a alfabetização é, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual, pois /a professor/a alfabetizador/a tem a função de auxiliar na formação para o bom exercício da cidadania. Para exercer sua função de forma plena é preciso ter clareza do que ensina e como ensina. Para isso, não basta ser um/a reprodutor/a de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico. É preciso ter clareza sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática. Disponível em <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto> Acesso 14, Março de 2014.

constituindo, construindo e orientando as suas vivências diárias, a partir dos modos de socializar saberes, especificamente na constituição de feminilidades.

Os livros para a infância do acervo do PNAIC foram selecionados para nosso estudo a partir de alguns critérios preponderantes e, posteriormente, foram produzidas e/ou reproduzidas fichas de análises, para detalhar os conteúdos dos livros e facilitar a discussão da problemática do que procurávamos analisar. Voltamos nosso olhar, principalmente, para os textos escritos e imagéticos a fim de identificarmos os tipos de feminilidades que são veiculadas e/ou produzidas em cada livro.

O acervo dos livros enviado às escolas para serem trabalhados pelas educadoras e educadores que participam do projeto do PNAIC é composto por 180 livros distribuídos nas séries iniciais do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental (lista de todos os livros disponíveis no apêndice 1). Sendo assim divididos: 60 livros destinados ao 1º ano; 60 livros destinados ao 2º ano e 60 livros destinados ao 3º ano do Ensino Fundamental. Em nossa pesquisa analisamos o total de 180 livros dos acervos destinados aos 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, buscando em seus textos e ilustrações as possibilidades de feminilidades apresentadas, produzidas, legitimadas e silenciadas.

Nosso interesse em pesquisar os livros dos acervos das obras complementares surgiu pelo fato de ser um material que vem sendo trabalhado nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Atualmente, quando a pesquisadora volta à prática pedagógica como professora do 1º ano do Ensino Fundamental, vemos a grande relevância desta pesquisa para que nós educadoras/es possamos repensar nossa prática pedagógica voltada para as discussões de gênero, temática essa na maioria das vezes ausente do contexto escolar.

Para subsidiar as análises e discussões desta dissertação, utilizamos como referencial teórico os Estudos Feministas, Estudos de Gênero, Estudos Culturais e pressupostos foucaultianos. Para tanto, nos aproximamos dos estudos de Louro (1997; 1998; 2000; 2003; 2007; 2008), Xavier Filha (2009; 2012; 2014), Sabat (2001), Guizo (2005), Silva (2012), Felipe (2009; 2012; 2014), Foucault (1985; 1979), dentre outros/as estudiosos/as. Não poderíamos deixar de mencionar a contribuição teórica e metodológica que o Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX) teve nesta pesquisa com as inúmeras discussões e estudos nas temáticas de: gênero, sexualidades, diversidades/diferenças e educação.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: no “Capítulo 1 – Caminhos teórico-metodológicos”, onde são apresentadas as trajetórias pessoais e de pesquisa da autora

deste trabalho; os objetivos e o objeto de estudo desta dissertação; o tema e os caminhos metodológicos trilhados nesta pesquisa; o critério de seleção dos livros para a infância e sua utilização como fontes de pesquisa e o aprofundamento teórico dos conceitos trabalhados. O “Capítulo 2 – A Glória é uma menina muito esperta. Análises dos livros para a infância” contém a descrição dos livros para a infância selecionados para a pesquisa. O “Capítulo 3 – Análises e discussões sobre a constituição de feminilidades nos livros para a infância” descrevemos² os livros como artefatos culturais que trazem conceitos, dentre os quais estão os de feminilidades. Nos apêndices constam as fichas descritivas de cada livro selecionado e analisado.

Esta pesquisa tem como propósito contribuir para as discussões relacionadas às questões de gênero nos livros para a infância que compõem o acervo das obras complementares do programa PNAIC. Pretende ser uma ferramenta reflexiva e problematizadora para as/os professoras/as que poderão utilizar esses livros para a infância em sala de aula.

² Preferimos utilizar a escrita na primeira pessoa do plural no decorrer desta dissertação, pois compreendemos que essa escrita é uma construção coletiva entre orientanda e orientadora.

CAPÍTULO 1 – CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos as trajetórias pessoais e de pesquisa da autora, os pressupostos teórico-metodológicos da dissertação, os livros para infância como fonte de pesquisa e o embasamento teórico que norteou a pesquisa. Com base nos estudos da teoria pós-crítica, destacamos que:

Na construção metodológica que fazemos, em momento algum desconsideramos o já produzido com outras teorias, com outros olhares, com outras abordagens sobre o objeto que escolhemos para investigar. Ocupamos do já conhecido e produzido para suspender significados, interrogar os textos, encontrar caminhos, rever e problematizar os saberes produzidos e os percursos trilhados por outros. Enfim, buscamos as mais diferentes inspirações e articulações para modificar o dito e o feito sobre a educação e o currículo. (PARAÍSO, 2012, p. 25).

Com base na citação, afirmamos que nossa construção teórico-metodológica foi importante para a escrita da dissertação e os caminhos que trilhamos para as nossas problematizações, aspectos que iremos detalhar ao longo deste capítulo.

1.1 Trajetória pessoal

Comecei³ a frequentar a escola com seis anos de idade, seguindo rígidas normas e, neste sentido, considero Louro bastante feliz em sua assertiva ao dizer que: “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso” (LOURO, 1997, p. 57). Convivia com essas diferenças na rotina diária da escola. Como exemplo, posso citar as frequentes separações de meninos e meninas, principalmente nas filas, no refeitório, nas apresentações (em datas comemorativas ou de atividades em grupo).

Com o ingresso nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o gosto pela leitura colocou-me frente ao mundo dos livros para a infância. Com isso também houve a escolha da profissão, articulando o meu desejo de ensinar e a vontade da família em ter uma filha na carreira do magistério. Ingressei no magistério, que era predominantemente frequentado por mulheres, e posteriormente decidi seguir na graduação em Pedagogia, iniciando assim minha vida profissional na área de Educação.

³ Utilizarei a primeira pessoa do singular neste subtítulo por se tratar de narrativa sobre minhas experiências.

Tive a oportunidade de ingressar em dois concursos públicos pela Prefeitura Municipal de Corumbá⁴ e, com isso, garantir minha estabilidade estatutária. As experiências foram muitas, tive a oportunidade de lecionar desde a Educação Infantil, com crianças na faixa etária de zero a cinco anos até os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ingressei no curso de Mestrado em Educação pela necessidade de crescimento profissional e, até mesmo, de futura melhoria salarial, uma vez que o Estatuto do Magistério da Secretaria de Educação de Corumbá-MS nos ampara no afastamento, com ônus. Dessa forma, passei-me a dedicar integralmente aos estudos do referido curso. Para ingressar no mestrado propus um projeto de pesquisa voltado à prática pedagógica do educador masculino na creche, mas, no decorrer das diversas leituras realizadas e da participação nas discussões do GEPSEX, meu interesse principal voltou-se aos livros para a infância por começar a olhá-los como elementos de pedagogia cultural, ou seja, como eles de fato educam e ensinam modos de ser menina e menino. Outro fator primordial foi à oportunidade de participar como aluna especial do Mestrado em Educação da disciplina “Gênero, Sexualidade e Educação”, ministrada pela professora Dr.^a Constantina Xavier Filha, orientadora desta dissertação. Essa disciplina foi de grande valia para conhecer as perspectivas teóricas sobre gênero, sexualidade e educação, além de formarem a base teórica desta dissertação. Outro motivo do meu interesse pelos livros foi à trajetória de pesquisa da minha orientadora que prioriza dos livros como fonte de estudos.

Meu primeiro contato com a Prof.^a Constantina enquanto orientadora foi crucial para repensar minha pesquisa, o tema, o objeto, os objetivos e os pressupostos teóricos. A professora se disponibilizou a me orientar em finais de semana ou até mesmo em feriados, ela sempre esteve presente nas decisões mais importantes deste trabalho.

Particpei também do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX), coordenado pela professora Dr.^a Constantina Xavier Filha o qual tem por finalidade propiciar discussões, estudos, projetos de pesquisas e de extensão, nas temáticas de gênero, sexualidades, diversidades/diferenças e educação, Estudos de Gênero, Estudos das

⁴ Corumbá é um município do estado de Mato Grosso do Sul com aproximadamente 108.000 (cento e oito mil habitantes). Está localizado a 420 km de Campo Grande, fazendo fronteira com a Bolívia. É uma cidade que possui grande diversidade multicultural, englobando as culturas árabe, italiana, portuguesa, sul-americana (paraguaios, argentinos, uruguaios, bolivianos) e indígena. É uma cidade festeira, tendo como referência o Carnaval, Festival América do Sul e a Festa do Banho de São João (O Arraial do Banho de São João é tradição em Corumbá e uma das maiores festas juninas do Mato Grosso do Sul. Durante três dias, milhares de pessoas passam pelo Porto Geral da cidade, às margens do Rio Paraguai, para celebrar São João. O ponto alto é reservado para o dia 23 de junho quando os festeiros, mais de 100, descem com seus andores enfeitados, passam pela Ladeira Cunha e Cruz, em direção à prainha do Porto, para banhar a imagem do santo nas águas do Paraguai). <http://www.corumba.ms.gov.br/noticias/banho-de-sao-joao-festa-que-movimenta-toda-a-cidade-de-corumba/14375/>- Acesso 23 de Setembro de 2015.

Sexualidades, Estudos Feministas e pressupostos foucaultianos. A participação no GEPSEX foi fundamental para o enriquecimento desta pesquisa e seu embasamento teórico.

No decorrer dos dias 29 e 30 de novembro do ano de 2012, participei do I Seminário Sul-Mato-Grossense de Educação para as Sexualidades, Gênero e Diversidades, ocorrido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) na cidade de Campo Grande-MS. O evento foi realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX). Neste evento foram discutidos assuntos referentes às práticas pedagógicas, teóricas e políticas nas temáticas de Sexualidades, Gênero, Diferença; Diversidades na Educação-Grupos de Estudos e Pesquisas; Formação Docente; Livros e outros artefatos culturais para a infância; e Produção de Filmes de Animação.

Durante o evento, a Prof.^a Dr.^a Constantina Xavier Filha lançou o filme de animação *A Princesa Pantaneira* e o livro para a infância *As aventuras da Princesa Pantaneira*. Ambos foram produtos do Projeto de Pesquisa "Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças" e do Projeto de Extensão "Produção de filme de animação com crianças", com coordenação dessa mesma professora. O livro e o filme foram elaborados coletivamente, com a participação de crianças e de adolescentes nos anos de 2010 e 2011, em oficinas na Escola Municipal Abel Freire de Aragão na cidade de Campo Grande.

Outros eventos que participei, também coordenados pela professora Dr.^a Constantina Xavier Filha, foram: I Seminário do GEPSEX – Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero; I Seminário do Projeto de Extensão Produção de Filmes de Animação com crianças, 2013; I Seminário do Curso de Extensão Gênero e Diversidade na Escola e o II Seminário Sul-Mato-Grossense de Educação para as Sexualidades, Gênero e Diversidades. Nesses eventos, as discussões sobre as práticas pedagógicas, teóricas e políticas abarcaram Sexualidades, Gênero, Diferença, Diversidades na Educação – Ações do GEPSEX; Projetos de Extensão: GDE; Produção de filmes de animação com crianças – 2013; Princesa Pantaneira vai à escola; Estudos, pesquisas e aprofundamentos teórico-metodológicos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero – GEPSEX – 2013; Pesquisa Representações de violência dentro e fora da escola nas vozes de crianças – apoio CNPq; Produção de Filmes de Animação com/para crianças. Tal evento foi realizado também pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade – GEPSEX que ocorreu nos dias 05 e 06 de dezembro do ano de 2013, no anfiteatro do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Fui aluna do curso de extensão Gênero e Diversidade na Escola – GDE, sob a coordenação da professora Dr.^a Constantina Xavier Filha, no ano de 2013, perfazendo uma carga horária de 200 horas/aula, composto por cinco Unidades Didáticas e com a duração total prevista de cinco meses. Esse curso foi dividido em doze horas semanais de estudos e abrangia o acesso à navegação na plataforma do curso, participação em fóruns, estudos com aprofundamento nos conteúdos das Unidades Didáticas, leituras, realização de atividades, elaboração de trabalhos avaliativos, muitas pesquisas e diversas ações referentes a cada unidade estudada. O curso teve quatro encontros presenciais de participação obrigatória, nos quais foram feitas diversas discussões sobre temas primordiais: gênero, sexualidade, diversidade/diferença na educação da infância. No seu decorrer, observei e participei de discussões cruciais para a formação docente e sobre temas que muitas vezes não são discutidos, e passam despercebidos no contexto escolar, como: uma educação não homofóbica, não-sexista, não misógina, não racista e justa. O GDE propiciou muitas ações necessárias para minha formação enquanto professora. Desse modo, pude refletir e problematizar as práticas pedagógicas, que muitas vezes, estão carregadas de preconceitos, bem como repensar as muitas possibilidades em espaços inclusivos.

Outro aspecto importante para minha pesquisa foi à oportunidade de participar com a apresentação do artigo “Construção de feminilidades nos livros infantis” do II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade; VI Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade e II Encontro Gênero e Diversidade na Escola⁵ organizado pela UFJF, UFLA, FURG e UFRGS. Neste seminário foram discutidas as experiências e pesquisas produzidas por profissionais que vêm desenvolvendo estudos que articulam as teorizações dos campos dos Estudos Culturais e da Educação. Também realizei a inscrição para a modalidade pôster no XII Encontro de Pesquisas em Educação da região Centro-Oeste Reunião Científica Regional da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação)⁶, com o resumo expandido intitulado “Os modos de constituir feminilidades nos livros infantis” no GT 23 , Gênero, Sexualidade e Educação. O evento teve como tema central a “Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: contradições e desafios para a transformação social”.

Considero que todas essas ações formativas foram importantes para minha trajetória pessoal e para a delimitação do objetivo em pesquisar esse tema. Sendo assim, concordo com Paraíso quando afirma que: “Inventamos modos de pesquisar a partir do nosso objeto de

⁵ O seminário ocorreu nos dias 24 a 26 de setembro de 2014 na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – Minas Gerais.

⁶ O evento ocorreu nos dias 19 a 22 de outubro de 2014, no campus II da Pontifícia Universidade Católica de Goiás–PUC, em Goiânia.

estudo e do problema de pesquisa que formulamos” (PARAÍSO, 2012, p. 33). Foi fundamental todo o percurso e trajeto que levaram a esta pesquisa, principalmente “[...] trabalhar com o que sentimos, vemos, tocamos, manuseamos e escutamos em nosso fazer investigativo” (PARAÍSO, 2012, p. 33).

A perspectiva pós-crítica nos ajudou a problematizar os livros para a infância a partir das imagens e dos textos, lançando um olhar daquilo que está comumente naturalizado e considerado ‘normal’, provocando inquietações e estranhamentos.

1.2 Trajetória de pesquisa

Como foi citado anteriormente, foram muitos caminhos trilhados e muitas discussões referentes ao nosso embasamento teórico para a nossa pesquisa. O que mais nos ajudou a definir nosso tema, objeto e objetivos foram as oportunidades de participar como aluna especial do Mestrado em Educação na disciplina “Gênero, Sexualidade e Educação”, ministrada pela professora Dr.^a Constantina Xavier Filha, e como integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX), também coordenado pela mesma professora, assim como, devido às inúmeras orientações e as muitas leituras produtivas das perspectivas estudadas na disciplina e no Grupo de Estudos e Pesquisas, nos dois seminários realizados nos anos de 2012 e 2013 e no curso de extensão Gênero e Diversidade na Escola – GDE, ambos coordenados pela professora Dr.^a Constantina Xavier Filha, como foi mencionado anteriormente.

Tínhamos inicialmente como projeto de pesquisa analisar os livros para a infância disponíveis na sala de leitura de uma escola municipal do Município de Corumbá, porém decidimos focar nossa pesquisa nos acervos das obras complementares que fazem parte do programa *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC) pelo fato de ser um material distribuído para todas as escolas que participam do programa; portanto fácil de ser obtido por estar disponível para uso contínuo nas salas de aulas das séries iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas do município.

Foi elaborado um projeto focado no acervo das obras complementares que “surgem como mais um recurso que pode vir a auxiliar os/as docentes do ciclo de alfabetização nessas práticas pedagógicas” (BRASIL, 2012, p. 20). “Os acervos das obras complementares distribuídos pelo MEC têm características próprias” e, portanto, “as obras que os compõem estão em sintonia com os currículos, na medida em que não só abordam temas de interesse

escolar, como foram concebidos e realizados de forma a favorecer a aprendizagem” (BRASIL, 2012, p. 20). Outra característica deste acervo das obras complementares é que eles são “de natureza simultaneamente cultural e escolar (...) destinados a articular o letramento e a alfabetização iniciais com o acesso às grandes áreas dos conhecimentos escolares e mesmo às disciplinas” (BRASIL, 2012, p. 20).

Os livros que compõem o acervo das obras complementares, apesar de terem como propósito auxiliar no trabalho pedagógico de letramento e alfabetização das crianças, extrapolam esse objetivo, ensinam vários outros aspectos porque são artefatos culturais que veiculam e produzem significados principalmente relacionados ao nosso objetivo de pesquisa, as feminilidades.

A partir disso, ocorreram muitas discussões e estudos até delimitarmos o nosso tema, o nosso objeto e os nossos objetivos. Decidimos, ao final, que a pesquisa objetivaria identificar a constituição de feminilidades nos livros para a infância inseridos no acervo das obras complementares do programa *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC), distribuídos pelo Ministério da Educação e da Cultura por intermédio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) às escolas públicas cadastradas no censo escolar, aos/as professores/as, alunos/as que participam do projeto PNAIC e que recebem recursos didáticos diversificados.

Com a delimitação da pesquisa a ser desenvolvida, foi possível repensarmos o nosso objeto de estudo que foram as feminilidades presentes nos livros para a infância. Percorrendo alguns sítios de pesquisas, principalmente da Universidade Federal do Rio Grande Sul, encontramos pesquisas que se aproximavam do nosso objeto de estudo, as feminilidades, e também de nossas fontes, os livros para a infância.

Relataremos, a seguir, alguns estudos que enriqueceram a nossa pesquisa e que nos auxiliaram para as análises dos livros selecionados, a saber: Guizo (2005), *Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da Educação Infantil*; Carvalhar (2009), *Relações de gênero no currículo da Educação Infantil: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos que problematiza as questões de gênero*; Argüello (2005), *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*; Medeiros (2010), *Bob Esponja: produções de sentidos sobre infâncias e masculinidades*; Silva (2008), *A Infância no currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis*; e Ramos (2008), *A Construção do gênero e da sexualidade na literatura infantil*.

Na pesquisa de Guizo (2005) *Identidades de gênero e propagandas televisivas*: um estudo no contexto da Educação Infantil, a autora investigou uma turma de pré-escola em uma Escola Municipal de Porto Alegre, composta por dezesseis meninos e quatro meninas, explorando situações e falas que emergiram no referido âmbito escolar, principalmente a partir de propagandas televisivas voltadas para o público infantil. Com o objetivo de analisar a maneira como algumas propagandas veiculadas pela televisão representam e visibilizam os modos de ser menina e menino, a autora orientou sua investigação partindo das conversas e discussões que teve com as crianças. Segundo a autora, as ideias e opiniões dessas propagandas televisivas ditam normas, ensinam o que é certo e errado, mostram como as meninas e os meninos são normalizados nessas condutas de comportamentos.

No estudo de Carvalhar (2009), *Relações de gênero no currículo da educação infantil*: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos vem problematizando as questões de gênero, a pesquisadora analisou de que forma o currículo da Educação Infantil, em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, tem contribuído para nomear e produzir identidades 'genericadas' das crianças atendidas. A autora utilizou como referencial teórico os Estudos de Gênero e as contribuições dos Estudos Culturais em sua vertente pós-estruturalista. Os procedimentos metodológicos foram inspirados na etnografia e foram utilizados diferentes conceitos como gênero, currículo, identidade, poder, para analisar os modos como masculinidades e feminilidades são produzidas no currículo investigado. Nas análises dessa pesquisa, nota-se que as identidades infantis vêm apresentando modelos de feminilidades e masculinidades, reiterando marcas que são aceitas em nossa sociedade dentro de processos de normalização das condutas. Segundo a autora, a sexualidade é acionada nos discursos heteronormativos na tentativa de produzir a heterossexualidade como norma social e de regular os comportamentos das crianças por meio de técnicas de constrangimento, censura e estimulação da norma. A autora concluiu que os discursos que circulam na família e na mídia se cruzam com o discurso do currículo escolar para a produção dos corpos infantis masculinos e femininos de formas diferenciadas, com implicações importantes em suas identidades de gênero.

Argüello (2005), em sua pesquisa *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*, partindo das teorizações produzidas no campo dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas e utilizando ferramentas de Michel Foucault, procurou subsídios para a realização da pesquisa, que foi ancorada em uma perspectiva pós-estruturalista. A pesquisadora buscou compreender quais são os significados de gênero que crianças de quatro

a seis anos, de uma escola particular de Educação Infantil, tinham. As crianças os atribuíram a onze histórias infantis não-sexistas, que nos seus textos problematizavam questões de gênero. A pesquisadora também considerou, como textos a serem analisados, as brincadeiras e as manifestações das crianças em diferentes momentos da rotina pedagógica, procurando perceber os discursos que circulam em práticas de objetivação/subjetivação que são acionadas no governo das populações infantis. Segundo a pesquisadora, a literatura infantil se torna um material com diversos conceitos que poderão ser analisados em diferentes ângulos e formas.

Na pesquisa *Bob Esponja: produções de sentidos sobre infâncias e masculinidades*, Medeiros (2010) investigou a forma como as infâncias e as masculinidades são apresentadas no desenho animado *Bob Esponja Calça Quadrada* a partir da análise da interação de linguagens visuais e sonoras. A pesquisadora selecionou esse desenho animado para ser o seu objeto de estudo. A escolha desse desenho, entre tantos outros veiculados pela mídia, se deu principalmente devido ao grande interesse por parte das crianças por ele. Essa também foi condição determinante para torná-lo o foco da pesquisa: “Interação de linguagens no desenho animado Bob Esponja, leitura, televisão e infância”, da mesma autora. Nessa, a autora procurou discutir quais masculinidades estão representadas nos desenhos do Bob Esponja Calça Quadrada, uma vez que a maioria das personagens é do sexo masculino, e como as relações da sexualidade dessas personagens estão presentes quando o desenho é abordado. A autora conclui que a masculinidade como construção social é produzida pelos sujeitos como senhores absolutos por meio do uso de formações discursivas na sociedade. O discurso masculino é um exercício ligado ao poder no qual os sujeitos, ao reproduzi-los, se apropriam de supostas verdades que lhes beneficiam.

Silva (2008) pesquisou *A Infância no currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis*. A autora verificou as subjetividades disponibilizadas por quatro filmes de animação produzidos pela Disney e pela Pixar: *ToyStory* (1995), *Monstros S.A.* (2001), *Procurando Nemo* (2003) e *Os Incríveis* (2004). No decorrer da pesquisa a autora considerou que tais filmes ensinam determinados modos de ser, estar e fazer considerados adequados para o público ao qual se endereçam, ou seja, de acordo com a pesquisadora esses filmes têm um currículo para o “público cultural”. Segundo ela, o currículo dos filmes constrói subjetividades infantis por meio da apresentação de dois modelos de infância (a infância-potencialidade e a infância-monstro) e por meio do governo de condutas infantis. Operar esse governo é importante tanto para o controle que os/as adultos/as exercem sobre as crianças, como para esse governo que vem acionando técnicas

relacionadas às relações de gênero e, dessa maneira, disponibilizando subjetividades ‘generificadas’ para seu público. Diferentes estratégias utilizadas pelos filmes podem ajudar a construir subjetividades infantis submetidas à figura adulta. A autora conclui alertando para a necessidade de estudos que ajudem a compreender como a infância vem sendo narrada na contemporaneidade, a fim de possibilitar a construção de novos modos de ser e agir, tanto para os/as adultos/as que lidam com as crianças.

A pesquisa de Ramos (2008), *A Construção do gênero e da sexualidade na literatura infantil*, analisa a literatura infantil selecionada pelo MEC para a escola pública no ano de 2005 em um total de 38 obras. Segundo essa pesquisa, os/as docentes vêm utilizando inúmeros instrumentos para construir valores normativos sobre a sexualidade e os gêneros, sendo que uma das ferramentas utilizadas é a literatura infantil. Partindo dessa premissa, a pesquisadora analisou a literatura infantil como instrumento veiculador de uma cultura dos/as adultos/as que objetiva o sujeito infantil. Analisou, também, a construção da sexualidade e do gênero em obras de literatura infantil, que refletem e normalizam comportamentos da sociedade. No decorrer da pesquisa, o foco foi nas análises nos discursos produzidos acerca da temática ‘Gênero, sexualidade e família’. Segundo a autora, é interessante voltar nosso olhar para os livros e ver o que realmente eles trazem de importante a ser pesquisado, seja na relação de gênero, sexualidade ou diversidade.

As pesquisas acima citadas foram imprescindíveis para a escrita deste trabalho, principalmente no tocante as perspectivas teóricas. Esses estudos possibilitaram ampliar e compreender o gênero enquanto construção social e nortearam a problematização do nosso objeto de pesquisa.

No próximo item discutiremos o objeto, o objetivo geral e específico da pesquisa e os referenciais teóricos utilizados.

1.3 A pesquisa

Como citado no item anteriormente, a pesquisa passou por muitas mudanças até chegarmos ao objetivo de identificar a constituição de feminilidades nos livros para a infância inseridos nos acervos das obras complementares do programa PNAIC.

Tendo como objetivo geral o estudo da constituição de feminilidade nos livros para a infância, nesta pesquisa conceituamos os livros para a infância como artefatos culturais que ensinam determinados modos de ser às meninas e aos meninos. Esta perspectiva sobre o livro

como artefato cultural foi embasada nas afirmações de Xavier Filha: “Os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e instituem a forma adequada e ‘normal’ para a vivência da sexualidade e da feminilidade e masculinidade” (XAVIER FILHA, 2009, p. 72). Nossa pesquisa teve como objetivos específicos identificar como as feminilidades são construídas e produzidas nesses livros; coletar e agrupar os livros para a infância de acordo com as concepções de gênero que são construídas e produzidas; selecionar e analisar os livros para a infância partindo das discussões e do embasamento teórico da pesquisa. Ao tomar a constituição de feminilidades nos livros para a infância, alguns questionamentos nortearam nossa abordagem das fontes escolhidas: Quais são os modelos de feminilidades produzidas e/ou veiculadas? Quais identidades femininas são legitimadas nos livros para a infância?

Tendo essas questões como fios condutores da pesquisa, foi possível pensar como são constituídas as identidades femininas a partir dos livros para a infância e pensá-las como plurais e em constante processo de transformação. Desse modo, entendemos que o gênero é construído culturalmente, são muitas as marcas que os sujeitos vão recebendo, bem como rejeitando, sujeitando-se, no decorrer de suas vidas, ou seja, somos produzidos e transformados pela cultura que nos cerca e que está presente em toda parte.

O caminho traçado e algumas mudanças para chegarmos ao nosso objeto foram indispensáveis para a construção da pesquisa em seus objetivos, tema, pressupostos teóricos e conceitos utilizados. No próximo item descrevemos os pressupostos teórico-metodológicos e critérios de agrupamentos para seleção dos livros.

1.4 Pressupostos metodológicos

Neste item, iremos detalhar os critérios e os agrupamentos dos livros selecionados, atentado para os objetivos propostos na pesquisa. Inicialmente, tínhamos pensado em analisar os livros infantis da sala de leitura de uma escola municipal do Município de Corumbá – MS, como já mencionado. Em diálogo com a coordenadora da escola, a mesma mencionou o acervo das obras complementares, que segundo ela, vêm sendo utilizadas com frequência pelos/as professores/as das séries iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, a escolha desses livros para a infância se deu pelo fato de apresentarem mais elementos que se

coadunavam à nossa perspectiva investigativa, possibilitando análises que culminaram com a elaboração desta pesquisa e por se tratar de um material disponível nas escolas públicas.

Como metodologia utilizamos a pesquisa documental, o que norteou as análises dos livros para a infância selecionados, pois ela facilitou descrever e analisar os livros para a infância selecionados por meio de alguns questionamentos sobre essas fontes como, por exemplo: Quais são os modelos de feminilidades produzidas e/ou veiculadas? Quais identidades femininas são legitimadas nos livros para a infância? Para problematizar e discutir essas questões nos valemos de estudos na perspectiva pós-crítica, o que nos possibilitou encontrar novos modos de fazer, olhar, pensar e agir. Segundo Paraíso, “não podemos mais pesquisar do mesmo modo que, em outros tempos, investigamos em educação” (PARAÍSO, 2012, p. 27): devemos lançar olhares diferenciados para temáticas tidas como comuns e naturalizadas. A principal mudança no modo de pesquisa é que “ampliamos nossas categorias de análise que deixaram de priorizar apenas classe social” (PARAÍSO, 2012, p. 27) e “passaram a atentar e a operar com questões de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração, idade, cultura, regionalidade, nacionalidade, novas comunidades, localidade, ‘multiculturalidade’” (PARAÍSO, 2012, p. 27).

Os livros para a infância, neste trabalho, foram selecionados e analisados atentando detalhadamente aos textos escritos e/ou imagéticos, procurando identificar os tipos de feminilidades que são veiculadas e/ou produzidas. Foram produzidas e/ou reproduzidas fichas de análise, a fim de descrever e detalhar os conteúdos dos livros, para facilitar a discussão da problemática do que procurávamos analisar⁷. Para tanto, elaboramos alguns critérios preponderantes que definissem a escolha dos livros como:

- Livros que traziam a construção das identidades de gênero;
- Livros que traziam uma feminilidade socialmente desejada;
- Livros que abordassem as questões da diferença e da identidade;
- Livros que trouxessem outras problematizações de feminilidades.

Analisamos um total de 180 livros, equivalente a seis caixas que são destinadas ao 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Posteriormente foram selecionadas 26 obras atentando aos critérios descritos acima. Os livros para a infância selecionados foram: *Lilás, uma menina diferente* (WHITCOMB, 2011); *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN,

⁷ As fichas produzidas estão nos Apêndices 1.

2010); *A joaninha que perdeu as pintinhas* (PAES, 2010); *Minha família é colorida* (MARTINS, 2011); *Carta do tesouro: para ser lida às crianças* (MIRANDA, 2013); *Sofia, a Andorinha* (TABOADA, 2011); *Quem vai ficar com o pêssego?* (YOON, 2010); *Tem alguma coisa debaixo do cobertor* (KIM, 2011); *A velhinha na janela* (JUNQUEIRA, 2008); *Gente de muitos anos* (CARVALHO, 2009); *Os feitiços do vizinho* (JUNQUEIRA, 2009); *Livro das adivinhas* (MOTA, 2011); *O menino Nito: então, homem chora ou não?* (ROSA, 2008); *Soltando os bichos* (FERRÃO; RALPHES, 2011); *O silencioso mundo de Flor* (FRANÇA, 2011); *A menina, o cofrinho e a vovó* (CORALINA, 2011); *Chapeuzinho Vermelho e as cores* (ABU, 2011); *Dandara, o dragão e a lua* (ROSSATO, 2013); *Pretinho, meu boneco querido* (FURTADO, 2008); *Bruna e a galinha d'Angola* (ALMEIDA, 2011); *Frederico Godofredo* (LEÃO, 2010); *Quem é Glória?* (COSTTA, 2011); *Iguais, mas diferentes* (GUEDES, 2011); *A árvore da família* (ZAKZUK, 2011); *Era uma vez uma bota* (ZATZ, 2011); e *Turma da Mônica: Folclore brasileiro* (SOUSA, 2009).

Dentre as vinte e seis obras selecionadas, dois livros abordavam mais especificamente a construção das identidades de gênero: *O menino Nito: então, homem chora ou não?* (ROSA, 2008) e *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010). Oito livros traziam uma feminilidade socialmente desejada: *A velhinha na janela* (JUNQUEIRA, 2008); *Gente de muitos anos* (CARVALHO, 2009); *Os feitiços do vizinho* (JUNQUEIRA, 2009); *Livro das adivinhas* (MOTA, 2011); *Iguais mas diferentes* (GUEDES, 2011); *A árvore da família* (ZAKZUK, 2011); *Era uma vez uma bota* (ZATZ, 2011) e *Turma da Mônica: folclore brasileiro* (SOUSA, 2009).

Oito livros abordavam as questões da diferença e da identidade: *Lilás, uma menina diferente* (WHITCOMB, 2011); *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010); *A joaninha que perdeu as pintinhas* (PAES, 2010); *Carta do tesouro: para ser lida às crianças* (MIRANDA, 2013); *Minha família é colorida* (MARTINS, 2011); *Frederico Godofredo* (LEÃO, 2010); *Pretinho meu boneco colorido* (FURTADO, 2008) e *Bruna e a galinha d'Angola* (ALMEIDA, 2011). Dez livros trouxeram outras problematizações de feminilidades: *Sofia, a Andorinha* (TABOADA, 2011); *Quem vai ficar com o pêssego* (YOON, 2010); *Soltando os bichos* (FERRÃO & RALPHES, 2011); *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010); *O silencioso mundo de Flor* (FRANÇA, 2011); *A menina, o cofrinho e a vovó* (CORALINA, 2011); *Chapeuzinho Vermelho e as cores* (ABU, 2011); *Dandara, o dragão e a lua* (SUERTEGARAY, 2013); *Quem é a Glória?* (COSTTA, 2011) e *Tem alguma coisa debaixo do cobertor* (KIM, 2011).

Com todos os critérios destacados, elaboramos a ficha de análise, que foi fundamental para detalhar os conteúdos dos livros e facilitar a discussão da problemática do que procurávamos analisar, voltando nossos olhares para os textos escritos e imagéticos, a fim de identificarmos os tipos de feminilidades que são veiculadas/produzidas e as identidades de gênero. Elaboramos a ficha com os seguintes segmentos: dados de identificação (referência bibliográfica, autor/a, ilustrador/a, edição e editora); identificação do agrupamento da obra como: Gênero, Identidade de Gênero e Identidade e Diferença; e, por fim, apresentação da capa de cada obra, com sua descrição e um breve resumo (vide apêndice 2). No próximo item conceituamos nossas fontes de pesquisa.

1.5 Livros infantis como fonte de pesquisa

Nesta pesquisa, conceituamos os livros para a infância como artefatos culturais, partes integrantes das pedagogias culturais, tal como apontado pelos estudos de Xavier Filha (2014). Tais artefatos discutem, produzem/reproduzem saberes e valores que, muitas vezes, regulam modos de ser e agir, constituindo identidades. Os livros dos acervos das obras complementares são enviados as séries iniciais do Ensino Fundamental para as crianças e professores/as de escolas públicas que participam do PNAIC, constituindo e construindo saberes a partir dos modos de socializar, especificamente na construção de feminilidades.

Primeiramente, descreveremos sobre o programa PNAIC e como esses acervos das obras complementares são enviadas as escolas. O referido programa foi implantado pela portaria nº 867 de quatro de julho de 2012, tendo como finalidade a formação continuada de professores/as alfabetizadores/as que atuam nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Foram propostos dois anos (2013 e 2014) de curso presencial para os/as professores/as alfabetizadores/as, baseado no programa Pró-Letramento, com metodologia, estudos e atividades práticas. O programa PNAIC tem o objetivo de desenvolver ações que venham contribuir para as discussões acerca dos direitos e aprendizagens das crianças na fase de alfabetização por meio de processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem das mesmas. O PNAIC é um programa do Ministério da Educação (MEC) que articula parcerias com o Governo Federal, governos estaduais e municipais e do Distrito Federal, unindo esforços e recursos na valorização dos/as professores/as e das escolas, dispondo de apoio pedagógico com materiais didáticos de qualidade para todas as crianças na fase de alfabetização e implantando sistemas de avaliação, gestão e monitoramento, sendo o principal

objetivo alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade, mostrando como referência o decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 e a Meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE).

De acordo com o sítio do Ministério da Educação e Cultura (MEC)⁸, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. Portanto, é um conjunto integrado de programas, formação, materiais e referências curriculares e pedagógicas que são disponibilizados pelo Ministério da Educação e que contribuem para a alfabetização e o letramento do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

No decorrer de três anos, o ciclo de alfabetização oferecido visa proporcionar a alfabetização e o letramento incluindo a criança na cultura e escrita tendo por objetivo sua aprendizagem de leitura e da escrita. O programa procura aumentar a capacidade de produção e compreensão de textos orais das crianças em situações familiares e não familiares, proporcionando um universo de referências culturais das diversas áreas do conhecimento. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 Anos (Resolução CNE nº 7/2010), os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem proporcionar a alfabetização e o letramento desenvolvendo as diversas formas de expressão, englobando o aprendizado das variadas disciplinas.

O Pacto foi desenvolvido, de acordo com o sítio do Ministério da Educação e Cultura (MEC)⁹ por meio de ações que incentivem a ação reflexiva docente em seu contexto escolar. Foram sugeridas cinco metas principais: Currículo inclusivo, que defende os direitos de aprendizagem de todas as crianças, fortalecendo as identidades sociais e individuais; Integração entre os componentes curriculares; Foco na organização do trabalho pedagógico; Seleção e discussão de temáticas fundantes; e Ênfase na alfabetização e letramento das crianças.

Sendo assim, o programa PNAIC vem ampliando e discutindo o processo formativo, a alfabetização e o letramento em uma aproximação interdisciplinar que engloba variadas disciplinas. Desta maneira, o PNAIC privilegia um diálogo constante e sistemático com a prática docente e com a equipe pedagógica da escola, garantindo os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos/as alunos/as, melhorando a qualidade do ensino público. O programa também colabora para a melhoria na qualidade do processo de formação continuada dos/as

⁸ Disponível em <<http://pacto.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em 18 Mar 2014.

⁹ Disponível em <<http://pacto.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em 18 Mar 2014.

professores/as alfabetizadores/as para o desenvolvimento crítico/reflexivo e desenvolve ações como: formação continuada presencial dos/as professores/as; avaliação sistemática a que contemplem as avaliações processuais; materiais didáticos entregues pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O PNAIC ¹⁰ mobilizou os 26 Estados e o Distrito Federal, atingindo um total de 5.497 municípios do país, garantindo a participação de um total de 313 mil professores/as alfabetizadores/as e mais de 15 mil orientadores/as de estudo, contando como apoio uma rede de Universidades públicas brasileiras responsáveis pelo processo de formação continuada e elaboração de material didático específico, ademais daqueles distribuídos na esfera do PNLD e do PNBE. O programa também viabilizou a articulação entre as instituições públicas de Educação Superior e as escolas de Educação Básica promovendo o debate sobre as licenciaturas e uma melhor compreensão da prática pedagógica do/a professor/a e das metodologias utilizadas nas unidades escolares.

No nosso estado de Mato Grosso do Sul a instituição formadora é a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tem como Coordenação Estadual a Prof.^a Dr.^a Regina Aparecida Marques de Souza, que juntamente com os/as Orientadores/as de Estudo e professores/as formadores/as realizam formações com momentos de estudo, inovação nas metodologias aplicadas na sala de aula, priorizando uma perspectiva que vai além do ensinar e ler e escrever, e sim as que estão interligadas ao ensino nos diversos contextos sociais e culturais dos quais as crianças estão inseridas, realizando a formação continuada para os/as professores/as alfabetizadores/as.

A coordenadora estadual do PNAIC, Prof.^a Dr.^a Regina Aparecida Marques de Souza, pontua em suas palestras que o mesmo é um projeto nacional com todos os entes federativos. Cada um tem uma responsabilidade para que o processo de alfabetização seja bem sucedido.

O PNAIC no estado de Mato Grosso do Sul¹¹, atende a rede de educação dos 79 municípios e a rede estadual de educação. O programa, em nível nacional, em 2013 teve parceria com 37 universidades públicas que são responsáveis pela formação dos/as professores/as alfabetizadores/as.

Com isso, foi planejada a diversidade de situações e desafios envolvidos nessa organização didático-pedagógica e desse modo o MEC, por meio de programas como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Programa Nacional Biblioteca da Escola

¹⁰ Disponível em <<http://pacto.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em 18 de Mar de 2014.

¹¹ Disponível em <<http://www.pantanalnews.com.br/contents.php>>. Acesso em 24 de setembro de 2015.

(PNBE)¹², vem oferecendo às escolas públicas recursos didáticos diversificados, tais como: coleções de letramento e alfabetização; alfabetização matemática; coleções voltadas para as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências; acervos diversificados de obras complementares ao processo de alfabetização inicial, elencando temas relativos às disciplinas escolares nas áreas de Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas, Dicionários, Obras literárias do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE); e materiais didáticos diversos como, jogos, alfabetos móveis, material dourado etc.

Nesta pesquisa, utilizamos os acervos das obras complementares como fonte de estudo. Essas obras são distribuídas por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que é um programa que promove acesso à cultura e o incentivo à leitura aos/as alunos/as e professores/as, por meio da distribuição de acervos de obras literárias. Essas obras são diversificadas com textos em prosa, contos, versos, poemas, cantigas, parlendas, adivinhas, livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos.

O livro para a infância é um artefato cultural que produz/reproduz e veicula em seu texto (verbal e ilustrativo) representações de gênero, ensinam modos de ser menina, menino, homem, mulher. Traz em suas páginas diversidades de experiências que são construídas em múltiplos contextos da nossa vida. As significações e os efeitos que estão presentes nos livros infantis são importantes, uma vez que as crianças, como sujeitos sociais, interagem às inúmeras discussões da nossa sociedade.

Os livros para a infância são “tomados aqui como importantes artefatos culturais produzidos para a infância” (XAVIER FILHA, 2014, p. 155). São instrumentos pedagógicos importantes, pois são utilizados desde a Educação Infantil até as séries iniciais do Ensino Fundamental. Para Sabat (2001), os artefatos pedagógicos e/ou culturais vão além de simples mecanismos de diversão. Segundo a autora, é “imprescindível voltar a atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes” (SABAT, 2001, p. 9), **ela cita** a mídia apenas um desses exemplos. Na presente análise dos livros para a infância, utilizamos o conceito de Xavier Filha (2014) que considera que “os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma “adequada” e “normal” de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade” (XAVIER FILHA, 2014, p. 155). Os livros para a infância como artefatos

¹² O PNBE é um Programa que promove o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos/as alunos/as e professores/as por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência, destinados as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esses livros são destinados às bibliotecas das escolas.

culturais contêm uma carga de significados, trazendo marcas de classe, etnia, religião, gênero, sexualidade, que estão presentes no dia a dia escolar, intercalando “silenciamento” de vozes, integrando e legitimando, definindo representações e identidades.

São inúmeros os artefatos culturais que são inseridos dentro do contexto escolar como: brinquedos, filmes, músicas e os livros para a infância, além de entretenimento e distração, eles também podem ser poderosos instrumentos para normalizar padrões, com discursos que muitas vezes reiteram e reafirmam a questão de gênero como natural e a heteronormatividade¹³ como modelo único a ser seguido. Segundo Guerra,

os artefatos culturais fazem parte de um currículo cultural, [...] não podem ser vistos somente como diversão e prazer, mas merecem ser olhadas de forma crítica, pois fazem parte do cotidiano das crianças e estão atravessadas por definições de condutas, de comportamentos e de sentimentos considerados adequados socialmente para meninos e meninas, contribuindo na constituição das identidades de gêneros e sexuais. (GUERRA, 2005, p. 70).

Desta maneira, os artefatos culturais vêm sendo acionados na educação das crianças propondo maneiras de educar os meninos e as meninas. Na mesma perspectiva, Sabat conceitua “um artefato cultural que comporta uma pedagogia destinada a ensinar procedimentos, a regular conduta, a direcionar desejos e comportamentos” (SABAT, 2008, p. 149). Segundo a autora os inúmeros artefatos existentes têm como principal função con/formar os sujeitos, adaptando-os de acordo com as normas sociais.

Na concepção de Xavier Filha; Rocha (2014) os artefatos culturais também:

produzem/reproduzem/veiculam determinadas concepções do que é ser menino/homem, menina/mulher, homossexual/heterossexual, criança/adulto, dentre outros temas, valendo-se muitas vezes de enunciados considerados verdade taxativa e única, como se constituíssem a ‘essência’ dos sujeitos”.(XAVIER FILHA; ROCHA, 2014, p. 175).

Os artefatos culturais, então, são importantes pois “produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e instituem a forma adequada e “normal” para a vivência da sexualidade e da feminilidade ou masculinidade” (XAVIER FILHA, 2012, p. 161). Voltando-nos especificamente para os livros para a infância, é importante lembrar

¹³ Heteronormatividade é um conjunto de normas, regras, procedimentos que regula e normaliza não apenas as identidades sexuais como também as identidades de gênero, estabelecendo modos de comportamentos, maneiras de ser e atitudes (SABAT, 2008).

que os mesmos “são artefatos culturais que merecem destaque, estudo, apreciação e interesse por seus textos (escritos e ilustrativos)” (XAVIER FILHA, 2012, p. 166). Podemos então afirmar que os artefatos culturais reiteram modelos normativos, ensinam e prescrevem modos de agir, produzindo identidades, inclusive identidade de gênero, o que é mais importante para esta pesquisa.

Conceituamos os livros para a infância enquanto artefatos culturais mas, para abordá-los, é necessário dizer qual a perspectiva teórica que adotamos. No caso, partimos das discussões e teorias sobre as pedagogias culturais: “as pedagogias culturais instigam-nos a pensar sobre o que está sendo produzido para a infância na atualidade e sobre como as crianças se apropriam de tais produtos mediante discursos e constituição de suas identidades” (XAVIER FILHA, 2009, p. 72), ou seja, as pedagogias culturais se preocupam em abordar os produtos construídos tendo a infância enquanto foco, tornando-se locais importantes de produção de identidades. Xavier Filha e Bacarin destacam que há “pedagogias culturais em todo espaço social e cultural que apontem as formas desejáveis de ser menina, de ser menino, de bem portar-se, de viver masculinidades e feminilidades, de vivenciar expressões de sexualidade, entre outras tantas formas de exercer identidades e subjetividades” (XAVIER FILHA; BACARIN, 2014, p. 51).

As pedagogias culturais produzem/reproduzem saberes e valores, normalizam condutas e modos de ser e de agir, constituindo identidades. Silva define pedagogia cultural como:

qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido — em conexão com relações de poder — no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus etc. (SILVA, 2000, p. 89).

Desse modo, entendemos que a educação ocorre em qualquer espaço e por isso é fértil pensarmos sobre as várias pedagogias desenvolvidas pelos mais variados espaços culturais e instituições sociais como a mídia, a igreja, a escola, bem como pelos vários meios educativos como: os filmes, desenhos animados, museus, mídia, jornais, revistas e livros infantis, pois estes educam e ensinam determinados modos de ser, ver, pensar e agir sobre determinadas coisas. Estes espaços e instituições colocam em circulação determinadas representações que vão sendo constituídas como verdades a partir das quais as crianças, jovens e adultos vão construindo suas identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia. Segundo Andrade (2008, p. 108), há diversas pedagogias atuando no meio social e

ensinando aos corpos masculinos e femininos, adultos e infantis, modos de se comportar e de se relacionar com as coisas do mundo. As pedagogias culturais capturam e produzem formas padronizadas de sujeito e, com isso, internalizam valores e formas específicas de pensar o social.

Devemos ter em mente que as pedagogias são históricas e que elas são construídas socialmente, como afirma Louro:

Assumo que os significados que se atribuem a identidades, jogos e parcerias sexuais são situados e disputados historicamente e, ao longo dos tempos, nos filmes, posições-de-sujeitos e práticas sexuais e de gênero vêm sendo representadas como legítimas, modernas, patológicas, normais, desviantes, sadias, impróprias, perigosas, fatais, etc. Ainda que tais marcações sociais sejam transitórias ou, eventualmente, contraditórias, seus resíduos e vestígios persistem, algumas vezes por muito tempo. Reiteradas e ampliadas por outras instâncias, tais marcações podem assumir significativos efeitos de verdade. (LOURO, 2008, p. 82).

A pedagogia é um modo de produção cultural que está integrada na forma como o poder e o significado estão constituídos na organização do conhecimento em diversos lugares diversificados de aprendizagem tais como a mídia, o cinema, a publicidades, organizações religiosas, cultura popular, entre outras.

Sabat, em seu artigo intitulado “Gênero e sexualidade para consumo”, enfatiza que:

Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função con/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Grande parte desses artefatos educativos está inserida na área cultural como, por exemplo, televisão, cinema, revistas, livros ou histórias em quadrinhos. De qualquer forma, são revestidos, de características “inocentes”, como prazer e diversão, que também educam e produzem conhecimento. (SABAT, 2008, p. 149).

Dessa forma, há relações de poder em variados espaços, inclusive nas pedagogias. Essas relações ultrapassam o espaço escolar, ocupam diversas áreas culturais, como cita a autora, e vão sendo, paulatinamente, reconhecidas pela sociedade. Desta maneira, vamos aprendendo em diferentes contextos e por meio de diversas estratégias chamadas de pedagogias culturais. Apesar das crianças aprenderem em todos os lugares com as pedagogias culturais, cabe destacar que a escola é o espaço pedagógico e educativo privilegiado e que deveria propiciar atividades problematizadoras, mediadas pelo/a adulto/a professor/a, sobre os vários artefatos culturais com/para as crianças, dentre eles os livros para a infância.

Segundo Giroux,

Ao analisar toda a gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras, os Estudos Culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional da aprendizagem. (GIROUX, 1998, p. 90).

É interessante refletirmos o quanto limitamos as nossas práticas pedagógicas dentro da escola, o quanto a infância tem sido regulada por meio das nossas ações enquanto professores/as e por meio de alguns artefatos culturais que circulam no âmbito escolar. Nesta linha de raciocínio, Rael destaca que,

devido ao desenvolvimento tecnológico, à abundância e à velocidade da informação as formas de aprender estão se modificando. A escola continua sendo uma das principais instituições responsáveis pela propagação do conhecimento, embora não mais vista como a instituição central. Gradativamente está ocorrendo um afastamento do entendimento da escola como o único local de construção e de divulgação dos saberes. Assim, o cinema, os documentários, os *shoppings*, os museus, os brinquedos, os *vídeo-games*, a mídia em geral podem ser compreendidos como instâncias educativas, locais de informação e entretenimento, onde circulam também concepções de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social, entre outras. Uma novela de televisão, uma propaganda, um desenho animado podem ser vistos como produtores e veiculadores de representações que sugerem determinados comportamentos e identidades sociais, e que, de algum modo, acabam por regular nossas vidas. (RAEL, 2008, p. 160).

A referida autora analisou alguns trechos dos filmes de animação produzidos pela Disney: *A pequena sereia* (1989); *A Bela e a Fera* (1991) e *Mulan* (1998), tendo como objetivo analisar a construção de um ideal de feminilidade veiculado por esses desenhos. No decorrer de suas análises, verificou que “nos desenhos animados são apresentadas formas de feminilidade, são enfatizados determinados comportamentos, gestos e posturas; são mostradas representações ‘ideais’ de corpo e de aparência” (RAEL, 2003, p. 169). Portanto, os desenhos animados, assim como os livros infantis, são artefatos culturais que vêm produzindo e reproduzindo conceitos sobre os mais variados aspectos, procurando valorizar um tipo de comportamento. Camargo aponta em seu artigo “Cultura e diferenças no cotidiano da escola e no currículo”:

Na perspectiva de Michel Foucault, artefatos e práticas culturais são produzidos na forma de discursos que acabam por “inventar” sujeitos e objetos. Tais discursos funcionam como dispositivos que cerceiam e

controlam a conduta por meio de códigos, normas, regulamentos, princípios, regras e sistemas, frequentemente considerados naturais e/ou entendidos como verdades absolutas regidas por uma lógica binária de causa e efeito. (CAMARGO, 2012, p. 101).

Segundo a autora, Foucault se propõe desconstruir essas concepções por entender que tais dispositivos são construções históricas, contextuais, relativas e, portanto, nem sempre verdadeiras. Nessa linha de pensamento, os livros para a infância são artefatos carregados de práticas culturais e trazem consigo discursos normalizantes. Nesse sentido é fundamental discutir e problematizar os modos como os livros são trabalhados na escola e o que eles veiculam.

Portanto, os artefatos culturais além de proporcionar entretenimento e distração/fruição/prazer, também são poderosos instrumentos para produzir padrões, com discursos que muitas vezes reiteram e reafirmam a questão de gênero como natural e a heteronormatividade como um único modelo a ser seguido. Todos esses argumentos nos fizeram priorizar os livros para a infância como fontes de nosso estudo e nos auxiliam na problematização e discussão, pois segundo Xavier Filha:

mesmo os livros destinados à infância que tratam de outras temáticas e que são considerados como literatura infantil, mesmo na ausência de objetivos educativos explícitos sobre determinados assuntos, isto é, aqueles tomados como obras artísticas, também educam. É a partir desse pressuposto que os estudos culturais nos possibilitam entender os livros como artefatos culturais. Independentemente de serem considerados literatura, todos educam, de alguma forma. Eles expressam modos de ser menina ou menino e produzem no leitor ou leitora maneiras de ser no mundo, de pensar, de construir problemas, de confrontar-se com a realidade e consigo mesmo/a, tudo em um tipo de relação específica estabelecida com a leitura. (XAVIER FILHA, 2014, p. 157).

Tal como salienta Xavier Filha, utilizaremos nesse estudo o termo “livro para a infância” pelos motivos acima. Em especial por eles serem elementos educativos independentes se podem ser considerados literatura ou não. Os livros para a infância também são aqui analisados como artefatos culturais, constituem-se como instrumentos de dispositivos pedagógicos para educar a infância.

Todas as pesquisas e conceitos abordados neste tópico foram férteis para problematizar os livros para a infância enquanto artefatos culturais, e como tais, carregando uma gama de significações. Entre essas significações, está a constituição de feminilidades, objeto desta pesquisa, que podem ser questionadas e problematizadas nos vinte e seis livros

analisados a partir das condutas, modos de agir, de vestir, de se relacionar encontrados em tais livros, dentre outros arranjos da construção da identidade feminina.

1.6 Pressupostos teóricos

Neste tópico apresentamos os pressupostos teóricos que embasaram a nossa pesquisa, quais sejam: os Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Feministas e pressupostos foucaultianos, articulando os conceitos de gênero, feminilidade, pedagogias culturais, identidade e diferença, identidade de gênero, dispositivo, dispositivo pedagógico e heteronormatividade.

As contribuições dos Estudos Culturais foram fundamentais para entender que há pedagogia em todos os lugares e por compreender os livros infantis como artefatos culturais carregados de saberes entrelaçados com as relações sociais e culturais. Segundo Escosteguy, os Estudos Culturais são “um campo de estudo onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 137). Segundo a autora, os Estudos Culturais não são uma única disciplina, mas sim um campo interdisciplinar que possui como eixo principal as pesquisas das relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, visando principalmente os produtos da cultura popular. A autora argumenta que “os Estudos Culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia” (ESCOSTEGUY, 2006, p.136), partindo da perspectiva que não existe um confronto entre as diferentes culturas e sim um intercâmbio entre elas.

Xavier Filha e Rocha afirmam que

nos últimos anos, o campo dos Estudos Culturais vem se tornando perspectiva teórico-metodológica importante para problematizar os mais diversos assuntos, especialmente, os relacionados a sexualidade, constituição de identidades de gênero e produção de diversidades/diferenças na contemporaneidade, entre outros. (XAVIER FILHA; ROCHA, 2014, p. 175).

Os Estudos Culturais constituem-se como um campo de estudos de vários aspectos da sociedade contemporânea, compreendendo os produtos culturais como agentes da (re)produção social. Paraíso destaca que os Estudos Culturais “defendem que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos

culturais” (PARAÍSO, 2012, p. 24). Os artefatos culturais expressam e produzem diversas subjetividades.

Outro campo teórico importante para a pesquisa são os Estudos Feministas, pois nos ajudaram a compreender historicamente como o Gênero se constituiu como categoria de análise, a partir de conceitos e reivindicações de movimentos feministas “e seu carácter político” (LOURO, 1997, p. 19). De acordo com Louro:

Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (LOURO, 1997, p. 24).

Sendo assim, o pertencimento a diferentes grupos étnicos, sexuais, de classe, de gênero é o que constitui o sujeito. O gênero institui a identidade do sujeito. Furlani destaca que “os estudos feministas estavam (estão) assumidamente interessados em mostrar as desigualdades entre homens e mulheres, inclusive do fazer científico – da Ciência” (FURLANI, 2012, p. 296). Os estudos feministas vêm contribuindo também para análises teóricas e questões relacionadas às metodologias de pesquisas.

Nesta esteira, os Estudos de Gênero tornaram-se um campo de pesquisa bastante atual que compõe com o campo de estudos feministas. A trajetória do feminismo é destacada pelo confronto e resistências com aqueles e aquelas que usam o conceito de gênero como justificativas biológicas para marcar as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Segundo Louro (1997), no decorrer da década de 1970 um grupo de estudiosas anglo-saxãs começaram a utilizar o termo *gender*, que traduzido para a nossa língua significa gênero, como conceito que veio romper com a ‘colagem’ de um determinado gênero a um sexo anatômico. Gênero supostamente desconstruiu a ideia das diferenças inatas e essenciais, defendendo assim as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens a partir da cultura. Estas teóricas passaram a utilizar gênero enquanto conceito social e culturalmente construído, e não como forma de apontar diferenças biologicamente determinadas.

O conceito de gênero nesta pesquisa é entendido como uma construção analítica e política. Segundo Louro, é preciso entender “o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (LOURO, 1997, p. 24-25), destacando que os sujeitos possuem não somente uma, mas várias identidades e que as mesmas podem apresentar caráter transitório, pois se modificam ao longo do tempo. Portanto, o conceito de gênero demonstra que as identidades

são construídas social e culturalmente, contrapondo qualquer explicação naturalista apoiada em conceitos biológicos dos comportamentos de homens e mulheres. Ainda, de acordo com Louro:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros [...]. (LOURO 1997, p. 25).

Segundo a autora, o gênero é parte constituinte do modo como os sujeitos vão construindo suas identidades, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas.

Nos estudos de Scott (1995), a autora destaca que, quando refletimos a respeito dos papéis femininos e masculinos na sociedade, não estamos colocando em oposição homens e mulheres, mas sim aprofundando a necessidade de desconstruir a supremacia do gênero masculino sobre o feminino em busca de uma igualdade política e social, bem como de classe e raça. Desta maneira, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 86): é uma forma de pensar para além de um instrumento descritivo, escapando do dualismo do binômio homem/mulher, masculino/feminino.

Louro refere-se ao gênero como o “modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto” (LOURO, 1997, p. 77). Portanto, não é a diferença sexual entre homens e mulheres que delimita as questões de gênero, e sim os modos como ela são apresentadas na nossa cultura e a maneira de falar e pensar sobre o assunto. Nas pesquisas de Xavier Filha e Rocha, as autoras analisam como:

o conceito de gênero questiona a construção da(s) feminilidade(s) e da(s) masculinidade(s), em relação às concepções essencialistas e universalizantes, por entendermos que feminino ou masculino varia de acordo com cada sociedade e/ou cada cultura, em cada momento histórico específico. (XAVIER FILHA; ROCHA, 2014, p. 180).

As formas de constituir o masculino ou o feminino, como destaca são demarcadas e construídas socialmente, segundo Louro (1997). O ser masculino e ser feminino não existem naturalmente e sim são construções. Partindo disto, podemos afirmar, em conjunto com Xavier Filha, que:

O conceito de gênero é relacional, ou seja, não diz respeito somente ao gênero feminino, mas à constituição de masculinidades e feminilidades nas relações sociais e culturais. Este conceito nos faz pensar sobre as representações de ideal de professor/a da Educação Infantil e também sobre o que se espera socialmente de meninos e meninas. (XAVIER FILHA, 2012, p. 31).

De acordo com Xavier Filha com o conceito de gênero “não se prioriza a construção do feminino em detrimento do masculino, mas pensamos nas construções relacionais, sociais e culturais entre os sujeitos masculinos ou femininos” (XAVIER FILHA, 2012, p. 169). Sendo assim, a construção do gênero se torna um processo decorrente do contexto de determinada cultura. A autora argumenta também que os direcionamentos e discursos devam ser problematizados e discutidos sobre as ideias hegemônicas de masculinidades e feminilidades com as crianças desde pequenas.

De acordo com Goellner (2012, p. 109) “Por gênero entende-se a condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos”. A autora relata que “o gênero, é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino”.

Ainda segundo a autora:

Quando dizemos a um menino que ele não deve chorar porque isso é coisa de mulher ou, ainda, quando ensinamos as meninas que elas não devem participar de brincadeiras que exijam força porque isso é para homens, estamos reforçando modos de ser masculino e feminino que são comumente aceitos como normais e desejáveis na nossa cultura. (GOELLNER, 2012, p. 109).

Portanto, o conceito de gênero é entendido aqui nesta pesquisa como uma construção social e é nessa perspectiva que analisamos as feminilidades presentes e veiculadas nos livros para a infância. Felipe pontua:

O conceito busca, portanto, enfatizar e problematizar a construção histórica, social e cultural dos comportamentos de homens e mulheres, fugindo assim das explicações que remetem a uma “essência”, que justificaria os

comportamentos masculinos e femininos, muitas vezes tidos como diametralmente opostos. (FELIPE, 2012, p. 221).

O gênero como categoria analítica permite-nos pensar sobre a constituição dos sujeitos para além das vivências dos papéis sexuais. Segundo Meyer:

O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres; por isso, ele nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino [...]. (MEYER, 2008, p. 16).

Segundo a autora, o conceito de gênero vai além das desigualdades entre homem e mulher e sob as diferenças biológicas em um processo de reconhecimento das identidades femininas e masculinas como construções sociais carregadas de poder. Meyer também afirma que o “Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres” (MEYER, 2008, p. 16). Segundo Simone Beauvoir (1980), a autora afirma que não nascemos homens e mulheres, mas nos tornamos homens e mulheres por meio das convivências sociais: sejam elas na família, na escola, na igreja, enfim, em inúmeras instituições diferenciadas. “O conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade” (MEYER, 2008, p. 17). Desse modo, a nossa cultura constitui e distingue o sujeito feminino e masculino. Meyer chama atenção ainda para o fato que o “Gênero introduziu mais uma mudança que continua sendo, ainda hoje, alvo de polêmicas importantes no campo feminista” (MEYER, 2008, p. 17).

Há muitas relações de poder entre homens e mulheres e são muitas as formas sociais e culturais que colaboram com a constituição desse sujeito de gênero. Segundo Meyer (2008) há uma necessidade de perceber o gênero não como uma simples forma de perceber atitudes para mulheres e homens, mas sim de examinar como é vista essa diferença, deixar de focar, de forma isolada, aquilo que mulheres ou homens fazem ou podem fazer ou os processos educativos pelos quais seres humanos se constituem ou são transformados em mulheres e homens, mas considera-se a necessidade de examinar os diferentes modos pelos quais o gênero opera. Com isso,

quando nos dispomos a discutir a produção de diferenças e de desigualdades de gênero, considerando-se todos estes desdobramentos do conceito, também estamos, ou deveríamos estar, de algum modo, fazendo uma análise de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos como diferentes, em função tanto de seu gênero quanto em função de articulações de gênero com raça, sexualidade, classe social, religião, aparência física, nacionalidade, etc. (MEYER, 2008, p.19).

O conceito de gênero se refere também ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou como são trazidas para a prática social e tornadas partes do processo histórico.

O conceito de feminilidade está interligado na construção social e histórica do gênero. Segundo Louro,

Todas as práticas e linguagens constituíram e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram – e são – produtoras de “marcas”. Homens e mulheres adultos contam com determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais. Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. (LOURO, 2000, p. 19).

A autora nos mostra que “na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” [...]” (LOURO, 2000, p. 20). Desse modo, as feminilidades são constituídas culturalmente e são múltiplas as estratégias que tentam fixar uma identidade feminina que seja “normal”. A partir disto, podemos afirmar que as feminilidades e masculinidades são construções culturais que se instituem nos artefatos culturais, bem como nos livros para a infância, e que também formam as identidades de gênero dos sujeitos que interagem com esses artefatos culturais. Os artefatos culturais passam a ter uma centralidade discursiva que vai constituindo sentidos e problematizando determinadas identidades.

Os conceitos de identidade e diferença abordados aqui foram embasados nos estudos de Silva (2011), que compreende “a identidade é simplesmente aquilo que se é [...] à identidade, a diferença é aquilo que o outro é” (SILVA, 2011, p. 74). Segundo o autor tanto a

identidade quanto a diferença estão em uma relação de estreita dependência, argumentando que “a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2011, p. 75). Portanto, os conceitos de identidade e diferença são utilizados para compreender o gênero como um marcador identitário de modo relacional, que posiciona o feminino e o masculino de determinados modos.

Xavier Filha insiste que “as identidades são múltiplas, mutáveis e em constante construção” (XAVIER FILHA, 2012, p. 170) e, segundo a autora, na constituição das identidades a diferença (ou o outro sujeito) é constantemente acionada. Um ponto importante a ser destacado é que as diferenças não devem significar, necessariamente, desigualdade já que para Ferrari,

valorizar a diversidade passa pela luta e defesa das diferenças como aquilo que há risco numa sociedade, algo que deve ser valorizado e não entendido na lógica binária do “isso” ou “aquilo”, do “bom” ou “mau”, valorizado ou desvalorizado, enfim, assumir o discurso da diversidade é defender que as diferenças não devem representar desigualdades, mas lugares de construção de identidades. (FERRARI, 2012, p. 268).

O autor pontua que as identidades são marcadas pelas diferenças. “Falar de diferenças e identidades é falar de construções discursivas” (FERRARI, 2012, p. 270). Ainda na discussão do conceito de identidade de gênero, subentende-se que historicamente e socialmente os sujeitos se identificam como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Segundo Guerra, as “identidades de gênero e as identidades sexuais permitem problematizar verdades que são instauradas desde a mais tenra idade como também o quanto a constituição dessas identidades envolvem, por vezes, movimentos sutis de rupturas de descontinuidades” (GUERRA, 2012, p. 238).

Neste sentido, as identidades de gênero seriam as formas pelas quais os sujeitos se identificariam histórica e socialmente como masculinos e femininos. De acordo com Louro, “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis, e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 27):

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (LOURO, 1997, p. 28).

As construções e esses arranjos são sempre transitórios e vão se transformando ao longo do tempo, pois entendemos que as identidades não são fixas e sim construídas. As identidades de gênero seriam as formas pelas quais os sujeitos se identificariam histórica e socialmente como masculinos e femininos, ou até mesmo optando pelas fronteiras entre esses marcadores sociais. Entendemos gênero como constituinte da identidade do sujeito, assim como etnia, classe, raça e outros marcadores sociais, que por meio de diferentes práticas sociais são constituídas por e constituintes dos gêneros.

As identidades de gênero, então, deslocariam o foco do sujeito para as questões sociais e culturais, permeadas por relações de poder. Por isso, constituem um campo a questionar, visto que são tidas como construções, ou mesmo “posições-de-sujeitos”, portanto, transitórias, podendo ser desconstruídas e reinventadas, até mesmo porque as questões do biológico são significadas pelas representações culturais e sociais. (XAVIER FILHA, 2009, p. 36).

Nesse sentido, temos que estar atentas/os aos vários discursos que nos encapsulam, produzindo determinada identidade como a “normal”. É necessário, portanto, levar em conta que os discursos em torno das identidades de gênero modificam-nos em diferentes contextos sociais.

Outro conceito importante para nossa pesquisa é o de heteronormatividade. Tal conceito foi também fundamental para nossas análises, pois apontou para o fato que a “heteronormatividade é baseada no entendimento que a heterossexualidade é a norma, algo natural e que tudo que escapa a ela é tido como anti-norma, anti-natural, sendo necessário trazer para o que é correto aqueles que estão se desviando” (FERRARI, 2012, p. 123). Felipe afirma que:

A heteronormatividade (do grego hetero = diferente e norma = esquadro, em latim) é, portanto, uma preocupação constante nas instituições (família, escola, etc.). Tal conceito recai na ideia de que os seres humanos recaem em duas categorias distintas e complementares: macho e fêmea; que relações sexuais e maritais normais somente entre pessoas de sexos diferentes; e que cada sexo tem certos papéis “naturais” na vida. Assim, o sexo físico, identidade de gênero e papel social de gênero deveriam enquadrar qualquer pessoa dentro de normas integralmente masculinas e femininas. A heterossexualidade é considerada a única orientação sexual normal e tudo aquilo que estiver fora desse padrão será visto como anormal, doentio, desvio, etc. (FELIPE, 2012, p. 223).

A heteronormatividade consiste em uma prática que tem o intuito de evitar a homossexualidade. Sendo assim, a heteronormatividade legitima e privilegia a heterossexualidade como “natural” dentro da sociedade. Carvalhar (2009) insiste que família, mídia, igreja, escola, entre outros, estão preocupados em ensinar padrões heteronormativos a meninos e meninas, homens e mulheres, como se esse fosse um processo “natural”. Segundo a autora, o discurso da heteronormatividade presente em nossa sociedade acaba se contrapondo ao discurso da afetividade – seja de estímulo, seja de regulação. Heteronormatividade é, portanto, um conjunto de normas, regras, procedimentos que regula e normaliza não apenas as identidades sexuais como também as identidades de gênero, estabelecendo modos de comportamentos, maneiras de ser e atitudes (SABAT, 2008).

Os livros para a infância estão carregados de objetivos por meio dos quais se constroem comportamentos e atitudes que são socialmente aceitos, regras e normas de ser que naturalizam os comportamentos femininos e masculinos aceitos pelos padrões sociais. A heteronormatividade é:

Conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como a única forma legítima e natural de expressão identitária sexual, que faz com que a homossexualidade, a transgeneridade e as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado. [...] Mais do que isso: a heteronormatividade se fundamenta na crença na divisão binária dos corpos (macho e fêmea) e na atração “natural” entre os “sexos opostos” (correspondentes obrigatoriamente a gêneros distintos de maneira binária). Nesse contexto, os gêneros são definidos com base na “matriz heterossexual”, e a expressão da sexualidade e da orientação sexual é rigidamente vinculada às identidades e expressões de gênero, segundo esse modelo binário e essa crença na correspondência sexo-gênero. (CARVALHO, ANDRADE, JUNQUEIRA, 2009, p. 80).

Por último, mas não menos importante dentre os nossos pressupostos teóricos, está o conceito de dispositivo, como formulado por Michel Foucault:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que pode estabelecer-se entre esses elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Esse conceito se destaca em diferentes áreas do conhecimento científico, reinventando, descrevendo e atribuindo produções textuais e discursivas. Segundo Silva, dispositivo:

significa o conjunto das práticas, discursivas e não-discursivas, consideradas em sua conexão com as relações de poder. O próprio Foucault forneceu uma lista dos elementos que constituiriam um “dispositivo”: “discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, regulamentos morais, instituições e disposições filantrópicas, em suma, tanto o dito quanto o não-dito”. (SILVA, 2000, p. 43-44).

O dispositivo é entendido como discursos e práticas, sendo um conjunto de estratégias de poder e saber que se unem a determinados discursos com efeitos de verdade. Na perspectiva de Foucault, o conceito de dispositivo se aplica as formações sociais, como um discurso social, implicando diversas dimensões, que são constitutivas do discurso. Dispositivo se refere também ao modo como os elementos vinculam e se relacionam para atingir e produzindo um determinado objetivo e sujeito.

Segundo Larrosa (2000), existe o chamado “dispositivo pedagógico”, que é “qualquer lugar no qual se aprende ou se modifica ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (LARROSA, 2000, p. 56). Como afirma Xavier Filha (2012), esses dispositivos pedagógicos existem para os fins de educar crianças e disciplinar suas condutas. Fischer também discute a respeito:

no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. (FISCHER, 2002, p. 153).

Discutimos neste subtítulo os conceitos teóricos que contribuiriam para as análises dos livros para a infância. No próximo capítulo são descritos os livros selecionados para este estudo e as análises dos mesmos embasados nos pressupostos teóricos.

CAPÍTULO 2 – A GLÓRIA É UMA MENINA MUITO ESPERTA. ANÁLISES DOS LIVROS PARA A INFÂNCIA

Na presente pesquisa foram analisados 180 livros, equivalentes aos que estavam acondicionados nas seis caixas destinadas ao 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Desses, foram selecionadas 26 obras atentando aos seguintes critérios: livros que traziam em texto e ilustrações a construção das identidades de gênero; livros que traziam uma feminilidade socialmente desejada; livros que abordassem as questões da diferença e da identidade; e livros que trouxessem outras problematizações de feminilidades. Foram produzidas e/ou reproduzidas fichas de análise, a fim de descrever e detalhar os conteúdos (escritos e ilustrados) dos livros, para facilitar a discussão da problemática do que procurávamos analisar.

Neste capítulo descrevemos os livros para a infância como artefatos culturais que trazem muitas discussões e significações, dentre as quais estão à questão das feminilidades. Nos itens seguintes analisamos os livros infantis como instrumentos pedagógicos, partindo das representações de feminilidades apresentadas e constituídas nos textos escritos e ilustrações destes livros para a infância. Primeiramente, realizamos uma breve descrição de cada livro e, posteriormente, realizamos as discussões e as problematizações de cada um deles.

2.1 Lilás, uma menina diferente

No livro *Lilás, uma menina diferente* (WHITCOMB, 2011)¹⁴, Lilás é uma menina de pele branca e cabelos ruivos que usa óculos, veste um vestido roxo com detalhes dourados na gola, na cintura e no barrado, usa meias brancas com listras vermelhas e calça sapatos pretos. No seu primeiro dia de aula na escola, a protagonista leva um presente para a professora. Um presente considerado diferente dos outros entregues por seus/suas colegas, pois numa caixinha de papelão feita por ela, junto com sete pedras, Lilás colocou o seu cadarço vermelho favorito. Além do presente ser diferente, os colegas repararam que a roupa de Lilás não era

¹⁴ WHITCOMB, Mary E. **Lilás, uma menina diferente**. 3. ed. Tradução de Charles Cosac. Ilustrações de Tara Calahan King. São Paulo: Cosac Naify, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).

nova. “De onde veio essa menina esquisita?” (WHITCOMB, 2011, p. 8), todas as crianças comentavam em voz alta, evidenciando as comparações dos/as colegas, pelo fato de Lilás ser considerada diferente.

No decorrer dos dias, as diferenças entre Lilás e seus companheiros e companheiras de classe vão aumentando. No recreio, a protagonista come cenouras e outros legumes; no dia de levar um brinquedo favorito, Lilás leva uma planta considerada estranha; brinca com coisas diferentes; usa roupas que parecem ter pertencido a sua irmã mais velha, “ninguém queria ser visto/a com uma pessoa tão diferente” (WHITCOMB, 2011, p. 13). Durante uma excursão com os/as colegas da escola, todos/todas brincavam de chamar uns/umas aos/as outros/as pelos apelidos, “Lilás, qual é o seu apelido?” (WHITCOMB, 2011, p. 14) perguntaram. Todos/as ficaram na expectativa. “Eu não tenho apelido... mas meu pai me contou que, na hora em que nasci, o sol começava a raiar atrás das montanhas, cobrindo-as com uma luz suave e delicada... ele pensou no nome Lilás” (WHITCOMB, 2011, p. 15). Alguns/algumas colegas riram, a maioria imaginou como deveria ter sido bonita a manhã em que ela nasceu. Considerada pelos/as colegas como uma menina esquisita, ela continua a ser do seu jeito. No seu aniversário, convida a todos/as para uma festa em sua casa. Todos/as estranham ao não encontrar mágico e palhaço. O pai e a mãe de Lilás tinham transformado o quarto dela num castelo medieval e todos/as puderam se vestir a caráter. As crianças foram presenteadas com uma coroa dourada pela irmã mais velha de Lilás e se divertiram e brincaram como nunca. Com o passar do tempo, uma transformação aconteceu na classe de Lilás e, no último dia de aula, os/as alunos/as presenteiam a professora com objetos escolhidos e preparados de forma pessoal e significativa, e não mais com os presentes convencionais de antes. Abaixo, na Figura 1, vemos a capa do livro em que aparece a menina Lilás perambulando livre com sua bicicleta.

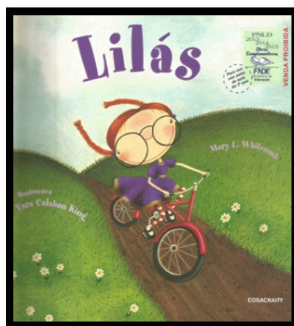


Figura 1: *Lilás, uma menina diferente*

2.2 *O grande e maravilhoso livro das famílias*

O livro analisado, *O Grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010)¹⁵, traz as várias mudanças atuais no conceito de família e da diversidade cultural, religiosa, econômica e social das mesmas; mostra as diversas famílias, como crianças que vivem com a mãe e o pai, crianças que vivem somente com a mãe, crianças que vivem com os avós, crianças que têm dois pais ou duas mães, crianças que são adotivas ou, até mesmo, afilhadas; vai arrolando algumas perguntas, como: Quem é da sua família? Trazendo algumas hipóteses de respostas, como primos/a, avós, avôs, etc.; mostra, também, alguns tipos de casais, como os homoafetivos; expõem que algumas crianças frequentam a escola, outras estudam em casa, ou, até mesmo, que não querem ir à escola (HOFFMAN, 2010, p. 14); narra sobre o trabalho, mostrando alguns casos de famílias em que todos/todas trabalham, em outro que apenas as mães saem para trabalhar e os pais ficam em casa cuidando dos/as filhos/as. Mostra também que alguns/as pais e mães trabalham em casa ou, até mesmo, não conseguem trabalho; narra sobre as férias, pessoas que visitam os/as parentes, viajam para conhecer lugares diferentes; mostra que alguns/as pais e mães gostam de cozinhar e outros/as preferem comidas prontas. Fala das roupas e suas preferências. O livro mostra, também, a convivência com os animais e que alguns bichos são considerados membros da família. Mostra, ainda, os dias de celebrações, como os aniversários e menciona alguns *hobbies*. Fala dos sentimentos de cada membro/a da família. E, por fim, lança a seguinte pergunta: “Você alguma vez tentou fazer uma árvore genealógica?” (HOFFMAN, 2010, p. 32). É um livro que nos possibilita muitas problematizações, principalmente sobre a diferença e a identidade de gênero a partir das várias configurações familiares. Abaixo, na Figura 2, vemos na capa do livro do lado direito uma família composta por mãe, pai, uma filha e um filho; logo após tem um pai dando comida a uma criança e a outra criança nas costas dele e um adolescente e do lado esquerdo tem a representação de uma família composta por pai, mãe, filho, filha.

¹⁵ HOFFMAN, Mary. **O grande e maravilhoso livro das famílias**. Ilustrações Ros Asquith. São Paulo: Edições SM, 2010. (O livro encontra-se na caixa B do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).

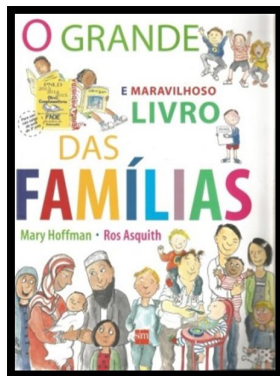


Figura 2: *O grande e maravilhoso livro das famílias*

2.3 *A joaninha que perdeu as pintinhas*

O livro *A joaninha que perdeu as pintinhas* (PAES, 2010)¹⁶, narra a história de Tininha, uma joaninha que passeava sozinha, foi tentar atravessar o rio e perdeu as suas pintinhas. Alegre ela sai correndo para abraçar a sua mãe e não é reconhecida como sua filha, pois não tinha as pintinhas. A joaninha ficou triste e começou a chorar, pois para voltar à sua casa teria que ter as suas pintinhas novamente. Com a esperança de encontrar suas pintinhas, Tininha retorna ao rio para procurá-las. Começa a perguntar para alguns insetos se tinham visto suas pintinhas. Tininha viajou muito sobre uma folha e desceu rio abaixo e nada de encontrá-las. Até aproveitou para admirar um pôr do sol, observou o céu estrelado e voltou a navegar, à procura de suas pintinhas. Distraída, Tininha foi lançada para o mar, quase se afogou, até que conseguiu nadar até a areia, escorregando em um sapato. Na praia, estava um jovem pintando um quadro. Ele pegou Tininha e a pôs na palma de sua mão, perguntou se ela era borboleta, um/a siri, até Tininha contar toda a sua história. O pintor disposto a ajudá-la, com um pincel e tinta, desenhou as pintinhas de Tininha. Sendo assim, Tininha pode voltar pra sua casa, e curtir com sua mãe e amigos/as uma festa surpresa. Abaixo, na Figura 3, vemos a protagonista do livro olhando para as suas pintinhas perdidas.

¹⁶ PAES, Ducarmo. **A joaninha que perdeu as pintinhas**. Ilustrações de Jefferson Galdino. São Paulo: Best Book, 2010. (O livro encontra-se na caixa A do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).



Figura 3: *A joaninha que perdeu as pintinhas*

2.4 *Minha família é colorida*

O livro analisado, *Minha família é colorida* (MARTINS, 2011)¹⁷, traz a história de Ângelo, um menino negro de cabelos que não voam, que diz que o papai passou cola neles. Ele começa a questionar sobre os cabelos de um irmão, que são lisos e do outro irmão, que são encaracolados. Ângelo começa a observar também a cor da pele de sua mãe que é branca e de sua avó que é negra. A mãe de Ângelo, notando a inquietação de seu filho, começa a contar a história de seus antepassados. No final, Ângelo começa a entender por que seu cabelo não voa e chega à conclusão que sua família é bonita e toda colorida. É um livro que retrata a diferença étnico/racial e que, muitas vezes, as nossas raízes estão lá longe, em lugares que nem imaginamos e, por isso, nos fazem ter muitos pedacinhos diferentes, de pessoas diferentes. Abaixo, na Figura 4, vemos a família de Ângelo composta pelo pai, pela mãe e pelos três filhos.

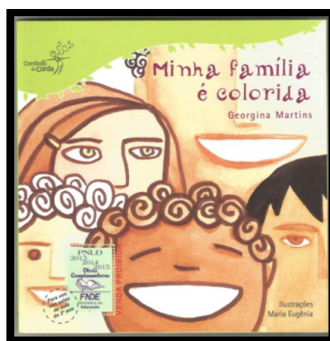


Figura 4: *Minha família é colorida*

¹⁷ MARTINS, Georgina. **Minha família é colorida**. Ilustrações de Maria Eugênia. São Paulo: Comboio de Corda, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do 1º ano do Ensino Fundamental).

2.5 Carta do tesouro: para ser lida às crianças

O livro analisado, *Carta do tesouro: para ser lida às crianças* (MIRANDA, 2013)¹⁸, é um livro que descreve os direitos das crianças, mostrando que cada criança é única, diferentes umas das outras, cada uma tem suas preferências, seus modos de viver. No decorrer da leitura do livro, são destacadas situações de dedicação, afeto das crianças e chama a atenção para seu lugar no mundo. Na realidade, o tesouro, segundo a autora, é a criança. O livro também ressalta o comportamento diante das diferenças de cada uma delas. Considerando que vivemos em uma época em que os contatos entre culturas se intensificam, em que o indivíduo prevalece sobre a sociedade e a educação se universaliza. Abaixo, na Figura 5, aparecem três meninos e uma menina com vestimentas diferentes, intensificando a cultura de cada uma das crianças.



Figura 5: *Carta do tesouro*

2.6 Sofia, a andorinha

O livro, *Sofia, a Andorinha* (TABOADA, 2011)¹⁹, narra a história de uma andorinha chamada Sofia, que tem olhos cor de mel e asas brancas. Sofia mora no galho de uma árvore e come bichos-da-seda, gosta de brincar de esconde-esconde com as crianças do povoado. Adora cheiro de terra molhada e dos beijos da mãe. Gosta de cantar e participa das aulas de canto do seu professor Braile Coruja. Sofia, segundo o livro, aprende depressa, porque é uma

¹⁸ MIRANDA, Ana. **Carta do tesouro: para ser lida às crianças**. Ilustrações de Ana Miranda. São Paulo: Armazém da Cultura, 2013. (O livro encontra-se na caixa B do 1º ano do Ensino Fundamental).

¹⁹ TABOADA, Almudena. **Sofia, a andorinha**. Ilustrações de Ana López Escrivá. Tradução de Maísa Kawata. São Paulo: Comboio de Corda, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do 1º ano do Ensino Fundamental).

andorinha muito inteligente. Ela sabe quando uma tempestade se aproxima, pois o vento fica mais forte. Sabe quando chega o outono, porque é quando sua mãe sempre diz: “Sofia, vamos viajar!” (TABOADA, 2011, p.15). “Ela escuta os passos de Lua Tartaruga e o soluço de um menino que chora” (TABOADA, 2011, p. 17). Sofia segue o rastro molhado que é deixado pelo menino e ajuda-o ao encontrar o caminho de volta para a sua casa. Abaixo, na Figura 6, vemos a andorinha Sofia voando.

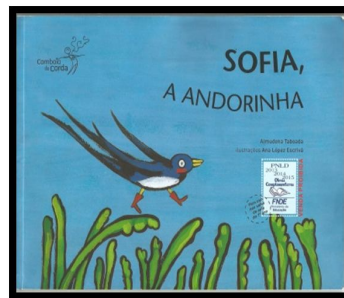


Figura 6: *Sofia, a Andorinha*

2.7 *Quem vai ficar com o pêssego?*

No livro *Quem vai ficar com o pêssego?* (YOON, 2010)²⁰, os animais encontram um grande pêssego maduro que tinha um cheiro gostoso e parecia delicioso. Os animais (a girafa, o crocodilo, o rinoceronte, o macaco, o coelho e a lagarta) ficaram com água na boca. Mas, quem vai ficar com o pêssego? Essa é a pergunta central da história do livro. No decorrer da narrativa, vão surgindo ideias diferentes para decidir quem iria ficar com o pêssego. Com isso, foram utilizados vários critérios de conferência como: altura, peso e orelhas mais compridas. Todos queriam comer a fruta, cada animal sugeriu uma forma de decidir. Abaixo, na Figura 7, tem o grande pêssego com a lagarta em cima e os demais animais pulando ao redor.

²⁰ YOON, Ah-Hae. **Quem vai ficar com o pêssego?** Ilustrações de Yang Hye-Won. Tradução de Thais Rimkus. 2. ed. São Paulo: Callis Ed., 2010. (O livro encontra-se na caixa A do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).



Figura 7: *Quem vai ficar com o pêssego?*

2.8 *Tem alguma coisa debaixo do cobertor*

O livro analisado, *Tem alguma coisa debaixo do cobertor* (KIM, 2011)²¹, narra a história de Janice, uma menina que tenta chamar a atenção da mãe várias vezes, pois gostaria de brincar com ela que vive ocupada, cuidando da filha caçula. Porém, a mãe diz que poderá brincar assim que sua irmã dormir. Mas Janice fica inquieta e brava, e vai para o quarto brincar sozinha. Lá ela fica intrigada, pois tem certeza de que tem alguma coisa embaixo do cobertor! Janice mesmo com medo, tenta, de todas as maneiras, ver o que tem embaixo do cobertor. Numa última tentativa, chama a sua mãe e diz que tem alguma coisa lá embaixo. Insatisfeita com a atitude da progenitora, dizendo que sua mãe só gosta da irmã caçula, volta para seu quarto e ao ver que não tem outro jeito, joga seu ursinho em cima da cama. Então, Janice percebe que está acontecendo alguma coisa debaixo do cobertor. Ela se aproxima lentamente de sua cama e levanta a ponta da coberta e nota que debaixo dela está acontecendo uma brincadeira com duendes, o ursinho, um palhaço e, assim, Janice se junta a eles/as e começa a brincar. Janice não se sente mais chateada e percebe que brincar debaixo do cobertor é muito divertido. Abaixo na, Figura 8, a protagonista da história admirada olhando para o cobertor vermelho.

²¹ KIM, Eun-Joong. **Tem alguma coisa debaixo do cobertor**. Ilustrações de Hye Kyeong. Tradução de Antonio Carlos Vilela. São Paulo: FTD, 2011. (O livro encontra-se na caixa B do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).



Figura 8: *Tem alguma coisa debaixo do cobertor*

2.9 A velhinha na janela

O livro analisado, *A Velhinha na janela* (JUNQUEIRA, 2008)²², é uma narrativa sem palavras escritas, na qual se reflete sobre a convivência das pessoas de gerações diferentes, em que uma senhora idosa e solitária observa o mundo de sua janela, até que sua vizinha, uma menina, a percebe e decide relacionar-se com ela. A menina mostra à velhinha sua caixa de brinquedos, contanto (por meio de imagens de balões) a origem de cada brinquedo. Depois é a vez da senhora, na praça perto de casa, para a menina e para os algumas pessoas que passavam e vão se reunindo em torno dela, abrir seu baú de guardados, como: o bilboquê da infância, o maço de cartas de amor, a caixinha de música de uma viagem ao Rio de Janeiro, o vestido do baile... Ela agora tem uma amiga. Abaixo, na Figura 9, mostra a frente da casa da velhinha que está olhando pela janela o movimento das pessoas que passam pela calçada.



Figura 9: *Uma velhinha na janela*

²² JUNQUEIRA, Sônia. **A velhinha na janela**. Ilustrações de Mariângela Haddad. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. (O livro encontra-se na caixa A do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).

2.10 *Gente de muitos anos*

O livro analisado, *Gente de muitos anos* (CARVALHO, 2009)²³, traz os direitos das pessoas idosas abordados de vários aspectos, em torno do seu cotidiano. Mostra que a pessoa idosa tem que ter um lar e se sentir protegida, sentir confiança nas pessoas para contar os seus segredos, receber muitos carinhos, beijos e abraços, pedir colo e ombro amigo. O livro problematiza a constituição da feminilidade na chamada terceira idade. Abaixo, na Figura 10, um idoso cuidando da grama, duas idosas conversando, uma idosa fazendo tricô e um idoso sorrindo.



Figura 10: *Gente de muitos anos*

2.11 *Os feitiços do vizinho*

O livro analisado, *Os feitiços do vizinho* (JUNQUEIRA, 2009)²⁴, é uma narrativa sem palavras escritas. Uma história de encontros e descobertas entre pessoas muito diferentes, tanto na cor da pele como no vestuário, no jeito do cabelo e penteados, etc. As crianças da vizinhança estranharam o jeito considerado esquisito de um vizinho desconhecido. Era um homem discreto, de casaco preto e atitudes misteriosas. Muitos barulhos suspeitos eram ouvidos e sombras entrevistas pela janela da casa do vizinho que criaram ainda mais curiosidade e medo, por parte das crianças e dos pais e das mães da vizinhança. Foram muitas, as suspeitas. Mas de nada adiantaram a espreita, a vigilância, a curiosidade por parte de

²³ CARVALHO, Malô. **Gente de muitos anos**. Ilustrações de Suzete Armani. Fotografia Fabio Cerati. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2009. (O livro encontra-se na caixa B do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).

²⁴ JUNQUEIRA, Sonia. **Os feitiços do vizinho**. Ilustrações de Mariângela Haddad. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009. (O livro encontra-se na caixa B do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).

todos/as. Mas sabiam que ali, sem dúvida, havia um mistério perigoso. Quando o vizinho, finalmente, saiu de casa empurrando um carrinho cheio de objetos suspeitos, dirigindo-se à pracinha da esquina, as crianças perceberam que havia novidade, e foram correndo atrás dele. Finalmente, se depararam com a melhor das surpresas, um lugar divertido cheio de livros. Abaixo, na Figura 11, um menino conversando com uma menina e um homem querendo comprar algo em um mercado.

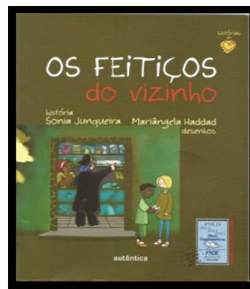


Figura 11: *Os feitiços do vizinho*

2.12 Livro das adivinhas

Livro das adivinhas (MOTA, 2011)²⁵, apresenta adivinhas sobre corpo, animais, objetos. É um livro que mostra alguns jogos de perguntas e respostas com ilustrações. Esse livro nos chamou a atenção pelo modo como certas adivinhações ainda trazem uma constituição de feminilidades e masculinidades consideradas ‘normais’, na nossa sociedade. Citamos como exemplo: “Sou coisa muito simples, mas de muito sentimento, sou prenda preferida, no dia do casamento” (MOTA, 2011, p. 5). Abaixo na Figura 12, um homem com uma vara de pescar e uma minhoca presa ao anzol.

²⁵ MOTA, António. **O livro das adivinhas**. Ilustrações de Elsa Fernandes. São Paulo: Leya, 2011. (O livro encontra-se na caixa B do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).

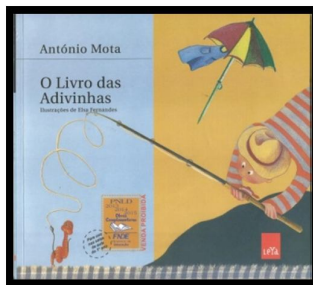


Figura 12: *Livro das adivinhas*

2.13 *O menino Nito*: então homem chora ou não?

O livro analisado, *O menininho Nito: então homem chora ou não?* (ROSA, 2008)²⁶, narra a história de Nito, um menino que quando nasceu era um bebê tão bonito que logo todos começaram a chamá-lo de Nito. Nito era um menino bonito, mas que chorava por tudo, conforme ia crescendo, ele chorava mais. Um belo dia, o pai decidiu ter uma conversa séria com Nito, dizendo ao menino que homem não chora, pois ele era macho, e por esse motivo não era mais pra ele chorar. A partir daquele dia, Nito começou a engolir todos seus choros, ele também parou de correr, de pular e até de brincar. Até chegar a não conseguir nem levantar-se da cama, pois seus choros pesavam muito. Sua mãe e seu pai ficaram preocupados/as e resolveram chamar o médico, o Doutor Aymoré que cuida de crianças e plantas. Chegando à casa de Nito, o médico teve uma longa conversa com o menino e começou a entender o que estava acontecendo com o menino, receitando que o menino deveria ‘desachorar’ todos os seus choros engolidos, deixando Nito na dúvida se poderia fazer isso. O médico começou a explicar para o menino que todo homem pode chorar, pois tem lágrimas e elas são feitas para rolar pelo rosto. Nito começou, então, a ‘desachorar’ todos os seus choros engolidos e sua mãe, seu pai e o médico também choraram. Seu pai emocionado conversou com Nito dizendo que é bom chorar, que deve chorar sempre que quiser, mas, segundo ele, não pode chorar sem razão. Abaixo na Figura 13, o menino Nito em meio às suas lágrimas encostado em uma parede de tijolos.

²⁶ ROSA, Sonia. **O menino Nito**: então, homem chora ou não? Ilustrações de Victor Tavares. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2008. (O livro encontra-se na caixa B do acervo do 1º ano do Ensino Fundamental).

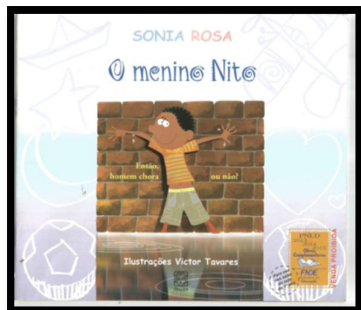


Figura 13: *O menino Nito: então homem chora ou não?*

2.14 *Soltando os bichos*

Soltando os bichos (FERRÃO; RALPHES, 2011)²⁷, apresenta uma história que se desenrola a partir de alguns questionamentos: se você fosse um bicho, que bicho gostaria de ser? Com isso instiga o público leitor a entrar no livro e com isso participar da história. Um leão valentão, uma formiga amiga, um mosquito esquisito, um pato chato? São as características atribuídas, pelo livro, para a escolha. E os/as autores/as continuam esse “cardápio” de escolhas “identitárias”: “Um carneiro maneiro? Uma aranha estranha? Ou você não gostaria de ser bicho não? Prefere ser mesmo um menino, ou menina, que é, às vezes, valentão como o leão, amiga como a formiga, esquisito como o mosquito?”. Abaixo na Figura 14, tem um urso escondido entre folhas.

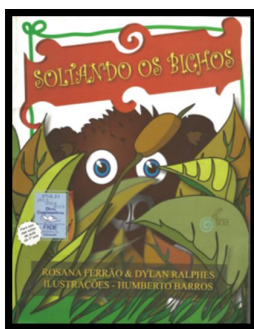


Figura 14: *Soltando os bichos*

²⁷ FERRÃO, Rosana; RALPHES, Dylan. **Soltando os bichos**. Ilustrações de Humberto Barros. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do 1º ano do Ensino Fundamental).

2.15 *O silencioso mundo de Flor*

O livro analisado *O silencioso mundo de Flor* (FRANÇA, 2011)²⁸ narra o mundo de Téó, que tinha muito “barulhão” como buzina, trovão, bатуque, avião, etc. E o mundo de Flor que não tinha sons. O mundo de Flor era só silêncio. Com o passar dos dias, Flor descobre que tem o “dom”, segundo a história, de sentir o som. Flor é uma menina surda. Téó, seu melhor amigo, companheiro de aventuras cotidianas. O livro fala de amizade, solidariedade e inclusão. Abaixo na Figura 15, a protagonista da história batendo em um tambor.

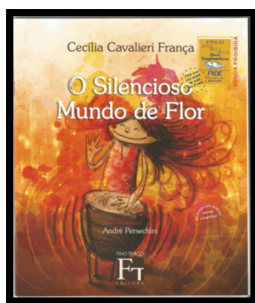


Figura 15: *O silencioso mundo de Flor*

2.16 *A menina, o cofrinho e a vovó*

O livro *A menina, o cofrinho e a vovó* (CORALINA, 2011)²⁹ narra a história de uma menina e sua vó. Mesmo morando longe uma da outra, elas se amam. A idosa morava longe e sozinha numa cidade muito antiga. Ela queria viver uma vida simples. Não tinha rendimento e vivia com todas as dificuldades. Com isso teve a ideia de fazer doces. Começou a ganhar muito dinheiro e passou a ter uma vida mais tranquila. Abaixo, na Figura 16, temos uma idosa com aparência de estar feliz.

²⁸ FRANÇA, Cecília Cavaliéri. **O silencioso mundo de Flor**. Ilustrações de André Persechini. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011. (O livro encontra-se na caixa B do 2º ano do Ensino Fundamental).

²⁹ CORALINA, Cora. **A menina, o cofrinho e a vovó**. Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. 2. ed. São Paulo: Gaudi Editorial, 2011. (O livro encontra-se na caixa B do 3º ano do Ensino Fundamental).



Figura 16: *A menina, o cofrinho e a vovó*

2.17 *Chapeuzinho Vermelho e as cores*

O livro analisado *Chapeuzinho vermelho e as cores* (ABU, 2011)³⁰ narra as cores do arco-íris, que são referências para a construção da narrativa. O vermelho é a cor de Chapeuzinho. Amarelo é a cor da mãe. O branco é a cor da pomba que levou a mensagem da avó. O verde é a cor da esperança, esperança da avó pela chegada da neta e a esperança da neta de não encontrar o lobo na floresta e de não sentir medo, e assim por diante. O livro mostra a coragem de Chapeuzinho diante do lobo. Abaixo na Figura 17, a imagem do lobo na cor preta em meio às cores do arco-íris.



Figura 17: *Chapeuzinho Vermelho e as cores*

2.18 *Dandara, o Dragão e a Lua*

O livro analisado *Dandara, o Dragão e a Lua* (ROSSATO, 2013)³¹ narra a história da protagonista da história Dandara, que adora olhar para o céu. Sua mãe e a sua professora

³⁰ ABU, Angelo. **Chapeuzinho vermelho e as cores**. Ilustrações do autor. São Paulo: Lemos Editorial, 2011. (O livro encontra-se na caixa B do 1º ano do Ensino Fundamental).

³¹ ROSSATO, Máira Suertegaray. **Dandara, o Dragão e a Lua**. Ilustrações de Carla Pilla. Porto Alegre, RS: Cassol, 2013. (O livro encontra-se na caixa B do 1º ano do Ensino Fundamental).

contam histórias sobre a lua. A protagonista quer conhecer a lua e pegá-la para enfeitar seu quarto. Mas como Dandara irá até lá? Não pode trazê-la, mas pode ficar viajando pelo céu. Da janela do seu quarto ela pode ver as caretas que a lua faz para ela. Abaixo, na Figura 18, temos a protagonista da história em cima do dragão na cor verde.

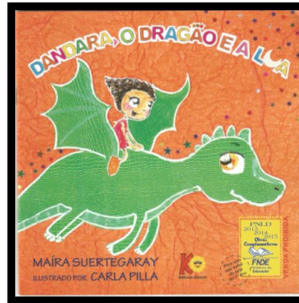


Figura 18: *Dandara, o Dragão e a Lua*

2.19 *Pretinho, meu boneco querido*

O livro analisado *Pretinho, meu boneco querido* (FURTADO, 2008)³² narra a história de Nininha, uma menina que tem uma coleção de bonecos e bonecas que ganham vida. No seu aniversário de oito anos, sua mãe a leva a uma loja de brinquedos para escolher um presente. Nininha ficou encantada quando seus olhos cruzaram com os de Pretinho. O boneco é negro como Nininha. Ao chegar a casa, Pretinho diz à menina que seu nome é Carlos, mas que poderia chamá-lo de Pretinho. Com o passar dos dias, Pretinho se esconde no armário, pois começa a sofrer com os ciúmes e com o preconceito dos demais brinquedos, que não o aceitam pelo fato dele ser negro. A menina sempre chamava a atenção de Pretinho, dizendo que o armário não era lugar para ele ficar, e sim junto com os demais brinquedos que ficavam na prateleira. Com isso, ele chorava escondido no armário. Até que um dia os brinquedos resolvem mudar a cor de Pretinho, colocando a vida do boneco em perigo. No final da história os brinquedos compreendem que colocaram a vida de Pretinho em grande perigo, pois não aceitam a sua diferença e isso se chama discriminação, mesmo assim Pretinho perdoou os brinquedos que o agrediram. Abaixo, na Figura 19, o boneco Pretinho sentado e a seu lado um coração com o nome do livro.

³² FURTADO, Maria Cristina. **Pretinho, meu boneco querido**. Ilustrações de Ellen Pestili. 2.ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2008. (O livro encontra-se na caixa A do 3º ano do Ensino Fundamental).



Figura 19: *Pretinho, meu boneco querido*

2.20 *Bruna e a galinha d'Angola*

O livro analisado *Bruna e a galinha d'Angola* (ALMEIDA, 2011)³³ narra a história da menina Bruna, descendente de africanos, que se sentia muito sozinha e gostava de ouvir as histórias tradicionais africanas contadas por sua avó. Após ouvir a lenda de Òsún, uma menina que se sentia só e que para lhe fazer companhia resolveu criar Conquém, a galinha d'Angola. Bruna se inspira e então modela na argila uma galinha d'Angola para lhe fazer companhia. No dia de seu aniversário sua avó lhe dá uma galinha d'Angola de verdade, que se chamava Conquém. As outras crianças da aldeia que não brincavam com Bruna foram se aproximando dela e pedindo para brincar com a galinha. Bruna passou a ter muitas amigas. A avó, além de contar lendas de sua aldeia africana, resolveu ensinar as meninas a pintarem tecidos, como os que ela fazia na África. Isso fez com que a aldeia ficasse conhecida. Um dia a Conquém teve filhotes e cada menina da aldeia pode ter sua galinha d'Angola. Até hoje o povo daquela aldeia conta a história de Bruna e da galinha d'Angola para aqueles/as que compram os belos tecidos pintados pelas meninas. Abaixo na Figura 20, a protagonista da história brincando com a galinha d'Angola.

³³ ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'Angola**. Ilustrações de Valéria Saraiva. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011. (O livro encontra-se na caixa B do 2º ano do Ensino Fundamental).

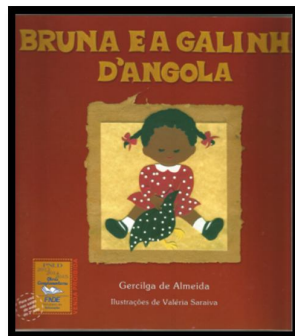


Figura 20: *Bruna e a galinha d'Angola*

2.21 *Frederico Godofredo*

O livro analisado *Frederico Godofredo* (LEÃO, 2010)³⁴ narra a história de um menino de mesmo nome do título do livro. Ele é um menino diferente. Adora dar asas à imaginação. Ele não deseja ser admirado pelo que possui. A sua inventividade não tem limites e, com criatividade, o que parece ser inútil vira novo de novo: brinquedos velhos e quebrados, objetos estranhos e até mesmo papéis usados. Frederico Godofredo gosta de estar no mundo, sentir a areia entre os dedos, catar conchas, folhas e pedrinhas ou, simplesmente, deixar o olhar se perder no horizonte e, à noite, contemplar as estrelas, tudo isso pra ele é uma grande felicidade. Abaixo na Figura 21, Frederico Godofredo lendo deitado.

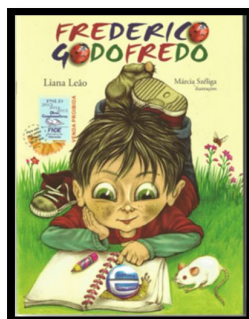


Figura 21: *Frederico Godofredo*

³⁴ LEÃO, Liana. **Frederico Godofredo**. Ilustrações de Márcia Széliga. São Paulo: Elementar, 2010. (O livro encontra-se na caixa B do 2º ano do Ensino Fundamental).

2.22 *Quem é a Glória?*

O livro analisado *Quem é a Glória?* (COSTTA, 2011)³⁵ traz como protagonista a menina do título. Para saber quem ela é, tem que conhecer sua casa, o que ela faz no dia a dia, a escola que frequenta, os/as amigos/as de sua turma, cada um/a com seus problemas buscando resolvê-los. Glória é uma menina esperta, um pouco tímida e com muito encanto. É um livro que mostra como problemas existem para serem enfrentados e resolvidos com alegria, energia e amor. Abaixo na Figura 22, tem a protagonista da história de costa, seus cabelos são ruivos.



Figura 22: *Quem é Glória?*

2.23 *Iguais, mas diferentes*

O livro analisado *Iguais, mas diferentes* (GUEDES, 2011)³⁶ é um livro que traz certas palavras com letrinhas bem iguais, mas, na frase, elas parecem que não se parecem mais. O livro mostra, por meio de versos e rimas, que ler pode ser muito divertido e prazeroso, além de trazer figuras coloridas, chamando a atenção do/a leitor/a. Abaixo na Figura 23, do lado esquerdo a metade de uma camisa e do lado direito, metade de uma fruta.

³⁵ COSTTA, Silvio. **Quem é a Glória?** Ilustrações de Marta Neves. 1ª ed. 1ª reimpressão. Sabará, MG: Dubolsinho, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do 2º ano do Ensino Fundamental).

³⁶ GUEDES, Hardy. **Iguais, mas diferentes.** Ilustração de Reinaldo Rosa. Curitiba, PR: Terra Sul Editora, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do 2º ano do Ensino Fundamental).

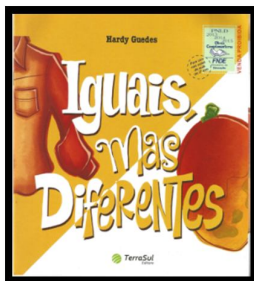


Figura 23: *Iguais, mas diferentes*

2.24 A árvore da família

O livro analisado *A árvore da família* (ZAKZUK, 2011)³⁷ narra brevemente a origem dos antepassados das personagens, sírios e portugueses. O livro mostra a metáfora da árvore genealógica como representação gráfica que expressa recuperação das origens de uma pessoa ou de uma família que ganha múltiplos significados. Abaixo, na Figura 24, o desenho de uma árvore; embaixo da árvore tem um idoso e uma idosa sentado/a em um banco; em um galho um idoso e uma idosa; em outro galho um homem e uma mulher em um balanço; no galho acima o desenho de uma casa com um homem e uma mulher na janela; no galho mais acima um menino de pé no balanço; uma menina andando no galho; e um menino nas folhas.



Figura 24: *A árvore da família*

2.25 Era uma vez uma bota

O livro analisado *Era uma vez uma bota* (ZATZ, 2011)³⁸ narra a história de uma bota de uma pastora de ovelhas. A pastora adormeceu embaixo de uma árvore e quando acordou

³⁷ ZAKZUK, Maísa. **A árvore da família**. São Paulo: Guia dos Curiosos Comunicações, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do 3º ano do Ensino Fundamental).

³⁸ ZATZ, Lia. **Era uma vez uma bota**. Ilustrações de Alexandre Teles. São Paulo: Biruta, 2011. (O livro encontra-se na caixa A do 1º ano do Ensino Fundamental).

percebeu que sua bota tinha sumido. Ela começou a procurar e não achou o pé da bota. Uma família de ratos/as que perderam muitas casas acharam a bota e resolveram fazer dela uma escola. Abaixo na figura 25, a família de ratos/as.



Figura 25: *Era uma vez uma bota*

2.26 *Turma da Mônica*: folclore brasileiro

O livro analisado *Turma da Mônica: Folclore Brasileiro* (Sousa, 2009)³⁹ traz as personagens da Turma da Mônica apresentando cenas do rico e diversificado folclore brasileiro. O livro apresenta muitas cantigas de roda, lendas, pegadinhas, trava-línguas, músicas, adivinhas, provérbios, crendices, trovas, acalantos e brincadeiras que atravessaram gerações e gerações que ainda encantam as crianças. Abaixo a Figura 26, com as personagens da turma da Mônica brincando de cantiga de roda junto com o boi da cara preta e a cuca.

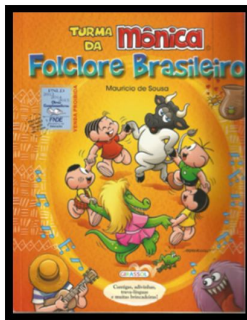


Figura 26: *Turma da Mônica*: folclore brasileiro

³⁹ SOUSA, Maurício de. **Turma da Mônica: Folclore Brasileiro**. Barueri, SP: Girassol, 2009. (O livro encontra-se na caixa A do 1º ano do Ensino Fundamental).

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS LIVROS PARA A INFÂNCIA

Para compor a análise, nos embasamos nos referenciais teóricos dos Estudos Culturais por entender que há pedagogia em todos os lugares e por compreender os livros para a infância como artefatos culturais; os Estudos de Gênero e os Estudos Feministas, que ajudam a compreender historicamente como o Gênero se constituiu como categoria de análise, a partir de conceitos e reivindicação de movimentos feministas e também nos auxiliaram na possibilidade de compreender a constituição das feminilidades nos livros para a infância; além dos pressupostos foucaultianos que compreendem os livros como discursos e práticas. A perspectiva da teoria pós-crítica foi fundamental para voltarmos nossos olhares às problematizações de cada livro analisado, abrindo mão dos conceitos idealizados que são geralmente presentes nos livros para a infância. Paraíso frisa que devemos construir nossas metodologias,

sabendo que a linguagem precisa receber a maior atenção de nós pesquisadoras: tanto a linguagem dos nossos objetos, a linguagem que escolhemos para descrever/analisar, como a nossa própria linguagem que vamos usar/inventar para falar, escrever e dizer sobre o nosso objeto de pesquisa. (PARAÍSO, 2012, p. 29).

A teoria pós-crítica nos possibilitou problematizar os livros para a infância com outros olhares e outros conceitos, desconfiando e nos debruçando sobre as fontes de pesquisa. Concordamos com Meyer que

fazer pesquisa se conecta com determinadas possibilidades de elaborar perguntas e objetos de pesquisa, planejar a investigação, movimentar-se no processo de sua implementação, operar sobre o material empírico que nele produzimos e compor o texto que resulta da análise que dele fazemos. (MEYER, 2012, p. 49).

Não temos a pretensão de buscar respostas e certezas em nossa dissertação, mas sim possibilitar a problematização dos saberes que são produzidos nos livros para a infância. Como afirma Xavier Filha: “As questões de gênero, corpo, sexualidade, diferença e diversidade, nas últimas décadas, vêm ganhando espaço nas publicações para a infância, especialmente em livros” (XAVIER FILHA, 2014, p.154). Os livros para a infância vêm se tornando um campo fértil para discussões e problematizações de questões de gênero, corpo,

sexualidade, diferença e diversidade, como bem ressalta a citação acima. São artefatos culturais que, de acordo com a autora, “produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma “adequada” e “normal” de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade” (XAVIER FILHA, 2014, p. 155).

A mesma autora ressalta que “entender os livros como artefatos culturais que expressam pedagogias é uma tarefa que nos leva a analisar os próprios textos e ilustrações para, contudo, questionar conceitos e também promover a reflexão e a autorreflexão dos leitores e leitoras” (XAVIER FILHA, 2014, p.155).

No presente estudo, os livros selecionados não são direcionados às temáticas de gênero e sexualidade. Nesta pesquisa preferimos usar o conceito de livro para a infância, como já citado anteriormente. Esses livros apesar de não serem direcionadas as temáticas citadas trazem muitas delas, como veremos nas discussões a seguir. Os livros para a infância, neste trabalho, foram selecionados e analisados atentando detalhadamente aos textos escritos e/ou imagéticos, procurando identificar os tipos de feminilidades que são veiculadas e/ou produzidas. Foram produzidas e/ou reproduzidas fichas de análise, a fim de descrever e detalhar os conteúdos dos livros, para facilitar a discussão da problemática do que procurávamos analisar. Os livros foram agrupados por temáticas prioritárias, no entanto, apesar disso, o nosso olhar era para ver em cada um dos grupos como a feminilidade era veiculada e produzida.

Neste item, atentamos nossos olhares às discussões e problematizações dos livros que foram descritos anteriormente no Capítulo 2. Primeiramente, analisamos os oito livros que abordavam as questões da diferença e identidade. No segundo item, dois livros que abordavam prioritariamente a questão de gênero; no terceiro item, analisamos oito livros que traziam uma feminilidade socialmente desejada e, por fim, onze livros que trouxeram outras expressões de feminilidades. Ressaltamos que as nossas fontes foram analisadas nos pressupostos teóricos já citados que embasam esta pesquisa, tendo a feminilidade como objeto de estudo.

3.1 “Ninguém queria ser visto com uma pessoa tão diferente”: a diferença e a identidade nos livros para a infância

Neste agrupamento os conceitos de identidade e diferença foram utilizados para compreender o gênero como um marcador identitário concebido de modo relacional, que

posiciona o feminino e o masculino de determinado modo, enfocando na questão da feminilidade, foco de nosso estudo. Foram analisados oito livros que abordavam as questões da diferença e da identidade: *Lilás, uma menina diferente* (WHITCOMB, 2011); *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010); *A joaninha que perdeu as pintinhas* (PAES, 2010), *Carta do tesouro: para ser lida às crianças* (MIRANDA, 2013); *Minha família é colorida* (MARTINS, 2011), *Frederico Godofredo* (LEÃO, 2010); *Pretinho, meu boneco querido* (FURTADO, 2008); e *Bruna e a galinha d'Angola* (ALMEIDA, 2011).

No decorrer das análises dos livros desse agrupamento, percebemos que os mesmos tem uma relação com o objeto da nossa pesquisa: a feminilidade. As personagens dos livros analisados não são idealizadas, com atributos padronizados e fixos, mas sim caracterizadas enquanto personagens singulares com características diferentes das convencionalmente comuns na sociedade.

No livro, *Lilás, uma menina diferente* (WHITCOMB, 2011), Lilás era considerada pelos/as colegas como uma menina esquisita: “Lilás era toda diferente: seu nariz era coberto de sardas... Nada parecia certo em Lilás” (WHITCOMB, 2011, p. 12). Segundo Xavier Filha:

A prática do diálogo sobre o que é diferença, como ela se constitui e como lidamos com o “outro”, considerado diferente, é salutar, bem como pensá-la como constituinte de todos os sujeitos. É importante estabelecer um ambiente propício aos posicionamentos das crianças, provocar questionamentos a partir de exemplos cotidianos e que tenham significados para elas. (XAVIER FILHA, 2012, p. 279).

Na maioria das práticas pedagógicas, os/as professores/as têm certa dificuldade em lidar com situações como a diferença mesmo que haja, em alguns livros, alternativas pedagógicas para discussão e constituição delas. Xavier Filha traz algumas sugestões de livros que tratam desse tema, ressaltando que “as crianças têm o desejo de questionar e conhecer o mundo” (XAVIER FILHA, 2012, p. 280). No entanto, muitas delas já possuem conceitos e ideias, fruto de representações culturais do que é ser menina ou menino, do preconceito, por exemplo, com a pessoa considerada “diferente”. O diferente pode surpreender e renovar o olhar de cada um/a, desde que essa diferença seja respeitada e valorizada.

O livro *Lilás, uma menina diferente*, também, apresenta alguns elementos para a discussão como: os presentes levados para a professora pelas demais crianças são todos culturalmente tidos como femininos e “Lilás, por sua vez levou um presente que ela mesma tinha feito: uma caixinha de papelão, onde havia sete pedrinhas, seu cadarço vermelho favorito e meio ovo de pardal” (WHITCOMB, 2011, p. 7). Outro elemento: no dia do

brinquedo as meninas levam apenas bonecas e “Lilás apareceu com uma planta muito estranha” (WHITCOMB, 2011, p. 10), como mostra a Figura 27 abaixo.



Figura 27: Lilás apareceu com uma planta muito estranha

Na imagem da figura 27 é possível perceber que a protagonista da história foge dos padrões convencionais. A mesma usa óculos grandes, suas roupas eram sempre as da irmã mais velha. Em seu primeiro dia de aula, enquanto as outras crianças presenteiam a professora com perfumes, lencinhos bordados e porta-joias, Lilás oferece um presente diferenciado. As crianças da escola não queriam brincar com ela, pois a achavam estranha. Mesmo considerada diferente, Lilás conquistou a amizade das demais crianças. Na festa na casa de Lilás, as crianças brincam juntas, usam os mesmos acessórios e não há diferença entre meninas e meninos, “todos puseram as coroas na cabeça e improvisaram um manto real com um cobertor vermelho” (WHITCOMB, 2011, p. 26). Vejamos essa brincadeira não-sexista na Figura 28. Nela aparecem cinco crianças brincando com coroas douradas, enfeitadas com pedras coloridas.



Figura 28: Todas as crianças brincam juntas

O livro que analisamos instiga a discussão sobre os modelos de feminilidades, uma vez que Lilás tem uma feminilidade diferente das demais meninas, as quais vivem cercadas pelo universo das condutas que são culturalmente designadas como femininas: Lilás usava roupas que eram da sua irmã mais velha; nenhuma na cor rosa; Lilás era considerada diferente, tinha o nariz coberto de sardas; usava óculos grandes; não tem apelido; come cenoura e legumes na hora do lanche; Lilás tinha de tudo, até “cinzas de um vulcão de verdade” (p. 21). A identidade de gênero de Lilás é marcada pela diferença das outras meninas mostrando a possibilidade de ser menina de outro jeito para além do modelo idealizado pela sociedade.

Outro livro que traz a questão da diferença é *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010). O livro mostra muitas famílias que vivem de jeitos bem diferentes, como mostra a imagem:



Figura 29: Algumas crianças têm duas mães ou dois pais

A Figura 29 acima apresenta os vários tipos de família que são formadas com: duas mães e um filho; dois pais e um filho; uma mãe, um pai, uma filha e um filho. Xavier Filha ressalta “os livros infantis com a temática da(s) família(s) devem abordar as múltiplas formas de constituição familiar” (XAVIER FILHA, 2012, p. 282). A importância da inserção de livros que retratam as múltiplas formas de constituição familiar é um passo importante para o combate à homofobia, tão presente em nossa sociedade. O contato com esses livros pode despertar um sentimento de respeito com os homossexuais e heterossexuais. Ferrari contribui para a nossa análise quando entende que as orientações sexuais são construções e não essências, algo dado. Segundo ele:

Desta forma, não nascemos homossexuais, tampouco heterossexuais. Nos tornamos sujeitos de tais orientações sexuais. Entrar em um mundo já organizado discursivamente significa entrar nos jogos de verdade em que somos induzidos a buscar nossas verdades, a nos definir como capazes de falar e de produzir conhecimento sobre nós mesmos e sobre os outros, colocando em circulação esses jogos de verdade que nos constituem. (FERRARI, 2014, p. 205).

O autor argumenta que nos constituímos e nos identificamos a partir de nossos desejos, na medida em que reconhecemos e nomeamos culturalmente o que sentimos e fazemos. Portanto, o livro nos faz pensar sobre as relações homoafetivas.

O preconceito com livros desta natureza é algo que dificulta a utilização do mesmo no ambiente escolar ou mesmo o surgimento de mais livros que abordem a homoafetividade. Colaborando com nossa discussão, Xavier Filha pontua que “a heterossexualidade aparece como a única e desejável possibilidade de identidade sexual. A homossexualidade, nos livros analisados, é tratada de forma ligeira e sucinta, especialmente quando a temática é a diversidade familiar” (XAVIER FILHA, 2012, p. 165). A autora argumenta sobre isso a partir de informações coletadas em suas pesquisas, priorizando os livros para a infância com os temas direcionados a gênero, sexualidade, identidade/diferença e diversidades. A pesquisa intitulada: *Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças (2008-2012)* destaca, segundo a autora, que nos últimos anos houve um aumento significativo de livros sobre os temas priorizados, ainda necessitando de mais obras que reportem a questão da homossexualidade e das temáticas da violência contra crianças.

Por estas razões, é importante destacarmos que “os livros são elementos de reflexão sobre questões culturalmente e assumidas como padrão natural. As crianças (e os adultos) são estimulados a pensar-se e a produzir elementos para a construção da própria identidade” (XAVIER FILHA, 2012, p. 171). Ainda segundo Xavier Filha:

[...] as perspectivas de igualdade entre os gêneros com respeito aos questionamentos sobre como a diferença se constitui entre os sujeitos, produzindo-os. Esta é a razão de se pensar em estratégias pedagógicas para tratar dos temas, a partir dos questionamentos que levem a refletir sobre o que se considera ‘verdade única’ e válida para todo mundo (XAVIER FILHA, 2012, p. 278).

A escola, como um espaço produtivo sobre as discussões referentes à diferença, inclusive sobre a constituição da família, algumas vezes omite essas discussões, ensina e insiste em mostrar para as crianças a família nuclear como é o modelo ideal de constituição

familiar. O livro vem contribuir para repensar a questão e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa em relação às famílias homoafetivas.

Como diz Xavier Filha, “a ideia de família ideal pode ser representada de várias maneiras. Uma das mais comuns é a composta por pai, mãe e um casal de filhos/as, a típica *família nuclear*” (XAVIER FILHA, 2012, p. 314). A autora continua sua argumentação dizendo que “os indicativos desta idealização são facilmente encontrados em propagandas e outros artefatos culturais produzidos socialmente” (XAVIER FILHA, 2012, p. 314). A autora cita como exemplo “os adesivos de carro e que se representam os integrantes da família do/a proprietário/a do veículo” (XAVIER FILHA, 2012, p. 314). Segundo Xavier Filha, “a temática da família também nos remete a outra questão, que é forma com a qual lidamos com a *diferença* e a incorporamos” (XAVIER FILHA, 2012, p. 315). O livro de Hoffman retrata bem essa diferença na constituição da família. Xavier Filha sinaliza:

Convivemos com famílias das mais variadas composições: famílias em processo de separação; famílias monoparentais (compostas por mãe e filhos/as ou pai e filhos/as); famílias extensas (compostas pelo casal, familiares distantes e agregados/as); famílias constituídas por casal homossexual, as homoafetivas (homem-homem; mulher-mulher); famílias constituídas com filhas e filhos adotivos/as; famílias constituídas por mães e pais separados/as, que trazem para a nova relação filhas e filhos de outros casamentos (quando há filhos/as desta relação, produz-se a presença do meio-irmão/a); famílias constituídas mediante novas técnicas de reprodução (que tornam tecnicamente possível a criança ter um total de cinco pais– três tipos de mães: a genética, a gestacional e a de criação– e dois pais (o da genética e o de criação); família intacta (que não sofreu separação); enfim, na atualidade existem muitas outras possibilidades de configuração familiar (XAVIER FILHA, 2012, p. 315).

Como citado acima, são inúmeras as constituições de família. Porém, não devemos silenciar aos questionamentos que as crianças fazem, seja na escola ou na família ou até mesmo de alguns artefatos culturais como a televisão, revista e alguns desenhos infantis (animações) que mostram um único tipo de constituição familiar. Louro afirma que os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações “[...] também têm observado, a representação da família *típica* constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina” (LOURO, 1997, p. 70). Os livros para a infância reforçam essa *família típica*, como Louro cita. As famílias que não se enquadram na *família típica* são consideradas diferentes. Segundo Xavier Filha, “a questão da diferença nos remete também as práticas sociais e à própria construção dos sujeitos em suas múltiplas identidades, entre elas a

de gênero (masculino e feminino), a sexual (homossexual; heterossexual; bissexual), a étnica e a religiosa, entre outros” (XAVIER FILHA, 2012, p. 316).

A diferença depende de uma rede, muitas vezes oculta e com declarações negativas. Xavier Filha afirma que “hoje, a família já pode ser considerada um grupo de pessoas que convivem sob laços de afeto e de cuidado, o que não significa que seja um espaço sem conflitos, negociações, dúvidas, disputas e até de violência” (XAVIER FILHA, 2012, p. 316). A família nuclear é considerada uma construção social e cultural da nossa sociedade. O livro **vem mostrar** novas constituições de grupos familiares, como mostra o trecho da obra: “Algumas crianças têm duas mães ou dois pais” (HOFFMAN, 2010, p. 6). Hoje, temos novos grupos familiares, novas famílias, não só a família nuclear como referência imposta pela sociedade. Outro fator primordial para a nossa discussão é a vivência familiar, tanto as mulheres como os homens se constituem a partir dessa referência, pois é um fator importante para a constituição das identidades femininas e masculinas. Temos o machismo como outro exemplo: vivemos ainda em uma cultura machista em que os valores são reproduzidos nas relações familiares e se constituem como fatores importantes dos sujeitos que ali se constituem. Neste livro não fizemos uma análise mais profunda sobre a feminilidade, mas para pensar como a feminilidade se constitui em espaços de diferenças e que devemos ter espaços livres para essas discussões.

Outro livro é *A joaninha que perdeu as pintinhas* (PAES, 2010). Ele narra a história de Tininha uma joaninha que perdeu suas pintinhas, como mostram alguns trechos e imagens do livro, nas figuras 30 e 31:



Figura 30: Mamãe, veja eu voltei!



Figura 31: Você não é minha filha

As imagens das figuras 30 e 31 ressaltam situações sobre a identidade da personagem que, perdendo as suas pintinhas, não pode voltar para casa e nem ao aconchego do colo de sua mãe. Ela passa a ser renegada pela sua mãe por essa mudança em seu corpo. As pintinhas de Tininha são alguns dos aspectos atribuídos à sua identidade feminina. Ela encontra forças para poder mudar essa situação e ser aceita novamente. Para isso teve que ter persistência e coragem para procurar suas marcas do corpo, mesmo se sentindo sozinha, ela não desistiu e acabou encontrando uma solução para o seu problema.

Teoricamente podemos pensar na construção da identidade da personagem a partir de seu corpo. Não nascemos com uma identidade pronta, completa, formada, ela vai sendo construída e modificada, portanto, a identidade não é estável. Silva pontua que:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como a identidade. (SILVA, 2012, p. 83).

Quando Tininha perdeu suas pintinhas, automaticamente a sua identidade ficou em jogo, ela não foi reconhecida pela mãe e nem pelos/as demais insetos, como mostra o trecho do livro: “Você não é minha filha, não queira me enganar. Minha filha é pintadinha, volte já para o seu lugar” (PAES, 2012, p. 8). A identidade é um processo que se dá por meio da interação com o outro, do discurso, da linguagem e do diálogo. A identidade feminina de

Tininha foi marcada no seu corpo. O seu corpo ganha sentido socialmente. Segundo Louro, “a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2000, p. 9). Quando Tininha perdeu suas pintinhas, automaticamente ela deixou de pertencer a um grupo social de referência, foi rejeitada pela sua mãe e só pode voltar para a sua casa recuperando as suas pintinhas.

O livro *Carta do tesouro: para ser lida às crianças* (MIRANDA, 2013) também discute a questão da diferença e da identidade. Como mostram algumas imagens do livro, nas figuras 32 a 34:



Figura 32: Cada criança tem um jeito de ser



Figura 33: Uma tem pintinhas no rosto



Figura 34: As crianças são muito diferente umas das outras

As imagens das figuras 32, 33 e 34 nos faz refletir sobre as muitas formas de ser diferente e a constituição das identidades das pessoas das mais diversas etnias e culturas. É importante salientar que somos diferentes tanto nas questões físicas quanto de conduta, bem como nas formas e jeitos culturais. “Umam são pretas, umas são brancas, umas são vermelhas, umas são amarelas, umas até são azuis, verdes...” (MIRANDA, 2013, p. 14).

Os livros para a infância como artefatos culturais e pedagógicos constituem dispositivos pedagógicos para educar a infância, o que o livro analisado possibilita, ao problematizar as diferentes identidades femininas, como mostram as figuras 35 e 36:



Figura 35: Identidade feminina

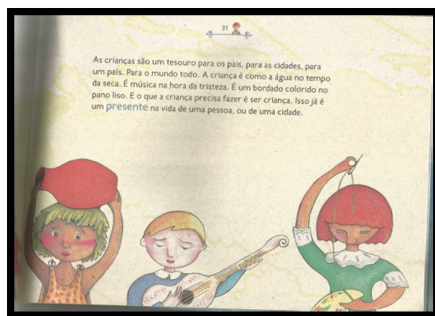


Figura 36: Constituição da identidade feminina

A imagem da Figura 35 tem três personagens femininas, a primeira é uma menina com um coelho de pelúcia na mão; a segunda é uma menina segurando um bebê no colo e a terceira é uma bailarina. Percebemos mais uma vez no livro o fato de que as identidades são múltiplas e plurais. A imagem da Figura 36 tem duas personagens femininas, uma está com jarro na cabeça e a outra está costurando. Também aparece uma imagem de uma criança que não identificamos qual o gênero, que está tocando um violão. As diferenças são fundamentais

para a construção das identidades. Nesse processo, a identidade é produzida, entre outras coisas, pelos discursos (da educação, da política, da economia, da religião, etc.), ela não se limita aos arranjos discursivos que a produzem. Sou alguém enquanto me identifico como membro de determinado grupo. Acontece que posso pertencer a vários grupos ao mesmo tempo. Essa parece ser a mensagem do presente livro, em especial enfocar as várias de ser feminino e masculino.

Outro livro *Minha família é colorida* (MARTINS, 2011). Ele traz a história de Ângelo, um menino negro de cabelos que não voam e que diz que papai passou cola neles. Esse livro problematiza as diferenças étnicas que, segundo Xavier Filha, além de serem problematizadas junto às crianças também podem ser “trabalhadas em atividades com músicas das várias etnias (como indígenas e afrodescendentes); pesquisas sobre os elementos culturais dos vários grupos; formas de constituição familiar de diversas culturas e momentos históricos” (XAVIER FILHA, 2012, p. 281). O livro mostra a curiosidade do menino, pois “Ângelo gosta de pensar nas coisas da vida, e um dia, depois de observar toda a sua família”, como mostra a imagens do livro na Figura 37:



Figura 37: Mãe, o meu cabelo não voa

A dúvida do garoto provoca toda a narrativa do livro que a partir daí, começa um levantamento histórico de toda a sua família, desde os antepassados até chegar à geração atual de Ângelo. A mãe começa a contar toda a história de sua família e o menino começa a entender que, em sua família, várias identidades femininas estiveram presentes, como mostram as imagens das figuras 38 e 39.

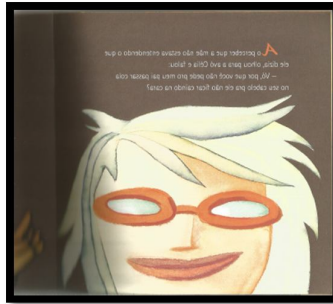


Figura 38: Vovó moderna



Figura 39: Vovó convencional

As imagens das figuras 38 e 39 acima traz dois tipos de identidades femininas. A Figura 38 traz a imagem de feminilidade da avó que usa óculos vermelho, tem o corte de cabelo moderno e sua cor é branca. A Figura 39 mostra outra feminilidade, a da avó mais convencional em um retrato. Nas imagens acima, o que nos chamou a atenção foi à constituição das feminilidades das avós de Ângelo, mesmo sendo pessoas idosas elas vivem suas feminilidades de modos diferentes, independente da sua raça/etnia.

A personagem feminina exercida pela mãe de Ângelo se torna presente nos questionamentos e nas dúvidas dele. O livro traz a discussão da identidade feminina e da identidade étnico/racial. Os livros para a infância fabricam identidades sejam elas de gênero, étnico/racial ou classe social. Segundo Louro: “Os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais” (LOURO, 1997, p. 70).

O livro para a infância *Frederico Godofredo* (LEÃO, 2010), mostra a história de Frederico Godofredo, um menino diferente que valoriza a sua imaginação e inventividade. O livro foge das normatizações de uma masculinidade hegemônica. A personagem masculina é inventiva, pouco popular diante dos/as outros/as e gosta de ler. Essas são características que

fogem ao padrão social do masculino. As características da inventividade-criatividade e ludicidade, de maneira cultural, são atribuídas às meninas. Será que essas características também não podem ser atribuídas a um menino? Por que a inventividade, criatividade, fantasia são esperadas somente das meninas? O livro dá oportunidade para pensar em outras formas de ser menino e também de ser menina.

Segundo Guerra:

As identidades vêm se constituindo um processo que envolve uma gama de circunstâncias, de experiências, das posições ocupadas pelos sujeitos um determinado momento histórico, social e cultural. Tais processos não ocorrem de forma ordenada e linear, mas de maneira contraditória, se movem, competem, resistem e se modificam, sendo permeados por relações de poder. As identidades estão encarceradas numa ordem biológica determinada. (GUERRA, 2012, p. 227).

A identidade implica incorporar conhecimentos acerca da diversidade, assim como neste trecho e Figura 40, abaixo, do livro: “Frederico Godofredo gostava também das coisas descartadas, dos brinquedos jogados fora, e até dos quebrados. Com eles, ia montando coisas novas. Uma vez, fez um móbile com pequenas peças de um carrinho velho, equilibrando tudo em fios de barbantes” (LEÃO, 2010, p. 8).

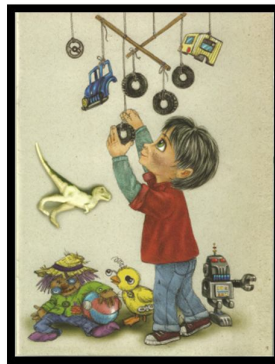


Figura 40: Frederico Godofredo gosta de inventar coisas

Frederigo Godofredo é um menino diferente, isso pode gerar atitudes de preconceito, como ressalta Silva:

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define diferença. Isto reflete a tendência de tomar aquilo que somos como sendo norma pela qual descrevemos ou avaliamos

aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. (SILVA, 2012, p.75-76).

A personagem do livro constrói a sua identidade por meio da linguagem e dos símbolos. Em oposição à identidade, a diferença é aquilo que Frederico Godofredo é. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. Como mostra a imagem da Figura 41:

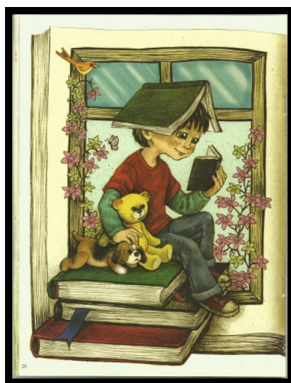


Figura 41: Frederico Godofredo gosta de ler

A Figura 41 traz a personagem masculina lendo, em meio a flores cor-de-rosa, ursinho de pelúcia na cor amarela e um cachorro de pelúcia marrom com preto. Essa cena foge do padrão masculino. Frederico Godofredo constrói sua identidade masculina fugindo dos padrões da masculinidade hegemônica.

O livro não traz brinquedos culturalmente direcionados ao masculino, como: bola, pipa, carrinho, entre outros. Silva sinaliza que “fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e diferenças” (SILVA, 2012, p. 83). O livro nos faz refletir sobre a identidade feminina e a identidade masculina. A personagem do livro constrói sua identidade masculina em meio à preferência por brinquedos e formas de lazer que são visadas culturalmente para o público feminino, como citado anteriormente.

No livro *Pretinho, meu boneco querido* (FURTADO, 2008) é narrada a história de Nininha, uma menina que tem uma coleção de bonecos/as que ganham vida. No seu aniversário de 8 anos, sua mãe a leva em uma loja de brinquedos para escolher um presente. Nininha ficou encantada quando seus olhos cruzaram com os de Pretinho. O boneco é negro

como Nininha. A menina trata o boneco com muito carinho e isso desperta ciúmes nos demais brinquedos de Nininha. Quando a menina não estava no quarto, os brinquedos maltratavam o Pretinho pela sua cor. Até banho deram no Pretinho pensando que a sua cor fosse tinta e assim ele ficaria branco. Pretinho caiu da janela e quase foi devorado pelo cachorro de Nininha. No final da história, Pretinho perdoou seus /suas amigos/as.

O livro traz uma personagem feminina corajosa, persistente e que toma atitudes para lidar com os conflitos gerados pelos brinquedos. Nininha tem 8 anos e já tem a noção do significado da palavra discriminação, como mostra o trecho do livro: “Que horror! Maltratar alguém pela sua cor ou raça chama-se discriminação. Ainda há quem aja assim? Meus pais sempre dizem que discriminar uma pessoa é crime. Eu não posso acreditar que seus amigos e... meus amigos façam isso com você” (FURTADO, 2008, p. 94). A menina também tem atitudes de companheirismo e amizade com o boneco Pretinho, quando o mesmo sofre algum tipo de discriminação dos demais brinquedos, como mostra a imagem da figura 42.



Figura 42: Amizade de Nininha e Pretinho

O livro promove a discussão da construção de feminilidade da personagem Nininha: ela é negra, corajosa, esperta, responsável e ainda favorece o respeito às diferenças entre os seus brinquedos. O boneco Pretinho constitui sua identidade étnica-racial em meio aos conflitos e adversidades com os brinquedos, vivenciando situações em relação à sua cor, como mostra o trecho do livro: “Um belo dia, alguns bonecos jogam bola, outros andam de bicicleta... e uma confusão começa quando Pretinho pega um carrinho e o boneco Malandrinho tira o brinquedo dele, dizendo: – “Sai, Pretinho, você vai deixar tinta preta no carrinho e quando eu for brincar vou me sujar” (FURTADO, 2008, p. 8). Kaercher afirma que a discriminação se revela de várias formas e

[...] se expressa de diferentes modos – não dar as mãos nas brincadeiras, não abraçar junto, não compartilhar objetos ou materiais. Está embutida nesse comportamento a noção de que a cor pode ser “passada” para a pessoa: sabendo que ter a pele escura não é bom, as crianças temem tornarem-se elas próprias vítimas da discriminação que perpetram. Se escurecerem serão isoladas, não serão aceitas, não terão afago e carinho. (KAERCHER, 2012, p. 94).

As identidades são múltiplas, complexas, instáveis e estão em produção contínua sendo, portanto, passíveis de mudanças. Aqui no presente livro observamos a construção e a discussão de duas identidades: a de gênero e, especialmente, a étnico-racial. O que nos interessa no presente estudo é pensarmos sobre a feminilidade, como já ressaltamos, nas características apresentadas pela menina Nininha. Outro fator importante a ser salientado é a figura masculina de Pretinho como alguém frágil, que sofre as agressões e violências dos outros – alguém que não revida. Aqui podemos ver a feminilidade a partir das marcas da masculinidade dessa personagem. O livro também nos faz pensar sobre o racismo como forma de violência que o boneco Pretinho sofreu no decorrer da história, mesmo que não seja esse o nosso objeto de estudo, porém o livro tem inúmeros outros conceitos a serem trabalhados em pesquisas futuras.

O livro *Bruna e a galinha d'Angola* (ALMEIDA, 2011), conta a história de Bruna e suas amigas da grande aldeia chamada Terra, que se afeiçoaram à Conquém (galinha d'Angola), na beleza de suas penas escuras pintadas de pequenas bolas brancas. A avó de Bruna, além de contar a ela e suas amigas sobre as lendas de sua aldeia, ensina-as a pintar tecidos como os que ela fazia lá na África. Isso fez com que a aldeia ficasse conhecida por todos/as. Até hoje o povo conta a história de Bruna para todos/as que compram os tecidos.

O livro traz uma protagonista negra chamada Bruna: ela é alegre, questionadora e curiosa. É um livro que também pode ser problematizado e pautado na diversidade cultural, tendo como princípio a identidade e a diferença étnico-racial. Ferrari conceitua que “valorizar a diversidade passa pela luta e defesa das diferenças como aquilo que há de rico numa sociedade, algo que deve ser valorizado e não entendido na lógica binária [...]” (FERRARI, 2012, p. 268). Segundo o autor, devemos assumir um discurso da diversidade, defendendo as diferenças e não representando as desigualdades. O autor ainda pontua que “o discurso atravessa e organiza a maioria de nossas práticas, se constituindo como campo de produção das diferenças e desigualdades” (FERRARI, 2012, p. 269). O livro analisado foge dos tradicionais contos de fadas, retratando a história de uma personagem negra que adora ouvir

histórias do seu povo, da sua cultura e da sua aldeia. Ela gosta de ouvir histórias da sua avó que é africana e por meio destas histórias que Bruna ganha uma galinha d'Angola que se torna sua melhor amiga.

Neste agrupamento procuramos trazer os conceitos de identidade e diferença, repensando como são constituídas as feminilidades das personagens femininas em relação às personagens masculinas. O gênero, como um marcador identitário, posiciona o feminino e o masculino em um determinado modo, sobretudo na construção da diferença.

3.2 *Então, homem chora ou não?* A construção das identidades de gênero nos livros para a infância

Neste agrupamento procuramos, em conjunto com Xavier Filha, “questionar a construção da identidade de gênero encontrada nos livros para a infância e a discutir sobre ela; a questionar a construção da identidade como processo, que não é linear, mas contraditório, inacabado” (2012, p. 170). Em todos os 26 livros que analisamos existem a possibilidade de problematizar a questão das identidades de gênero. Porém, priorizamos essa temática que aparece de forma mais explícita nestes dois livros: *O menino Nito: então, homem chora ou não?* (ROSA, 2008) e *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010).

Sobre o livro *O menino Nito: então, homem chora ou não?* (ROSA, 2008), Xavier Filha afirma:

O livro tem Nito como protagonista. Ele é negro e de família afrodescendente, algo pouco comum nos livros para a infância. Seu drama é chorar por todos os motivos. O pai o repreende dizendo que menino não deve chorar, até que um dia alguém o interpela sobre o comportamento adequado para extravasar os sentimentos. (XAVIER FILHA, 2012, p. 281).

O livro *O menino Nito* problematiza muitas questões, mas focamos nossas análises nas construções das identidades de gênero que, em alguns trechos e imagens do livro, são nítidas, como vemos nas figuras 43 e 44:

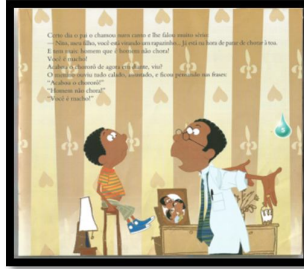


Figura 43: Mas Nito só tinha um problema chorava por tudo



Figura 44: Nito, meu filho, você está virando um rapazinho

Analisando as figuras 43 e 44, percebemos que a construção das identidades de gênero faz parte da vida de Nito, difundindo diferenças, hierarquias e discriminações. Na Figura 43, o pai e a mãe ficam preocupados com tanto choro. “Que menino chorão! – falava o pai. Para de chorar! – gritava a mãe” (ROSA, 2008, p. 4). Na Figura 44, o pai chama o menino e diz: “Nito meu filho, você está virando um rapazinho... Já está na hora de parar de chorar à toa. E tem mais: homem que é homem não chora! Você é macho” (ROSA, 2008, p. 5). Essa frase é pertinente para pensarmos a construção da identidade de gênero do menino e, em contrapartida, o que se espera da conduta de um menino e de uma menina, por conseguinte.

No livro *O menino Nito*, o pai do garoto tenta a todo custo intimidar seu filho negando-lhe o direito de se expressar pelo choro. Mas será que o pai não estava buscando um jeito para o menino parar de chorar? No entanto, com a forma culturalmente estabelecida ele diz ao filho que homem não chora, que ele é macho, utilizando-se de um argumento da masculinidade hegemônica para reforçar uma atitude esperada do filho. Segundo Felipe, “Homens são vistos como mais agressivos, pragmáticos, racionais” (FELIPE, 2012, p. 221). Ainda segundo a autora, os meninos, de forma compulsória, são tidos como heterossexuais nas suas identidades sexuais (FELIPE, 2012, p. 221).

Nito tenta fugir da “norma”, mostrando que homem chora. A mãe de Nito, assim como o seu pai, também diz para o menino parar de chorar, ou seja, ela reforça aquilo que o marido determina. A figura da mãe surge em outra cena quando o pai fala para ela que ambos devem chamar o médico. Quando o médico chega, pede que a mãe busque uma bacia (a bacia é vista como um objeto para uso doméstico, e os afazeres domésticos são relacionados socialmente com deveres femininos). Portanto, a figura da mãe aparece no livro para atender alguma tarefa designada pela personagem masculina. Para pensarmos a esse respeito, Felipe alega que o conceito de gênero é extensamente “veiculado a partir da década de 1980 do século XX, na tentativa de se opor a uma ideia de essência, que em geral pauta a explicação de comportamentos distintos para homens e mulheres” (FELIPE, 2012, p. 221). É importante articular o conceito de gênero em sua faceta política para entender esta parte sobre as funções desempenhadas pelas figuras masculinas e femininas no livro, como nos assegura Louro:

[...] [O conceito de gênero é] uma ferramenta de análise que é, ao mesmo tempo uma ferramenta política. Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatiza deliberadamente, a construção social e histórica produzidas sobre as características biológicas. [...] o conceito pretende sem referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são “trazidas” para a prática social e tornadas parte do processo histórico. (LOURO, 1998, p. 21-22).

Segundo a autora, o conceito de gênero constitui-se em uma ferramenta de análise social e como pressuposto político, que problematiza as constituições das identidades masculinas e femininas. De acordo com Xavier Filha, “O conceito de gênero é relacional, ou seja, não diz respeito somente ao gênero feminino, mas à constituição de masculinidades e feminilidades nas relações sociais e culturais” (XAVIER FILHA, 2012, p. 31). No livro *O menino Nito*, a construção da masculinidade desejada é relacionada à diferença com o feminino, numa relação em que percebemos que a inferiorização do feminino muitas vezes vem confirmando um modelo de masculino padrão. Quando o pai diz “Homem não chora! E você é macho!”, entendemos que essas afirmações vêm marcando diferenças. Assim, ao mesmo tempo em que o pai diz “homem não chora”, ele demarca quem chora (a mulher) e, conseqüentemente, afirma que o ser homem/macho heterossexual, não pode transitar nas “atribuições” ditas femininas. Felipe colabora com a nossa linha de pensamento e afirma que “quando as meninas choram, em geral não são imediatamente atendidas em suas demandas. Já

os meninos, são prontamente atendidos, pois seria complicado incentivá-los a um comportamento manhoso e chorão” (FELIPE, 2012, p. 221).

O livro *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010), traz a problematização também a questão de gênero. No item do livro sobre “trabalho”, surge a figura de uma mulher, supostamente a mãe, saindo para trabalhar; e a figura de um homem, supostamente o pai, com um filho pequeno no colo e uma menina segurando suas mãos, conforme é possível ver na Figura 45. A imagem descreve uma mulher saindo apressada, olhando o relógio com um gesto como se estivesse atrasada e o homem com as duas crianças, na porta, como se estivesse se despedindo de sua esposa, como mostra o trecho e imagem do livro:



Figura 45: Em algumas famílias todo mundo trabalha

A Figura 45 mostra um fato importante: na família afrodescendente, é a figura feminina quem sai para trabalhar e a figura masculina fica exercendo a função doméstica, cuidando da prole. Em outra cena aparece uma mulher vestida de casaco cor-de-rosa fazendo as tarefas domésticas, na outra cena uma mulher na frente de outras pessoas parecendo comandá-las no mercado de trabalho. A construção das identidades de gênero sobre as práticas sociais que cada gênero ocupa fica nítida na Figura 45, ou seja, enquanto a figura feminina busca exercer sua profissão fora do lar, à figura masculina ocupa o papel de cuidar da prole e ainda se desdobrar nos afazeres domésticos.

Como foi mostrada no livro, a feminilidade culturalmente desejada pode ser discutida com as crianças. Outro fator fundamental no livro é o da personagem masculina cozinhando, como mostra a Figura 46:



Figura 46: Figura masculina cozinhando

A Figura 46 traz um homem cozinhando e mexendo uma massa dentro de uma bacia. Essa figura possibilita pensar que a personagem masculina foge dos padrões normativos da masculinidade hegemônica, constituindo sua identidade masculina em um local que culturalmente foi destinado ao público feminino.

Neste agrupamento foi possível observar que o livro para a infância discute a construção das identidades de gênero. O livro analisado *O menino Nito* (ROSA, 2008) mostra que a identidade masculina é colocada em patamar de superioridade, quando o pai do menino utiliza a fala “Homem não chora!” (ROSA, 2008, p. 5), reforçando a ideia de fragilidade à identidade feminina. No entanto, o desenrolar da história contextualiza ao menino em exercer sua masculinidade de outra forma, podendo chorar, mesmo que para isso encontre motivos. O livro *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010), trouxe expressões de identidade feminina: uma mulher saindo para trabalhar e o homem ficando em casa cuidando da prole; em outro momento, uma mulher liderando um grupo de pessoas e um homem exercendo a profissão de cozinheiro. De acordo com as análises, a identidade é um produto cultural em que significados são produzidos. A feminilidade aparece mesmo nos livros em que esse assunto é silenciado, por exemplo, no livro do menino Nito em que se prioriza a temática da masculinidade. Ao vermos o que se prioriza como ideal do masculino, podemos perceber o que se espera para o feminino.

3.3 “Sou coisa muito simples, mas de muito sentimento sou prenda preferida no dia do casamento” – Identidade de gênero: feminilidade socialmente idealizada nos livros para a infância

Neste agrupamento encontramos oito livros que foram analisados e trouxeram a constituição de feminilidades socialmente desejadas, com atributos que tornam as identidades normalizadas. Foram analisados oito livros que traziam uma feminilidade socialmente desejada: *A velhinha na janela* (JUNQUEIRA, 2008); *Gente de muitos anos* (CARVALHO, 2009); *Os feitiços do vizinho* (JUNQUEIRA, 2009); *Livro das adivinhas* (MOTA, 2011); *Iguais mas diferentes* (GUEDES, 2011); *A árvore da família* (ZAKZUK, 2011); *Era uma vez uma bota* (ZATZ, 2011) e *Turma da Mônica: folclore brasileiro* (SOUSA, 2009).

O livro analisado, *A velhinha na janela* (JUNQUEIRA, 2008), é uma narrativa visual. A narrativa descreve a convivência das pessoas de gerações diferentes. Uma senhora idosa solitária observa o mundo de sua janela até que sua vizinha, uma menina, a percebe e decide relacionar-se com ela. O livro traz algumas cenas que trazem a feminilidade socialmente desejada, como mostra as figuras 47 e 48:

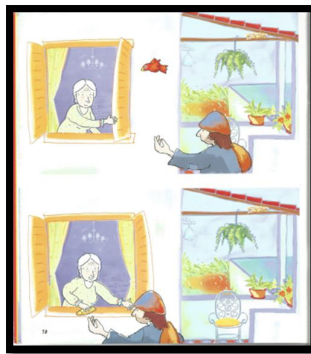


Figura 47: Idosa dando pão a um homem



Figura 48: Idosa mostrando seu baú de brinquedos

Na Figura 47 aparece a figura da senhora dando alimento a um homem. As qualidades de cuidadosa, bondosa e atenciosa são atributos socialmente construídos para o gênero feminino. Segundo Carneiro e Xavier Filha, “existem várias formas de ser homem e mulher, que poderiam ser representadas, veiculadas e questionadas” (2014, p. 71). No entanto, nos livros deste agrupamento, isso nem sempre ocorre e o que se prioriza é a normatização de um modelo único de ser feminino.

Na Figura 48, a senhora mostra à menina um baú de brinquedos culturalmente destinados ao público feminino. Dentro dele tem boneca, bola cor-de-rosa, bichos de pelúcia, vestido cor-de-rosa, cartas, livros e boneca vestida de bailarina. O livro também mostra dois universos geracionais: o de uma idosa e de uma menina. Esses momentos vividos por ambas são separados pelo tempo, porém trazem marcas de gênero idealizadas para a vivência da criança e da idosa.

O livro analisado, *Gente de muitos anos* (CARVALHO, 2009), narra os direitos das pessoas idosas, e as personagens femininas exercem as funções culturalmente desejadas, como mostram as figuras 49, 50 e 51:



Figura 49: Cuidando do jardim



Figura 50: Ensinando tricô



Figura 51: Cuidando de um bebê

Na Figura 49 aparece uma mulher dedicada aos cuidados com uma planta. Na Figura 50, uma senhora ensinando tricô a uma menina e na Figura 51 as personagens femininas aparecem sentadas em um banco, uma figura feminina está com um pano na mão e empurrando um carrinho com um bebê e a outra figura feminina está conversando (por meio de um balão de pensamento aparece o desenho de um casal dançando e um bolo com uma vela de quinze anos). Ambas as cenas são construções históricas em que a figura feminina tem atributos de dedicação e cuidado. Outro fator a destacar é a aparência da personagem feminina idosa que frisa o seu envelhecimento. As personagens masculinas, mesmo sendo pessoas idosas, aparecem exercendo funções de divertimento, como mostram as figuras 52 e 53.



Figura 52: Homem pescando



Figura 53: Time de futebol

Na Figura 52, temos uma personagem masculina pescando: mesmo sendo uma pessoa idosa ela se diverte e não aparenta que o tempo passou. Na Figura 53 podemos ver um time de futebol composto por personagens masculinas idosas. Os homens, independente da idade, aparecem em situações de lazer; diferentemente das personagens femininas, que estão diretamente ligadas aos afazeres domésticos e ao cuidado.

Os livros para a infância trazem “expressões do que se considera ideal e modelo de vivência para meninos e meninas” (XAVIER FILHA, 2009, p. 88). No livro analisado, a identidade feminina é uma construção social em que o determinismo biológico apresenta formas de normalizar e constituir as feminilidades das personagens.

O livro *Os feitiços do vizinho* (JUNQUEIRA, 2009), traz também as personagens femininas em situações do cuidado com a prole, como mostram as figuras 54 e 55:

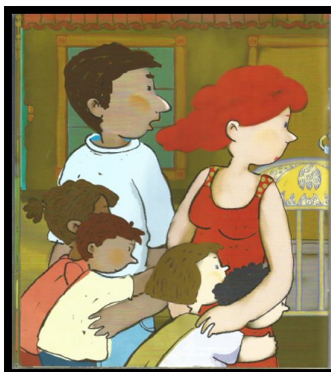


Figura 54: Personagem feminina cuidando da prole

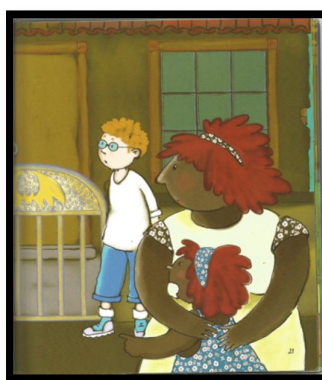


Figura 55: Mulher protegendo sua filha

A Figura 54 traz uma personagem feminina da cor branca, cuidando de um menino e de uma menina, e um homem cuidando de uma menina e de um menino. A Figura 55 também traz uma personagem feminina negra, cuidando de uma menina e com um adolescente ao fundo. Esta última personagem feminina nos chama atenção pela vestimenta: vestido amarelo claro, com detalhes de desenho florido na manga e fita florida no cabelo que é vermelho; a menina também usa fita florida em tom azul no cabelo que também é vermelho. Percebemos que as duas personagens da Figura 55 parecem ser mãe e filha e as mesmas usam adereços nos cabelos, quase iguais. Na Figura 55, a personagem feminina aparece protegida pela mãe e a personagem masculina, independente, mostrando assim que a figura feminina precisa demais proteção. As duas figuras trazem elementos que indicam a constituição de feminilidades hegemônicas e idealizadas, as personagens femininas se mostram dedicadas ao cuidado e proteção com a prole.

No Livro *das adivinhas* (MOTA, 2011), o que nos chama a atenção são situações nas figuras 56 e 57:



Figura 56: Figura feminina

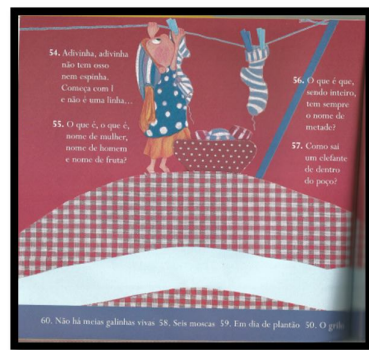


Figura 57: Mulher colocando roupas no varal

A Figura 56 traz uma personagem feminina com um lenço vermelho de bolinhas brancas amarrado na cabeça e está com uma bacia cheia de ovos. A Figura 57 tem uma personagem feminina com lenço azul amarrado na cabeça, blusa azul com bolinhas brancas e saia amarela: ela está colocando um par de meias no varal e, no chão, tem uma bacia cheia de roupas. Essas duas figuras trazem discussões sobre as ideias hegemônicas de feminilidades, ou seja, de mulheres desempenhando as funções domésticas das lides do lar.

Segundo Xavier Filha “há uma clara referência a feminilidades, que se apresenta sob dois modelos: o da mulher mãe e cuidadora (seja dos bebês e/ou da casa), e o da mulher sedutora, seguindo determinado padrão estético” (2009, p. 76). As figuras femininas são apresentadas, de algum modo, como se estivessem esperando que um homem as retire de uma situação desagradável, como mostra o trecho do livro: “Sou coisa muito simples mas de muito sentimento sou prenda preferida no dia do casamento” (MOTA, 2011, p. 5). De acordo com o

trecho, a figura feminina é passiva e frágil, ela só se sentirá protegida com um homem que a levará para o altar.

O livro *Iguais, mas diferentes* (GUEDES, 2011) apresenta certas palavras com letrinhas bem iguais. Uma personagem feminina aparece exercendo a função do lar e outra exercendo o papel de mãe admirando seu filho militar, como se vê nas figuras 58 e 59.

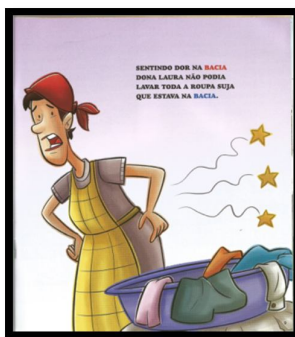


Figura 58: Figura feminina com uma bacia de roupa

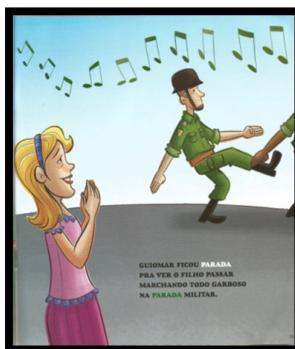


Figura 59: Mãe admirando seu filho

A Figura 58 mostra uma personagem feminina dedicada aos afazeres domésticos. É uma mulher branca, usa lenço vermelho na cabeça, vestido marrom e um avental amarelo, perto dela tem uma bacia com roupas dentro. A presença de várias estrelas às costas da personagem indica que ela está com dores por causa de sua labuta. Na Figura 59 temos uma personagem feminina branca, usando blusa na cor lilás, saia cor-de-rosa, com cabelo louro e uma tiara roxa na cabeça. Ela exerce a função de mãe, admirando o seu filho que é militar. Xavier Filha conceitua que “algumas das características consideradas socialmente desejáveis para as mulheres [são]: ser prendada na cozinha e ter o sonho da completude com o casamento heterossexual” (2011, p. 594), segundo a autora, essas características são construídas culturalmente e marcam a identidade feminina. Nas figuras analisadas é possível

perceber que a construção da identidade feminina é considerada normal e desejável, enquanto se dedique aos cuidados dos afazeres domésticos ou assumindo o papel zeloso de mãe.

As personagens masculinas que aparecem no livro são militares, como mostra a Figura 60:

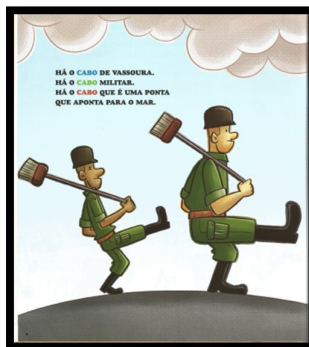


Figura 60: Personagem masculina militar

Segundo a Figura 60, as personagens masculinas apresentadas no livro exercem sua função fora do ambiente familiar. Vemos no livro como há uma separação binária entre o que se espera para a vivência das personagens masculinas e femininas. O homem desempenha funções militares, a mulher é dedicada aos afazeres domésticos e ao cuidado e zelo pela prole.

O livro *A árvore da família* (ZAKZUK, 2011) é um livro que o/a leitor/a vai se transformar no/na repórter da família para descobrir sua árvore genealógica. O livro mostra uma imagem de personagem feminina cozinhando, como mostra a Figura 61.



Figura 61: Mulher cozinhando

A figura 61 apresenta uma personagem feminina idosa com lenço azul na cabeça, saia verde com avental azul e blusa branca com desenhos geométricos. De acordo com

Carneiro e Xavier Filha “os cuidados com os filhos e filhas e os trabalhos domésticos surgem como ato naturalizado e condutas muitas vezes esperadas e cobradas pela sociedade” (2014, p. 77). A constituição da identidade feminina é ressaltada também pela meiguice, cuidado e atenção como atitudes legitimadas e normalizadas.

O livro *Era uma vez uma bota* (ZATZ, 2011) começa com apenas um pé de bota. O outro pé sumiu! É um livro que também descreve a figura feminina dedicada aos afazeres domésticos e cuidando de seus/suas filhos/as, como mostram as figuras 62 e 63.

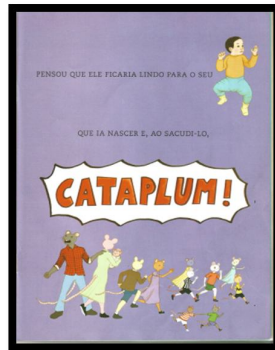


Figura 62: Figura feminina

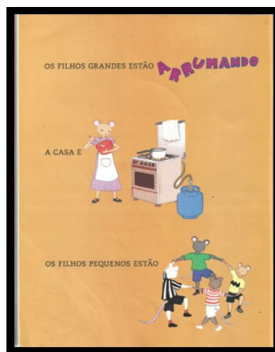


Figura 63: Mãe cozinhando

Nas imagens das figuras 62 e 63, a personagem feminina desempenha a função voltada aos afazeres domésticos e o cuidado com os/as seus/suas filhos/as. No decorrer da história ela se mostra dedicada aos cuidados com a prole.



Figura 64: Figura masculina

Na imagem da figura 64 a personagem masculina, que desempenha a função do pai, exerce outro tipo de atividade, ficando a mãe com os cuidados domésticos. Ele aparece usando um machado, enquanto sua esposa se dedica aos cuidados com os/as filhos/as e aos afazeres domésticos. Essas representações de feminilidade e masculinidade acabam funcionando como um marco orientador que diferencia o gênero feminino do masculino: enquanto o homem exerce suas funções em ambiente públicos, a mulher se dedica às funções do ambiente privado.

O livro *Turma da Mônica: folclore brasileiro* (SOUSA, 2009) é um livro que ilustra as personagens da Turma da Mônica apresentando cenas do rico e diversificado folclore brasileiro. O livro analisado mostra as personagens femininas sempre dedicadas aos cuidados domésticos, como se vê nas imagens das figuras 65 e 66.



Figura 65: Cozinhando



Figura 66: Vassoura na mão

Na Figura 65, vemos uma mulher cozinhando e dando atenção à sua filha. A Figura 66 mostra uma mulher com uma vassoura na mão conversando com outra mulher. É fundamental problematizar junto com as crianças esses conceitos normatizantes e essencialistas em relação à feminilidade que os livros para a infância trazem da figura feminina, mesmo que em algumas figuras esparsas e isoladas, mas ainda presentes nas ilustrações. Xavier Filha fundamenta que “esses conceitos levam-nos a construção da identidade de gênero encontrada nos livros para a infância e a discutir sobre ela; a questionar a construção da identidade como processo que não é linear, mas contraditório, inacabado” (2012, p. 170).

Neste agrupamento, a maneira como os oito livros analisados trouxeram o gênero feminino depende e está intimamente ligada à nossa cultura, com a maneira de olhar com que nossos olhos foram habituados a enxergar. As personagens femininas discutidas restringem-se aos serviços no interior da casa: lavar louça, limpar a casa, cuidar das crianças, fazer bolos, etc. A figura da mulher, representada por saia ou vestido, reafirma um modo de se constituir a identidade feminina.

3.4 “Sofia aprende depressa, porque é uma andorinha muito inteligente” – Identidade de Gênero: Outras problematizações de feminilidades nos livros para a infância

Neste agrupamento dez livros trouxeram outros modos de constituição de feminilidades, por meio de imagens e textos, que são: *Sofia, a Andorinha* (TABOADA, 2011); *Quem vai ficar com o pêssego* (YOON, 2010); *Soltando os bichos* (FERRÃO & RALPHES, 2011); *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010); *O*

silencioso mundo de Flor (FRANÇA, 2011); *A menina, o cofrinho e a vovó* (CORALINA, 2011); *Chapeuzinho Vermelho e as cores* (ABU, 2011); *Dandara, o dragão e a lua* (SUERTEGARAY, 2013); *Quem é a Glória?* (COSTTA, 2011); e *Tem alguma coisa debaixo do cobertor* (KIM, 2011).

No livro *Sofia, a Andorinha* (TABOADA, 2011), é mostrada que a feminilidade é construída como um processo dinâmico em que o sujeito torna-se o construtor de sua própria vida e sua própria maneira de ser feminino. Neste livro, podemos notar – a partir do seu texto escrito e da ilustração – a construção de feminilidades, como mostra o trecho “Sofia aprende depressa, porque é uma andorinha muito inteligente” (TABOADA, 2011, p. 14).

A Figura 67, abaixo, mostra que a protagonista do livro em pauta é esperta, corajosa e disposta a ajudar. Neste livro, nota-se que as páginas são todas azuis, apesar de a protagonista ser uma personagem feminina.

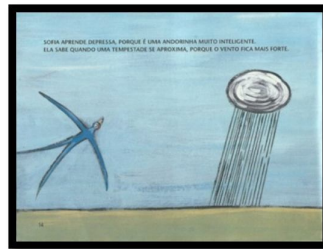


Figura 67: Sofia aprende depressa

Na figura 67, a personagem aparece voando rápido, em meio a uma tempestade.

No livro *Quem vai ficar com o pêssego* (YOON, 2010), a personagem *lagarta inquieta* nos chama a atenção pelo fato de ser curiosa, questionadora, persistente, como mostram os trechos do livro: “É realmente injusto!” A lagarta inquieta, inquietando-se ainda mais, gritou: “Por que o mais alto, o mais pesado, ou o que tiver algo mais comprido deve ficar com o pêssego?” (YOON, 2010, p. 26). “Como pode uma lagarta tão pequena, com a menor boca de todas, comer um pêssego tão grande? Olha! A lagarta fez um buraco na casca do pêssego. E rapidinho se enfiou dentro dele para comê-lo” (YOON, 2010, p. 32). As condutas da referida personagem nos fazem refletir que a feminilidade é uma construção constante: as atitudes da personagem marcam a sua condição feminina, ela rompe com as ideias pré-estabelecidas de que a figura feminina tenha que ser meiga, delicada, gentil e frágil. A personagem lagarta foi corajosa, questionadora e acabou ficando com o grande pêssego, como mostra abaixo a Figura 68:



Figura 68: Como pode uma lagarta tão pequena

A Figura 68 apresenta a lagarta com o pêssigo. A protagonista tem condutas de uma feminilidade construída diferentemente do que se convencionou ser socialmente ideal, ela é esperta, questionadora, inquieta e audaciosa.

No livro *Soltando os bichos* (FERRÃO & RALPHES, 2011), as quatro personagens femininas aparecem vestidas com bermudas azul, verde e estampadas com detalhes geométricos; tênis, camisetas branca, marrom e preta com detalhes em preto; calça de pijama; óculos de sol e relógio de pulso, conforme se vê nas figuras 69 e 70.



Figura 69: Menina com relógio no pulso



Figura 70: Figura feminina

Na figura 70 as vestimentas da personagem nos fazem ver que os livros infantis trazem padrões normativos de gênero sobre o que é ser feminino. No livro analisado, nota-se que as personagens vêm representando alguns adjetivos como “inteligente” e “estranha”. Poderíamos nos perguntar o porquê do termo “estranha”. Será que uma menina por ser inteligente é estranha? O que isso nos leva a refletir a respeito das relações de gênero construídas em nossa cultura? Outro aspecto a destacar em nossas análises foi o conceito de beleza que destoa do dito “normal”, pois as personagens se sentem à vontade com suas formas de corpo, com suas formas de se vestir, com suas belezas diversas e, conseqüentemente, com a construção de suas feminilidades.

De acordo com Louro, a autora nos mostra que existem outras formas de vivenciar as identidades de gênero:

Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária. (LOURO, 1997, p. 34).

O livro mostra que é possível fugir da “norma” e viver outras constituições de feminilidades, como ter atitudes de estranha, inteligente, se sentir à vontade com as suas formas de vestir e com sua forma de corpo.

No livro, *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010), as personagens femininas aparecem nas imagens do livro jogando bola, dirigindo carro, andando de bicicleta, digitando no computador, como se vê nas figuras 71, 72 e 73:



Figura 71: Figura feminina dirigindo

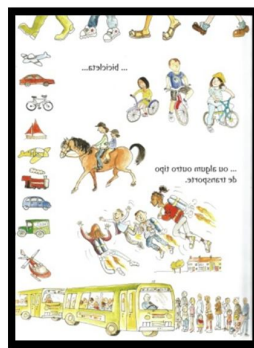


Figura 72: Andando de bicicleta



Figura 73: Digitando no computador

As características de dirigir o carro, andar de bicicleta e digitar no computador que aparecem nas figuras 71, 72 e 73 representam uma feminilidade construída diferentemente do que se convencionou ser socialmente ideal no livro para a infância. Esses exemplos das imagens anteriores destoam do que vimos no agrupamento anterior, em que as personagens femininas estão diretamente ligadas aos afazeres domésticos e ao cuidado com os/as filhos/as.

Para contribuir com essa discussão, citamos Louro que conceitua essa ideia considerada ‘natural’ de ser feminina:

Há mais de cinquenta anos, Simone de Beauvoir sacudiu a poeira dos meios intelectuais com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A expressão causou impacto e ganhou o mundo. Mulheres das mais diferentes posições, militantes e estudiosas passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um ato único, inaugural, mas que, em vez disso, constituía-se numa construção. (LOURO, 2008, p. 17).

A autora utiliza uma citação de Simone de Beauvoir (1980) que afirmou que ninguém nasce mulher, torna-se mulher, com as várias formas de aprendizados de ser mulher de acordo com os vários contextos culturais, sociais e históricos. No livro analisado a feminilidade é construída pelas atividades exercidas com as personagens femininas como: andar de bicicleta, dirigir carro e digitar no computador. Assumem situações de comando de suas próprias vidas, são ativas socialmente, podem ir e vir quando e onde quiserem.

No livro *O silencioso mundo de Flor* (FRANÇA, 2011), Téo e Flor são duas crianças que brincavam juntas, inventavam brincadeiras como: fazer bolo de barro, caçar tatu-bolinha e escalar árvores de tronco baixo. Flor era uma menina surda, seu mundo não tinha sons. Mesmo assim, Flor não desistiu e um dia percebeu que podia escutar os sons por meio do seu corpo, como mostra a Figura 74.



Figura 74: Flor escuta por meio do seu corpo

A imagem da Figura 74 nos mostra que Flor foi persistente e não desistiu do seu objetivo, que era “escutar” os sons. Ela descobriu que o seu corpo poderia ser o intermediador para que isso acontecesse e assim ela descobriu novas formas de sentir os sons. Flor tem como seu melhor um menino chamado Téo. Ela brinca com ele com brincadeiras que não foram culturalmente destinadas ao público feminino como: caçar tatu-bolinha e escalar

árvores. A protagonista constrói sua identidade e feminilidade em meio à sua deficiência auditiva: ela quer ‘ouvir’ os sons e consegue isso por meio do seu corpo. Outro fato interessante é que ela não se sente incomodada em ter como melhor amigo um menino: ela é inteligente, pois consegue um jeito de ouvir os sons e, assim nesse processo constrói a sua feminilidade.

O livro *A menina, o cofrinho e a vovó* (CORALINA, 2011) destaca a personagem de uma idosa que morava sozinha em uma casa grande, numa cidade antiga. “Era uma vez uma velha que morava sozinha numa cidade muito antiga e tinha sua casa-grande na beira de um rio” (CORALINA, 2011, p. 3). “A velha morava longe e sozinha. Não por nada. Queria viver simples, sua vida, a sua maneira, ao seu gosto e por isso se fez longe, na terra onde nasceu e onde tinha suas raízes fortes e vivas” (CORALINA, 2011, p. 5). “Um dia, a velha – que não tinha nenhum rendimento e vivia com todas as dificuldades – cismou de trabalhar, fazendo doces antigos que ela muito sabia de ter aprendido com uma velha tia há muitos anos, ainda menina (CORALINA, 2011, p. 7). “Então a velha ganhou dinheiro” (CORALINA, 2011, p. 13). Os trechos do livro mostram uma feminilidade com condutas de esforço, desempenho, persistência e coragem por parte da protagonista da história. A idosa venceu todas as dificuldades que foram surgindo no decorrer da história, como: falta de dinheiro e a solidão. Um dia ela resolveu fazer doces antigos, colhendo os próprios frutos do fundo do seu quintal. “Começou com emprestados. Lenha... gravetos do quintal, pontas queimadas, apanhadas daqui e dali” (CORALINA, 2011, p. 7). “A velha era paciente, firme e caprichosa” (CORALINA, 2011, p. 8). As práticas sociais da protagonista trazem a constituição de sua feminilidade, diferente dos modelos normativos produzidos nos discursos. O fato de ela ser uma pessoa idosa não a caracteriza como uma pessoa dependente e sedentária, pois ela busca uma maneira de conseguir sua própria renda financeira sozinha. Vai à luta, busca seus caminhos de sobrevivência a partir do seu trabalho.

O livro *Chapeuzinho Vermelho e as cores* (ABU, 2011) é uma obra inspirada na clássica história de Chapeuzinho Vermelho. É uma narrativa somente com imagens e mostra o lobo a percorrer diferentes caminhos para encontrar Chapeuzinho e apanhá-la. A personagem da Chapeuzinho Vermelho se mostrou corajosa, pois enfrentou o lobo e jogou a cesta de docinhos na cabeça dele, como mostra a imagem do livro na Figura 75 abaixo:



Figura 75: Chapeuzinho Vermelho enfrentou o lobo

As imagens da Figura 75 mostram uma feminilidade diferente dos contos clássicos de Chapeuzinho Vermelho, dos quais somos acostumados/as a ler para as crianças. Nos contos clássicos é o caçador que salva Chapeuzinho Vermelho, apresentada como uma menina ingênua, desprotegida, dócil e amável. O conto, com várias versões ao longo dos séculos, ensina a importância de sempre ouvir aos conselhos das mães e dos pais em não pedir ajuda, conversar ou confiar em pessoas estranhas além de reforçar a obediência. No livro analisado, a menina se mostra segura, sem medo, corajosa e enfrenta o lobo. A protagonista constrói sua identidade de forma diferente da história convencional, apresentando com isso um novo jeito de ser feminino.

O livro *Dandara, o dragão e a lua* (SUERTEGARAY, 2013) narra a história de uma menina chamada Dandara, que é muito curiosa e adora o céu. Como mostra a Figura 76.



Figura 76: Dandara

Dandara é muito atenta e observadora, descobre muitas coisas, mas também tem muitas perguntas. Dandara e o dragão mágico partem para uma viagem pelo espaço com o objetivo de trazer a lua e as estrelas pra seu quarto. A personagem foge dos padrões ditos “normais” da nossa sociedade, pois se apresenta como uma menina observadora, atenta e que gosta de observar o céu, as estrelas e a lua. A personagem feminina tem um grande interesse pela astronomia. A protagonista do livro constrói a sua feminilidade a partir da curiosidade de

conhecer os corpos celestes que se relacionam com a área de astronomia, vista socialmente como atividade esperada para o público masculino.

No livro *Quem é a Glória?* (COSTTA, 2011), a protagonista se chama Glória e é muito esperta, porém um pouco tímida e com muito encanto. “A Glória anda de um jeito diferente, ela se locomove usando uma cadeira de rodas” (COSTTA, 2011, p.18), como mostra a Figura 77.



Figura 77: Glória

O livro chama a atenção para a questão da deficiência física, pois mesmo sem poder andar, a protagonista se locomove livremente: é alegre, brinca e é boa aluna com boas notas na escola. “Todo mundo gosta de elogiar as qualidades da Glória” (COSTTA, 2011, p. 8). A protagonista é esperta: “A Glória é mais esperta do que muita gente grande, que olha para ela achando que é só uma menininha magrinha e simpática, com um sorriso tímido e enigmático” (COSTTA, 2011, p.4). Glória tenta ajudar as pessoas, “Se o assunto é algum problema, suas soluções são sempre práticas” (COSTTA, 2011, p. 5). Glória ajuda sua mãe nos afazeres domésticos, “A Glória é muito prática e ajuda a mãe em casa, nas coisas do dia a dia. Arruma o quarto, dobra os lençóis e troca as fronhas. Prende as cortinas, organiza os brinquedos, guarda as roupas passadas nas gavetas certas” (COSTTA, 2011, p.10). Glória também é bagunceira: “Ela é bagunceira também, viu? Não vai pensando que é quietinha. Quando a professora sai, ela também gosta de aprontar uma bagunça” (COSTTA, 2011, p. 29). Nos trechos do livro analisado, é possível perceber que a protagonista constrói a sua identidade feminina a partir da quebra do conceito de que sua deficiência física deva ser relacionada com a incapacidade e à indiferença. Logo, a protagonista não considera a sua cadeira de rodas como uma dificuldade em sua vida. Além disso, exerce uma feminilidade para além dos padrões sociais idealizados: é esperta, procura ajudar os/as amigos/as na escola, “Glória

chora. Mas não é de tristeza, é de emoção! Ela sente que é uma pessoa muito feliz por ser assim do jeito que é” (COSTTA, 2011, p. 14).

O livro *Tem alguma coisa debaixo do cobertor* (KIM, 2011) tem como protagonista uma menina chamada Janice. Ela está muito chateada, pois sua mãe não consegue brincar com ela, vive ocupada cuidando da filha caçula. Janice fica brava e vai para o seu quarto brincar sozinha, como se vê na imagem da Figura 78.



Figura 78: Janice chateada

Lá, ela fica intrigada, pois tem certeza de que tem alguma coisa embaixo do cobertor! Como mostra a imagem da Figura 79.



Figura 79: Tem alguma coisa embaixo do cobertor

Mesmo estando sozinha, Janice é corajosa e consegue ver o que tem embaixo da coberta. É possível verificar novas construções de expressão do gênero feminino no livro analisado, “características físicas e atitudinais, conferidas a essas personagens, e quais elas expressam a ruptura da normatividade do gênero feminino atribuído socialmente e culturalmente às meninas e mulheres” (CARNEIRO; XAVIER FILHA, 2014, p. 63). A protagonista feminina é uma criança que aparenta ter uns seis anos de idade e demonstra ter muita coragem ao desvendar o que estava embaixo do cobertor. Para isso, ela se aproxima lentamente de sua cama e levanta a ponta cobertor e nota que debaixo do mesmo está

acontecendo uma brincadeira com duendes, o ursinho, um palhaço e, assim, Janice se junta a eles/as e começa a brincar. Janice não se sente mais chateada e percebe que brincar debaixo do cobertor é muito divertido. A protagonista da história foge do padrão de uma identidade feminina considerada normal. Ela é valente, aventureira, soube se defender sozinha e ainda superou o medo e descobriu o que estava acontecendo no seu quarto.

Esse agrupamento permitiu refletir sobre as constituições de outras feminilidades, apresentando condutas e características das personagens, rompendo com a norma de gênero que é instituída culturalmente.

No decorrer das análises dos livros para a infância, procuramos não desviar do nosso objeto, as feminilidades. No agrupamento os conceitos de identidade e diferença foram utilizados para compreender o gênero como um marcador identitário concebido de modo relacional, que posiciona o feminino e o masculino de determinado modo, sobretudo na diferença. Os livros para a infância fabricam as identidades de gênero que vão se integrando com esses artefatos culturais.

Nos livros analisados sobre a feminilidade socialmente desejada é possível notar que: alguns livros para a infância reforçam um ideal de feminilidade desejada pela cultura, expondo as personagens femininas em situações dos afazeres domésticos, cuidando da prole, assim como muitos brinquedos que são destinados ao público feminino. Só percebemos dessa normalidade quando temos certo conhecimento para discutir e contextualizar essas ideias de feminilidade e masculinidade consideradas ‘normais’.

Nos livros analisados sobre as construções das identidades de gênero, a construção da masculinidade desejada é relacionada à diferença com o feminino e percebemos que a inferiorização do feminino muitas vezes vem confirmando um modelo de masculino padrão.

Nos livros analisados sobre outras construções de feminilidades notamos que: as características como corajosa, esforçada, teimosa, estranha, inteligente, rápida, esperta etc., representam uma feminilidade construída diferentemente do que se convencionou ser socialmente ideal. Não há preocupação com o exercício da beleza, de estarem limpinhas, perfumadas ou até mesmo com adereços nos cabelos. Não se preocupam com as vestimentas consideradas típicas para o gênero feminino.

No decorrer das discussões dos livros para a infância foi possível perceber que os mesmos trazem representações de feminilidades e que as mesmas são construções sociais. Essas várias formas de ser feminino estão presentes na sociedade, estão a todo o tempo afetando e instituindo identidades de gênero dos sujeitos que interagem com esses artefatos

culturais. Por isso a necessidade de se discutir sobre elas em artefatos como os livros, procurando desnaturalizá-las, discuti-las, provocar novas formas de ser para as meninas e também para os meninos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desta dissertação modificou nossos conceitos, transformou as nossas opiniões e ideias muitas vezes sem nexos sobre as questões relacionadas a gênero. No decorrer da escrita, analisando as fontes e refazendo as leituras teóricas, tivemos a oportunidade de ver como os muitos discursos são atribuídos, naturalmente e outros estão escondidos entre as imagens e textos.

Foi possível pensarmos como os livros para a infância trazem representações de feminilidades dentro de um caminho teórico-metodológico fecundo. As discussões oriundas da pesquisa nos possibilitaram aprender muito sobre a diversidade de opiniões que são construídas pelas nossas fontes de estudo e sobre a escuta interessada, sensível e compreensiva, que tem significações importantes presentes em cada história analisada.

Esta pesquisa teve por objetivo identificar a constituição de feminilidades nos livros para a infância, inseridos nos acervos das obras complementares do Programa *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC). Teve como objetivos específicos: identificar como as feminilidades são construídas e produzidas nesses livros; coletar e agrupar os livros para a infância de acordo com as concepções de gênero que são construídas e produzidas; selecionar e analisar os livros para a infância percorrendo nas discussões do embasamento teórico da pesquisa.

Nas análises dos livros para a infância, focamos nosso olhar sobre o nosso objeto de estudo a constituição das feminilidades. Para tanto, utilizamos também os conceitos de gênero, feminilidade, pedagogias culturais, identidade e diferença, identidade de gênero, dispositivo, dispositivo pedagógico e heteronormatividade. Esses conceitos foram fundamentais para compreender o gênero como um marcador identitário concebido de modo relacional, que posiciona o feminino e o masculino de determinado modo. O conceito de dispositivo se referiu ao modo como os elementos vinculam e se relacionam para atingir e produzir um determinado objetivo e sujeito; o conceito de dispositivo pedagógico foi entendido para os fins de educar crianças e disciplinar suas condutas e o conceito de heteronormatividade foi compreendido como um conjunto de normas, regras e procedimentos que regulam e normalizam as identidades.

Os pressupostos teóricos nos Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Feministas e pressupostos foucaultianos foram o embasamento privilegiado em nossa pesquisa.

A elaboração das fichas de análises foram fundamentais para detalhar os conteúdos dos livros e facilitar a discussão da problemática do que procuramos analisar, voltando nossos olhares para os textos escritos e imagéticos a fim de identificarmos os tipos de feminilidades que são veiculadas/produzidas e as identidades de gênero.

Iniciamos nossa pesquisa entendendo que o conceito de gênero não opõe as determinações naturais e biológicas, mas sim as construções sociais que as compreendem como uma baliza para as livres expressões humanas.

Os marcadores identitários de gênero são construídos social e culturalmente, vão marcando os corpos a partir daquilo que se identifica a ser masculino e/ou feminino. Como tínhamos as feminilidades como nosso objeto de estudo, entendemos que o conceito teórico de gênero foi fundamental para a análise dos livros. As feminilidades são construções culturais que se instituem nos artefatos culturais, como nos livros para a infância, e que também formam as identidades de gênero dos sujeitos que interagem com esses artefatos culturais.

Nas análises, oito livros mostraram que ainda evidenciam uma feminilidade desejada socialmente, com meninas e mulheres que se mostram frágeis, sentimentais, doces, delicadas e passivas. Na figura de mãe, os discursos mostrados são de mãe zelosa, dedicada, protetora. Na figura de avó, as características destacadas são: pessoa frágil, que necessita de cuidados, usa lenço na cabeça, avental e faz tricô. As personagens femininas estão sempre dedicadas aos afazeres domésticos e ao cuidado com os/as filhos/as. A figura dos meninos e dos homens são representadas como o oposto do universo feminino. Eles se mostram independentes, rudes, circulam pelo espaço público e no mundo profissional.

Há, entretanto, dez livros que trazem outras maneiras de novas feminilidades acompanhadas de condutas como: corajosa, esforçada, teimosa, estranha, inteligente, rápida, esperta, questionadora, observadora e denotando outros jeitos de ser bonita para além do que se convencionou ser bonito/a em nossa cultura.

Foi possível problematizar que os livros para a infância auxiliam nas construções das feminilidades consideradas “adequadas” socialmente e também possibilitam a compreensão de novas possibilidades de feminilidades.

As leituras realizadas para compor o referencial teórico da presente pesquisa foram fundamentais para identificarmos as constituições de feminilidades nos livros, uma vez que as imagens e textos, nos livros utilizados na pesquisa, estão comumente naturalizados socialmente, dificultando assim as discussões dos mesmos.

Os livros para a infância analisados nesta pesquisa são de grande relevância para que nós educadoras/es possamos repensar a nossa prática pedagógica voltadas/os para as discussões de gênero, temática esta que, na maioria das vezes, está ausente do contexto escolar.

Esperamos que esta pesquisa venha contribuir tanto para a nossa prática pedagógica futura, como professora das séries iniciais, tanto para a prática pedagógica de outros/as docentes, para que os mesmos passem a questionar imagens e textos referentes às questões de gênero ao utilizar as obras do acervo das obras complementares, bem como de outros livros e demais artefatos culturais para a infância. Ao questionar e problematizar os livros urge pensá-los para além dos propósitos do letramento e da alfabetização das crianças, mas também para trabalhar outros conceitos, também importantes para a constituição das subjetividades das crianças, como questões de gênero, das diferenças, da igualdade entre meninas e meninos, dentre outros tantos assuntos que propiciem uma educação mais justa para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

Geral

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ARGUELLO, Zandra Elisa. **Dialogando com crianças sobre gênero através da Literatura Infantil**. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Acervo das obras complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**. Brasília, 2012.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli. Cultura e diferenças no cotidiano da escola e no currículo. In: RIBEIRO, Cláudia. (Org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil**. Lavras, MG: UFLA, 2012.

CARNEIRO, Joyce Cristina Correa Oizolito; XAVIER FILHA, Constantina. Em cena representações de feminilidades nos filmes de animação: entre princesas e bruxas, belas e feias, mocinhas e vilãs, mães e donzelas, coadjuvantes e protagonistas. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

CARVALHAR, Danielle Lameirinhas. **Relações de gênero no currículo da educação infantil: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos**. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2009.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual: um glossário**. João Pessoa: Ed. Universitária/EFPB, 2009.

DORNELLES, Leni. **Infâncias que nos escapam**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: Uma introdução. In: SILVA, T.T. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3.ed., Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2006.

FELIPE, Jane. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias.** Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

FERRARI, Anderson. Sexualidades, masculinidades, orientação sexual. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias.** Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

FERRARI, Anderson. “Medo do quê?”: a experiência homossexual em discussão. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema.** Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

FERRARI, Anderson. “Ma vie em Rose” e o desafio da escola. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema.** Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOULCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FURLANI, Jimena. Brinquedos infantis e respeito aos animais domésticos – estratégias a uma educação sexual infantil voltada a equidade de gênero. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GIROUX, H. A. e McLaren, P. L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T e MOREIRA, A. F. B. (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação da infância. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias.** Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

GUERRA, Judite. **Dos “segredos sagrados”:** gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2005.

GUERRA, Judite. Identidades de gênero e sexual na infância. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

GUIZO, Bianca Salazar. **Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da educação infantil**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2005.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. (Tomaz Tadeu da Silva, Trad.). In: SILVA, T. T. (org.) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: **Proposições**, v. 19, n. 2 (56) – maio/ago, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Racismo e educação anti-racista: desafios contemporâneos da escola. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. **Bob Esponja: produções de sentidos sobre infância e masculinidades**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2010.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann, PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RAMOS, Josiane Becker de Oliveira **A construção do gênero e da sexualidade na literatura infantil**. (Dissertação de mestrado). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná – Curitiba, PR, 2008.

SABAT, Ruth Ramos. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, Guacira Lopes **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SABAT, Ruth Ramos. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, Maria Carolina da. **A infância no currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis**. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina. Livros para a infância nas temáticas de gênero, sexualidade, diferenças/identidades e diversidades. In: RIBEIRO, Cláudia (Org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil**. Lavras, MG: UFLA, 2012.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

XAVIER FILHA, Constantina; BACARIN, Telma Iara. O mundo da Barbie em “Escola de Princesas” e em “As três Mosqueteiras”. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.) **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina. Novos jeitos de ser princesa em filmes de animação. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina; ROCHA, Cristine Novaes Barbosa da. “Minha vida de João”, “Era uma vez outra Maria” e “Era uma vez uma família”: masculinidades, feminilidades e famílias em discussão. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n.1/2014, p. 153-169. Editora UFPR, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina. Imprensa feminina – entre modas, bordados, cuidados com a prole e o casamento: dispositivos pedagógicos. In: **R. Instrumento Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora**, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

Livros para a infância

ABU, Angelo. **Chapeuzinho vermelho e as cores**. Ilustrações do autor. São Paulo: Lemos Editorial, 2011.

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d’Angola**. Ilustrações de Valéria Saraiva. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011.

ALVES, Rubem. **A pipa e a flor.** Ilustrações de Mauricio de Sousa. Campinas, SP: Versus, 2011.

CARVALHO, Malô. **Gente de muitos anos.** Ilustrações de Suzete Armani. Fotografia Fabio Cerati. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2009.

CORALINA, Cora. **A menina, o cofrinho e a vovó.** Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. 2. ed. São Paulo: Gaudi Editorial, 2011.

COSTTA, Silvio. **Quem é a Glória?** Ilustrações de Marta Neves. 1ª ed. 1ª reimpressão. Sabará, MG: Dubolsinho, 2011.

FERRÃO, Rosana; RALPHES, Dylan. **Soltando os bichos.** Ilustrações de Humberto Barros. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. **O silencioso mundo de Flor.** Ilustrações de André Persechini. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

FURTADO, Maria Cristina. **Pretinho, meu boneco querido.** Ilustrações de Ellen Pestili. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2008.

GUEDES, Hardy. **Iguais, mas diferentes.** Ilustração de Reinaldo Rosa. Curitiba, PR: Terra Sul Editora, 2011.

HOFFMAN, Mary. **O grande e maravilhoso livro das famílias.** Ilustrações Ros Asquith. São Paulo: Edições SM, 2010.

JUNQUEIRA, Sônia. **A velhinha na janela.** Ilustrações de Mariângela Haddad. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

JUNQUEIRA, Sonia. **Os feitiços do vizinho.** Ilustrações de Mariângela Haddad. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.

LEÃO, Liana. **Frederico Godofredo.** Ilustrações de Márcia Széliga. São Paulo: Elementar, 2010.

KIM, Eun-Joong. **Tem alguma coisa debaixo do cobertor.** Ilustrações de Hye Kyeong. Tradução de Antonio Carlos Vilela. São Paulo: FTD, 2011.

MARTINS, Georgina. **Minha família é colorida.** Ilustrações de Maria Eugênia. São Paulo: Comboio de Corda, 2011.

MIRANDA, Ana. **Carta do tesouro:** para ser lida às crianças. Ilustrações de Ana Miranda. São Paulo: Armazém da Cultura, 2013.

MOTA, António. **O livro das adivinhas.** Ilustrações de Elsa Fernandes. São Paulo: Leya, 2011.

PAES, Ducarmo. **A joaninha que perdeu as pintinhas.** Ilustrações de Jefferson Galdino. São Paulo: Best Book, 2010.

ROSA, Sonia. **O menino Nito:** então, homem chora ou não? Ilustrações de Victor Tavares. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2008.

ROSSATO, Maíra Suertegaray. **Dandara, o Dragão e a Lua.** Ilustrações de Carla Pilla. Porto Alegre, RS: Cassol, 2013.

SOUSA, Maurício de. **Turma da Mônica:** Folclore Brasileiro. Barueri, SP: Girassol, 2009.

TABOADA, Almudena. **Sofia, a andorinha.** Ilustrações de Ana López Escrivá. Tradução de Maísa Kawata. São Paulo: Comboio de Corda, 2011.

WHITCOMB, Mary E. **Lilás, uma menina diferente.** 3. ed. Tradução de Charles Cosac. Ilustrações de Tara Calahan King. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

YOON, Ah-Hae. **Quem vai ficar com o pêssego?** Ilustrações de Yang Hye-Won. Tradução de Thais Rimkus. 2. ed. São Paulo: Callis Ed., 2010.

ZAKZUK, Maísa. **A árvore da família.** São Paulo: Guia dos Curiosos Comunicações, 2011.

ZATZ, Lia. **Era uma vez uma bota.** Ilustrações de Alexandre Teles. São Paulo: Biruta, 2011.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – LISTA DO ACERVO DAS OBRAS COMPLEMENTARES
ANALISADAS**

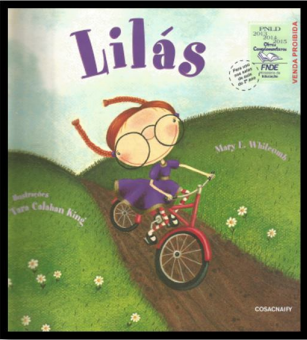
1º ANO	
Acervo 1	Acervo 2
Era uma vez uma gota de chuva	Essa não é minha cauda
ABC dos animais	Pingo-d'água
A velhinha na janela	Balas, bombons, caramelos
O mundinho azul	Que delícia de bolo!
A abelha	A baleia corcunda
Pinga pingo pingado	Animais e opostos
Quem vai ficar com o pêssego?	Livro dos números, bichos e flores
Beleléu e os números	Tem alguma coisa embaixo do cobertor!
Nunca conte com ratinhos	Águas
Sofia, a andorinha	De mãos dadas
Lilás, uma menina diferente	Os feitiços do vizinho
O menino e a gaiola	Gente de muitos anos
O que Ana sabe sobre... os alimentos saudáveis	O menino Nito: então, homem chora ou não?
O casamento do rato com a filha do besouro	Carta do tesouro para ser lida às crianças
A joaninha que perdeu as pintinhas	O grande e maravilhoso livro das famílias
O Pequeno Paraquedista	O Tempo
A bola dourada	Família Alegria
Como vou	Dandara, o dragão e a lua
Ruas, quantas ruas	Ar- Pra que serve o ar?
Maracatu	Godô dança
Clic-clic, a máquina biruta do seu Olavo	Chapeuzinho vermelho e as cores
Uma tarde do barulho	É o bicho!
Sombra	Mamãe é um lobo!
Música no zoo	Canteiro: música para brincar
De avestruz a zebra	Bichionário
Turma da Mônica: folclore brasileiro	O livro das adivinhas
Soltando os bichos	Beijo de bicho
Cadê o docinho que estava aqui?	A história da tartaruga
Era uma vez uma bota	Pato! Coelho!
Minha família é colorida	Abracadabra

2º ANO	
Acervo 1	Acervo 2
História de Dentinho	Tanta água
A quarta-feira de Jonas	O caminho do rio
Tudo por causa do pum?	Não afunde no lixo!
A poluição tem solução	Rosa dos ventos
Albert	Matar sapo dá azar
Quem é o centro do mundo?	Viagens de um pãozinho
A economia de Maria	Assim ou assado?
Apostando com o monstro	Quem ganhou o jogo? Explorando a adição e a subtração
Usando as mãos: contando de cinco em cinco	Era uma vez... 1,2,3
Quem é a Glória?	O silencioso mundo de flor
A caixa preta	Ser criança é... Estatuto da criança e do adolescente para crianças
Não é brincadeira	Frederico Godofredo
Juntos na aldeia	Pigmeus: os defensores da floresta
Mas que bandeira!	Bruna e a Galinha d' Angola
Escrita: uma grande invenção	Rupi! O menino das cavernas
Tarsila, menina pintora	Txopai e Itôhã
Primeiros mapas, como entender e construir	Estrelas e planetas
Mão e contra-mão	Mapa de sonhos
Plantando as árvores do Quênia: a história de Wangari Maathai	Festa da Taquara
O céu azul de Giotto	Arco-íris
Desvendando a orquestra formando plateias do futuro	O tabuleiro da baiana
A escola do cachorro sambista	Desvendando a bateria da escola de samba
Para comer com os olhos	Tarsila e o papagaio Juvenal
Bumba-boi	Seurat e o arco-íris
Abecedário hilário	Ciranda do abc
Bichos são todos... bichos	Ciranda das vogais
Para que serve um livro?	Delícias e gostosuras
Todas as cores do mar	O lugar das coisas
Iguais, mas diferentes	É um livro

3º ANO	
Acervo 1	Acervo 2
Rimas saborosas	Em busca da meleca perdida
Por que somos de cores diferentes?	Uma viagem ao espaço
Rubens, o semeador	Por que os gêmeos são tão iguais?
Dudu e a tagarela Bac	O ônibus mágico – no interior
Se o lixo falasse...	Dudu e o professor Aspergilo
Um por todos, todos por um: a vida em grupo de mamíferos	Meu primeiro livro dos cinco sentidos
Almanaque Maluquinho – pra que dinheiro?	Irmãos gêmeos
Os filhotes do vovô coruja	Poemas problemas
Pés na areia: contando de dez em dez	O pirulito do pato
Viagem ao mundo indígena	O livro do pode-não-pode
Pretinho, meu boneco querido	Passarinhos e gaviões
O livro das combinações: quando um país joga junto	A pipa e a flor
O senhor das histórias	Alberto: do sonho ao voo
Ciranda	Histórias encantadas africanas
A Árvore da Família	Os Guardados da Vovó
Histórias de avô e avó	Histórias da nossa gente
Tempo, tempo, tempo: quem pode com ele?	Seringueira
As panquecas da Mama Panya	Como fazíamos sem...
Canção dos povos africanos	Sabores da América
Ritmo é tudo	Pintura aventura
Batuque de cores	O herói de Damião em a descoberta da capoeira
Gravura aventura	Rádio 2031
A rainha da bateria	Cores em cordel
Seu Flautim na Praça da Harmonia	Maluquices musicais e outros poemas
ABC doido	BIS
Um sapo dentro de um saco	A menina, o cofrinho e a vovó
As paredes têm ouvidos	O que dizem as palavras
Jabuti sabido e macaco metido	Sem pé nem cabeça
Festival da primavera: aventuras do Araquã	Histórias à brasileira: A donzela guerreira e outras
João das letras	Viviana, a rainha do pijama

APÊNDICE B – FICHA DE ANÁLISE DOS LIVROS PARA A INFÂNCIA

1 *Lilás, uma menina diferente*

Referência bibliográfica: WHITCOMB, Mary E. Lilás, uma menina diferente . 3. ed. Tradução de Charles Cosac. Ilustrações de Tara Calahan King. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
Título: Lilás, uma menina diferente
Autor/a: Mary E. Whitcomb
Ilustrador/a: Tara Calahan King
Tradutor/a: Charles Cosac
Edição: 3. ed.
Número de páginas: 32
ISBN: 978-85-405-0045-7
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Lilás é uma menina aparentemente de pele branca, cabelos ruivos, que usa óculos, veste um vestido roxo com detalhes dourados na gola, na cintura e no barrado, usa meias brancas com listras vermelhas e calça sapatos preto.
Descrição de conduta: Diferente, observadora, feliz, criativa, brinca e se diverte sozinha.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:  <p>O livro possui 32 páginas não numeradas, mede 23,5 cm x 24 cm, tem como autora Mary E. Whitcomb. A capa do livro, na parte superior, é verde claro intercalado com branco, deixando transparecer a aparência de um céu. O nome do livro, em fonte maior, em letra bastão/forma na cor roxa. No lado direito do livro está o nome da autora, em fonte menor, em letra bastão/forma na cor lilás, e do lado esquerdo está o</p>


nome da ilustradora, em fonte menor, em letra bastão/forma na cor lilás. Na parte inferior do lado direito está o nome da editora em fonte menor em letra bastão/forma na cor branca. As laterais da capa são verdes imitando o desenho de gramas com flores brancas, o meio da capa é marrom imitando uma estrada em que aparece a protagonista principal do livro. Lilás está pedalando uma bicicleta vermelha. Ela usa um vestido roxo, com detalhes dourados na gola, na cintura e na barra do vestido. Usa meias de listras, nas cores vermelha e branca, calça sapatos pretos. Usa óculos redondos na cor preta.

Resumo da história:

Lilás é uma menina aparentemente de pele branca, cabelos ruivos, que usa óculos, veste um vestido roxo com detalhes dourados na gola, na cintura e no barrado, usa meias brancas com listras vermelhas e calça sapatos preto. Lilás era considerada pelos/as colegas como uma menina diferente. No decorrer dos dias, as diferenças entre Lilás e seus companheiros e companheiras de classe vão aumentando; no recreio, a protagonista come cenouras e outros legumes; no dia de levar um brinquedo favorito, Lilás leva uma planta considerada estranha; brinca com coisas diferentes, usa roupas que parecem ter pertencido a sua irmã mais velha. No seu aniversário, convida a todos/as para uma festa em sua casa. Todos/as estranham ao não encontrar mágico e palhaço. O pai e a mãe de Lilás tinham transformado o quarto dela num castelo medieval e todos/as puderam se vestir a caráter. As crianças foram presenteadas com uma coroa dourada pela irmã mais velha de Lilás, e se divertiram e brincaram como nunca. Com o passar do tempo, uma transformação aconteceu na classe de Lilás e, no último dia de aula, os/as alunos/as presentearam a professora com objetos escolhidos e preparados de forma pessoal e significativa, e não mais com os presentes convencionais de antes.


2 *Sofia, a Andorinha*

Referência Bibliográfica: TABOADA, Almudena. Sofia, a andorinha . Ilustrações de Ana López Escrivá. Tradução de Maísa Kawata. São Paulo: Comboio de Corda, 2011.
Título: Sofia, a Andorinha
Autor/a: Almudena Taboada
Ilustrador/a: Ana López Escrivá
Tradutor/a: Maísa Kawata
Edição: 1. ed.
Número de páginas: 32
ISBN: 978-85-60820-05-4
Personagem principal: (x) Feminina () Masculina () Ambos
Agrupamento: () Gênero (x) Identidade de Gênero


() Identidade e Diferença
<p>Descrição física:</p> <p>Ela tem as asas azuis com alguns detalhes em preto e branco, seus olhos são redondos e seu bico é amarelo. Suas pernas são amarelas e ela usa botas vermelhas.</p>
<p>Descrição de conduta:</p> <p>Inteligente, rápida, prestativa, corajosa.</p>
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>O livro possui 28 páginas, nem todas são numeradas, mede 21,5 cm x 28,5 cm, tem como autora Almudena Taboada. A capa do livro é azul e apresenta desenhos de galhos, na parte inferior. Na parte superior do lado direito da capa, temos o nome do livro em fonte maior em letra bastão/forma, na cor preta. Logo abaixo está o nome da autora e da ilustradora em fonte menor em letra bastão/forma, na cor preta. Na parte superior do lado esquerdo, temos o nome da editora em fonte menor em letra bastão/forma, também na cor preta. No centro da capa aparece a protagonista do livro, a andorinha Sofia. Ela tem as asas azuis com alguns detalhes em preto e branco, seus olhos são redondos e seu bico é amarelo. Suas pernas são amarelas e ela usa botas vermelhas.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>Narra a história de uma andorinha chamada Sofia, que tem olhos cor de mel e asas brancas. Sofia mora no galho de uma árvore, ela come bichos-da-seda, gosta de brincar de esconde-esconde com as crianças do povoado. Adora cheiro de terra molhada e dos beijos da mãe. Gosta de cantar e participa das aulas de canto do seu professor Braile Coruja. Sofia, segundo o livro, aprende depressa, porque é uma andorinha muito inteligente. Mesmo com dificuldade, Sofia ajuda um garoto a encontrar o caminho de volta pra casa.</p>

3 *Quem vai ficar com o pêssego?*

<p>Referência Bibliográfica:</p> <p>YOON, Ah-Hae. Quem vai ficar com o pêssego? Ilustrações de Yang Hye-Won. Tradução de Thais Rimkus. 2. ed. São Paulo: Callis Ed., 2010.</p>
<p>Título: Quem vai ficar com o pêssego?</p>
<p>Autor/a: Ah-Hae Yoon</p>
<p>Ilustrador/a: Yang Hye-Won</p>

Tradutor/a: Thais Rimkus
Edição: 2. ed.
Número de páginas: 40
ISBN: 978-85-7416-470-0
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Lagarta inquieta é verde e pequena.
Descrição de conduta: Persistente, questionadora, corajosa e inteligente.
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p>  <p>O livro possui 38 páginas, não são numeradas, mede 23 cm x 24 cm, tem como autora Ah-Hae-Yoon. Na parte superior da capa, temos o nome do livro em fonte maior em letra bastão/forma na cor preta, logo abaixo está o nome da autora e da ilustradora em fonte menor em letra bastão/forma na cor preta. Do lado esquerdo inferior, em fonte menor e em letra bastão/forma na cor preta, aparece o nome da editora. A capa é toda branca na parte superior, no centro da capa tem um pêssego enorme na cor laranja com amarelo, em cima do pêssego está a lagarta, ao redor do pêssego está o rinoceronte, o macaco, a girafa, o coelho e o crocodilo.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>Os animais encontram um grande pêssego maduro que tinha um cheiro gostoso e parecia ser delicioso. Os animais (a girafa, o crocodilo, o rinoceronte, o macaco, o coelho e a lagarta) ficaram com água na boca. Mas, quem vai ficar com o pêssego? No decorrer da história vão surgindo ideias diferentes para decidir quem vai iria ficar com o pêssego. Com isso, foram utilizados vários critérios de conferência como: altura, peso, orelhas mais compridas, dentre outros. Todos queriam comer a fruta, cada animal sugeriu uma forma de decidir essa pendência.</p>

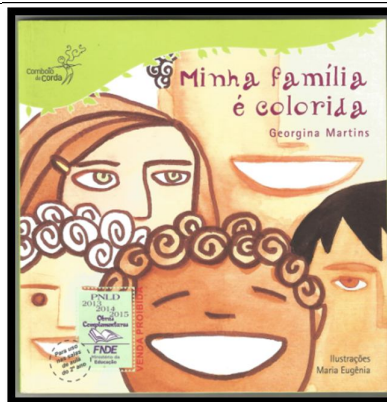
4 A joaninha que perdeu as pintinhas

Referência Bibliográfica: PAES, Ducarmo. A joaninha que perdeu as pintinhas . Ilustrações de Jefferson Galdino. São Paulo: Best Book, 2010.
Título: A joaninha que perdeu as pintinhas
Autor/a: Ducarmo Paes
Ilustrador/a: Jefferson Galdino
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 24
ISBN: 978-85-61259-11-2
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: É uma joaninha vermelha com pintinhas pretas, tem um laço vermelho na cabeça, usa sapatos vermelhos.
Descrição de conduta: Determinada, corajosa, persistente,
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: 
O livro possui 24 páginas, são numeradas, mede 24 cm x 26 cm, tem como autora Duacarmo Paes. Na parte superior da capa, temos o nome da autora em e o nome do livro. Na parte inferior da capa temos o nome do ilustrador. A capa é toda vermelha, com pintinhas pretas e no lado inferior do lado direito aparece a personagem principal: Tininha joaninha.
Resumo da história: Narra a história de Tininha uma joaninha que passeava sozinha, ao tentar atravessar o rio e perde as suas pintinhas. Alegre ela sai correndo para abraçar a sua mãe e não

é reconhecida como sua filha, pois não tinha as pintinhas de antes. A joaninha ficou triste e começou a chorar, pois para voltar à sua casa teria que ter as suas pintinhas novamente. Com a esperança de encontrar suas pintinhas, Tininha retorna ao rio para procurá-las. Começa a perguntar para alguns insetos se tinham visto suas pintinhas. Tininha viajou muito sobre uma folha e desceu rio abaixo e nada de encontrá-las. Até aproveitou para admirar um por do sol, observou o céu estrelado e voltou a navegar, à procura de suas pintinhas. Distraída, Tininha foi lançada para o mar, quase se afogou, até que conseguiu nadar até a areia, escorregando em um sapato. Na praia, estava um jovem pintando um quadro. Ele pegou Tininha e a pôs na palma de sua mão, perguntou se ela era borboleta, um/a siri, até Tininha contar toda a sua história. O pintor disposto a ajudá-la, com um pincel e tinta, desenhou as pintinhas de Tininha. Sendo assim, Tininha pode voltar pra sua casa, e curtir com sua mãe e amigos/as uma festa surpresa.

5 *Minha família é colorida*

Referência Bibliográfica: MARTINS, Georgina. Minha família é colorida . Ilustrações de Maria Eugênia. São Paulo: Comboio de Corda, 2011.
Título: Minha família é colorida
Autor/a: Georgina Martins
Ilustrador/a: Maria Eugênia
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 48
ISBN: 978-85-8072-017-4
Personagem principal: () Feminina (x) Masculina () Ambos
Agrupamento: () Gênero () Identidade de Gênero (x) Identidade e Diferença
Descrição física: Um menino negro, cabelos crespos.
Descrição de conduta: Questionador e curioso.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:



O livro possui 48 páginas, não são numeradas, mede 20 cm x 20 cm. Na parte superior em fonte maior em letra bastão aparece o nome do livro e logo abaixo o nome da autora. Na parte inferior do lado direito em fonte menor aparece o nome da ilustradora. No centro da capa está a família de Ângelo.

Resumo da história:

Traz a história de Ângelo, um menino negro de cabelos que não voam. Ele diz que o papai passou cola nos seus cabelos. Ele começa a questionar sobre os cabelos de um irmão, que são lisos e do outro irmão, que são encaracolados. Ângelo começa a observar também a cor da pele de sua mãe que é branca e de sua avó que é negra. A mãe de Ângelo, notando a inquietação de seu filho, começa a contar a história de seus antepassados. No final, Ângelo começa a entender por que seu cabelo não voa e chega à conclusão que sua família é bonita e toda colorida. É um livro que retrata a diferença de cor étnico/racial e que, muitas vezes, as nossas raízes estão lá longe, em lugares que nem imaginamos e, por isso, nos fazem ter muitos pedacinhos diferentes, de pessoas diferentes.

6 A velhinha na janela

Referência Bibliográfica:

JUNQUEIRA, Sônia. **A velhinha na janela**. Ilustrações de Mariângela Haddad. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

Título: A velhinha na janela

Autor/a: Sônia Junqueira

Ilustrador/a: Mariângela Haddad

Tradutor/a: -


Edição: 1.ed.

Número de páginas: 24

ISBN: 978-85-7526-324-2


Personagem principal: Feminina
 Masculina
 Ambos

Agrupamento: Gênero

<input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Uma mulher já idosa, branca, cabelos brancos, olhos azuis.
Descrição de conduta: Carinhosa, comunicativa, atenciosa.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: <div style="text-align: center;">  </div> <p>O livro possui 24 páginas, as páginas são numeradas, mede 22 cm x 26 cm. Na parte superior aparece o nome do livro, logo abaixo aparece o nome da autora e da ilustradora. A cor da capa é toda lilás, tem a figura da frente de uma casa, com a velhinha na janela olhando discretamente a rua. Tem a figura de um menino com um <i>skate</i> na mão, um homem andando e uma menina com uma boneca na mão perto de um portão.</p>
Resumo da história: É uma narrativa sem palavras escritas, na qual se reflete sobre a convivência das pessoas de gerações diferentes, em que uma senhora idosa e solitária observa o mundo de sua janela, até que sua vizinha, uma menina, a percebe e decide relacionar-se com ela. A menina mostra à velhinha sua caixa de brinquedos, contanto (por meio de imagens de balões) a origem de cada brinquedo. Depois é a vez da senhora, na praça perto de casa mostrar suas relíquias para a menina e para algumas pessoas que passavam. Elas iam se reunindo em torno dela na medida em que abria seu baú de guardados, como: o bilboquê da infância, o maço de cartas de amor, a caixinha de música de uma viagem ao Rio de Janeiro, o vestido do baile... Ela agora tem uma amiga.

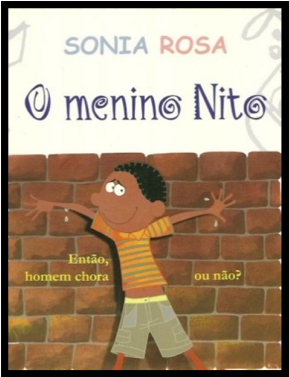
7 Soltando os bichos

Referência Bibliográfica: FERRÃO, Rosana; RALPHES, Dylan. Soltando os bichos . Ilustrações de Humberto Barros. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.
Título: Soltando os bichos
Autor/a: Rosana Ferrão & Dylan Ralphes

Ilustrador/a: Humberto Barros
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 36
ISBN: 978-85-63877-41-3
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
<p>Descrição física:</p> <p>O livro apresenta quatro personagens, a primeira é uma formiga caracterizada assim: marrom, com short roxo, regata branca, sapato verde. A segunda personagem é uma menina aparentemente na cor branca, óculos azul, short quadriculado, camiseta preta com detalhes em branco, tênis cinza com detalhes preto. A terceira personagem é uma menina aparentemente na cor branca, com camiseta marrom, short verde, tênis cinza com detalhes preto, e quarta personagem é uma menina com pijama na cor branca com detalhes em preto, meia rosa.</p>
<p>Descrição de conduta:</p> <p>Amiga, estranha, alegre, dorminhoca.</p>
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>O livro possui 36 páginas, numeradas, mede 22 cm x 28 cm, tem como autora Rosana Ferrão e autor Dylan Ralphes. Na parte superior da capa, temos o nome do livro em letra bastão/forma na cor amarela, na parte inferior da capa está o nome da autora, do autor e do ilustrador em fonte menor em letra bastão/ forma na cor amarela. Na parte central da capa aparece um animal aparentemente um urso escondido no meio de algumas folhas verdes.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>A história se desenrola a partir de alguns questionamentos: se você fosse um bicho, que bicho gostaria de ser? Com isso instiga o público leitor a entrar no livro e com isso participar da história. Um leão valentão, uma formiga amiga, um mosquito</p>

esquisito, um pato chato? São as características atribuídas, pelo livro, para a escolha das personagens. E os/as autores/as continuam esse “cardápio” de escolhas ‘identitárias’: Um carneiro maneiro? Uma aranha estranha? Ou você não gostaria de ser bicho não? Prefere ser mesmo um menino, ou menina, que é, às vezes, valentão como o leão, amiga como a formiga, esquisito como o mosquito? Então, que bicho você gostaria de ser?

8 O menino Nito: então, homem chora ou não?

Referência Bibliográfica: ROSA, Sonia. O menino Nito: então, homem chora ou não? Ilustrações de Victor Tavares. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2008.
Título: O menino Nito: então, homem chora ou não?
Autor/a: Sonia Rosa
Ilustrador/a: Victor Tavares
Tradutor/a: -
Edição: 4.ed.
Número de páginas: 16
ISBN: 978-85-347-0337-6
Personagem principal: () Feminina (x) Masculina () Ambos
Agrupamento: (x) Gênero () Identidade de Gênero () Identidade e Diferença
Descrição física: Ele é negro e de família afrodescendente
Descrição de conduta: Chorão, assustado.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: 
O livro possui 16 páginas numeradas, mede 24 cm x 21 cm. No centro da capa temos

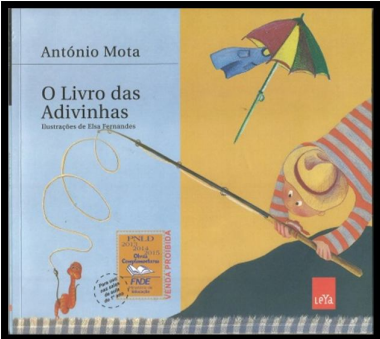
o nome da autora e o nome do livro. A capa do livro na parte superior é branca e no centro temos um muro de tijolo. No meio da capa aparece o menino Nito, ele é negro, cabelos pretos encaracolados, usa bermuda e camiseta.

Resumo da história:

O livro narra à história de Nito, um menino que quando nasceu era um bebê tão bonito que logo todos começaram a chamá-lo de Nito. Nito era um menino bonito, mas que chorava por tudo, conforme ia crescendo, ele chorava mais. Um dia, o pai decidiu ter uma conversa séria com Nito, dizendo ao menino que homem não chora, pois ele era macho, não era mais pra ele chorar. A partir daquele dia, Nito começou a engolir todos seus choros, ele também parou de correr, de pular e até de brincar. Até chegar a não conseguir nem levantar da cama, pois seus choros pesavam muito. Sua mãe e seu pai ficaram preocupados/as e resolveram chamar o médico, o Doutor Aymoré que cuida de crianças e plantas. Chegando à casa de Nito, o médico teve uma longa conversa com o menino e começou a entender o que estava acontecendo com Nito, receitando que o menino deveria ‘desachorar’ todos os seus choros engolidos, deixando Nito na dúvida se poderia fazer isso. O médico começou a explicar para o menino que todo homem pode chorar, pois tem lágrimas e elas são feitas para rolar pelo rosto. Nito começou, então, a ‘desachorar’ todos os seus choros engolidos e sua mãe, seu pai e o médico também choraram. Seu pai emocionado conversou com Nito dizendo que é bom chorar, que deve chorar sempre que quiser, mas não pode chorar sem razão.

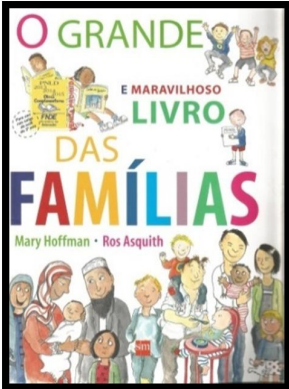
9 O livro das adivinhas

Referência Bibliográfica: MOTA, António. O livro das adivinhas . Ilustrações de Elsa Fernandes. São Paulo: Leya, 2011.
Título: O livro das adivinhas
Autor/a: António Mota
Ilustrador/a: Elsa Fernandes
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 32
ISBN: 978-85-8044-312-7
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Mulher branca vestida com blusa azul e saia marrom, com lenço na cabeça.


<p>Descrição de conduta: Preocupada e pensativa.</p>
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p>  <p>O livro possui 40 páginas, mede 21,5 cm x 23,5 cm, as páginas não são numeradas. Do lado esquerdo superior aparece o nome do autor e o nome do livro. No lado direito tem uma figura de um menino com chapéu na cabeça, blusa listrada na cor vermelha, ele segura uma vara de pescar com uma minhoca no anzol. Na parte superior do lado direito tem também uma figura de um guarda chuva colorido e uma roupa pendurada nele na cor azul. A capa do livro varia nas cores azul claro, amarelo e azul escuro.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>O livro que apresenta adivinhas sobre corpo, animais, objetos. É um livro que mostra alguns jogos de perguntas e respostas com ilustrações. Esse livro nos chamou a atenção pelo modo como certas adivinhações ainda trazem uma constituição de feminilidades e masculinidades consideradas 'normais', na nossa sociedade.</p>

10 *O grande e maravilhoso livro das famílias*

<p>Referência Bibliográfica: HOFFMAN, Mary. O grande e maravilhoso livro das famílias. Ilustrações Ros Asquith. São Paulo: Edições SM, 2010.</p>
<p>Título: O grande e maravilhoso livro das famílias</p>
<p>Autor/a: Mary Hoffman</p>
<p>Ilustrador/a: Ros Asquith</p>
<p>Tradutor/a: -</p>
<p>Edição: 1.ed.</p>
<p>Número de páginas: 40</p>
<p>ISBN: 978-85-7675-621-7</p>
<p>Personagem principal: () Feminina () Masculina (x) Ambos</p>
<p>Agrupamento: () Gênero</p>

<p>(x) Identidade de Gênero</p> <p>(x)Identidade e Diferença</p>
<p>Descrição física:</p> <p>Uma mulher morena, uma mulher branca, um homem moreno, dois homens brancos.</p>
<p>Descrição de conduta:</p> <p>Condutas femininas: apressada, alegre.</p> <p>Condutas masculinas: alegre, dedicado.</p>
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>O livro possui 40 páginas, não numeradas, mede 22 cm x 30 cm. A capa do livro contém figuras de pessoas que representam diversos tipos de família. O nome do livro varia nas cores rosa, verde, azul, amarela, e vermelha.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>O livro traz as várias mudanças atuais no conceito de família e da diversidade cultural, religiosa, econômica e social das famílias; mostra as diversas famílias, como crianças que vivem com a mãe e o pai, crianças que vivem somente com a mãe, crianças que vivem com os avós, crianças que têm dois pais ou duas mães, crianças que são adotivas ou, até mesmo, afilhadas; vai arrolando algumas perguntas, como Quem é da sua família? Trazendo algumas hipóteses de respostas, como primos/a, avós, avôs, etc.; mostra, também, alguns tipos de casais, como os homoafetivos; expõem que algumas crianças frequentam a escola, outras estudam em casa, ou, até mesmo, que não querem ir à escola; narra sobre o trabalho, mostrando alguns casos de famílias em que todos/todas trabalham, em outro que apenas as mães saem para trabalhar e os pais ficam em casa cuidando dos/as filhos/as. Mostra também que alguns/as pais e mães trabalham em casa ou, até mesmo, não conseguem nenhum trabalho; narra sobre as férias, pessoas que visitam os/as parentes, viajam para conhecer lugares diferentes; mostra que alguns/as pais e mães gostam de cozinhar e outros/as preferem comidas prontas. Fala das roupas e suas preferências. O livro mostra, também, a convivência com os animais e que alguns bichos que são considerados membros da família. Mostra, ainda, os dias de celebrações, como os aniversários e menciona alguns <i>hobbies</i>. Fala dos sentimentos de cada membro/a da família. E, por fim, lança a seguinte pergunta: “Você alguma vez tentou fazer uma árvore genealógica?” (HOFFMAN, 2010, p. 32). É um livro que nos possibilita muitas ‘problematizações’, principalmente sobre a diferença e a identidade de gênero a partir das várias configurações familiares.</p>

11 *Tem alguma coisa debaixo do cobertor*

Referência Bibliográfica: KIM, Eun-Joong. Tem alguma coisa debaixo do cobertor . Ilustrações de Hye Kyeong. Tradução de Antonio Carlos Vilela. São Paulo: FTD, 2011.
Título: Tem alguma coisa debaixo do cobertor
Autor/a: Eun-Joong Kim
Ilustrador/a: Hye Kyeong
Tradutor/a: Antonio Carlos Vilela
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 31
ISBN: 978-85-322-8024-4
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Menina branca, cabelos louros, com laços na cor vermelha, blusa vermelha com bolinhas brancas, saia xadrez verde.
Descrição de conduta: Determinada, questionadora, decidida.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: 
O livro possui 31 páginas numeradas, mede 21,5 cm x 22 cm. A capa do livro mostra a figura de uma cama com um cobertor na cor vermelha. Do lado direito aparece Janice tentando puxar o cobertor.
Resumo da história: Narra a história de Janice, uma menina que tenta chamar a atenção da mãe várias vezes, pois gostaria de brincar com ela que vive ocupada, cuidando da filha caçula.

Porém, a mãe diz que poderá brincar assim que sua irmã dormir. Mas Janice fica inquieta e brava, e vai para o quarto brincar sozinha. Lá ela fica intrigada, pois tem certeza de que tem alguma coisa embaixo do cobertor! Janice mesmo com medo, tenta, de todas as maneiras, ver o que tem embaixo do cobertor. Numa última tentativa, chama a sua mãe e diz que tem alguma coisa debaixo do cobertor. Insatisfeita com a atitude da mãe, dizendo que sua mãe só gosta da irmã caçula, volta para seu quarto e vendo que não tem outro jeito, joga seu ursinho em cima do cobertor. Então, Janice percebe que está acontecendo alguma coisa debaixo do cobertor. Ela se aproxima lentamente de sua cama e levanta a ponta do cobertor e nota que debaixo dele está acontecendo uma brincadeira com duendes, o ursinho, um palhaço e, assim, Janice se junta a eles e começa a brincar. Janice não se sente mais chateada e percebe que brincar debaixo do cobertor é muito divertido.

12 *Gente de muitos anos*

Referência Bibliográfica: CARVALHO, Malô. Gente de muitos anos . Ilustrações de Suzete Armani. Fotografia Fabio Cerati. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2009.
Título: Gente de muitos anos
Autor/a: Malô Carvalho
Ilustrador/a: Suzete Armani
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 33
ISBN: 978-85-752-6399-0
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Uma idosa na cor branca que sempre aparece fazendo tricô.
Descrição de conduta: Concentrada, comunicativa.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:



O livro possui 33 paginas numeradas, mede 21 cm x 25 cm. A cor da capa do livro é toda verde. As letras do nome do livro variam nas cores rosa, azul e laranjada. As figuras do livro são feitas de massa de modelar como: casa, árvore, mulheres idosas, homens idosos, mulheres adultas, homens adultos, crianças, brinquedos e animais.

Resumo da história:

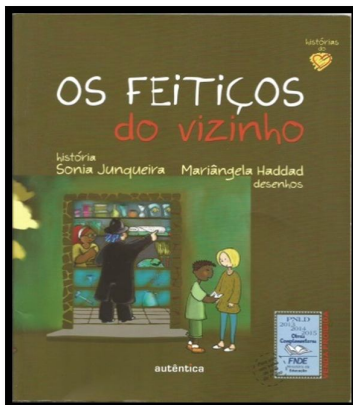
O livro traz os direitos das pessoas idosas abordados de vários aspectos, em torno do seu cotidiano. Mostra que a pessoa idosa tem que ter um lar e se sentir protegida, tem que sentir confiança nas pessoas para contar os seus segredos, receber muitos carinhos, beijos e abraços, pedir colo e ombro amigo, nesse momento faz problematizar a constituição da feminilidade na chamada terceira idade.

13 *Os feitiços do vizinho*

Referência Bibliográfica: JUNQUEIRA, Sonia. Os feitiços do vizinho . Ilustrações de Mariângela Haddad. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.
Título: Os feitiços do vizinho
Autor/a: Sonia Junqueira
Ilustrador/a: Mariângela Haddad
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 32
ISBN: 978-85-7526-408-9
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Mulher morena que veste saia e blusa, mulher branca veste camiseta e calça.

Descrição de conduta:

DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:



O livro possui 32 páginas numeradas, mede 22 cm x 25 cm. A capa do livro é marrom. O nome do livro aparece na parte superior nas cores branca e vermelha. No meio da capa aparece a figura de um homem de costa dentro de um mercado, do lado de fora tem um menino e uma menina conversando.

Resumo da história:

É uma narrativa sem palavras escritas, uma história de encontros e descobertas entre pessoas muito diferentes, tanto na cor da pele como no vestuário, no jeito do cabelo e penteados, etc. As crianças da vizinhança estranharam o jeito esquisito de um vizinho desconhecido. Era um homem discreto, de casaco preto e atitudes misteriosas. Muitos barulhos suspeitos eram ouvidos e sombras entrevistas pela janela da casa do vizinho que criaram ainda mais curiosidade e medo, por parte das crianças e dos pais e das mães da vizinhança. Foram muitas, as suspeitas. Mas de nada adiantaram a espreita, a vigilância, a curiosidade por parte de todos/as. Mas sabiam que ali, sem dúvida, havia um mistério perigoso. Quando o vizinho, finalmente, saiu de casa empurrando um carrinho cheio de objetos suspeitos, dirigindo-se à pracinha da esquina, as crianças perceberam que havia novidade, e foram correndo atrás do vizinho. Finalmente, se depararam com a melhor das surpresas, um lugar divertido cheio de livros.

14 *O silencioso mundo de Flor*

Referência Bibliográfica:

FRANÇA, Cecília Cavaliere. **O silencioso mundo de Flor**. Ilustrações de André Persechini. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

Título: O silencioso mundo de flor

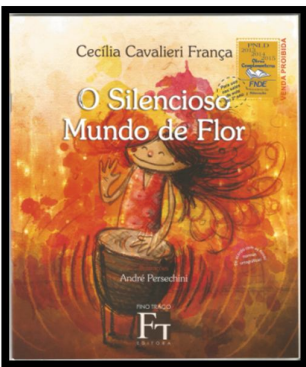
Autor/a: Cecília Cavaliere França

Ilustrador/a: André Persechini

Tradutor/a: -


Edição: 1.ed.

Número de páginas: 28


ISBN: 978-85-8054-029-1
Personagem principal: () Feminina () Masculina (x) Ambos
Agrupamento: () Gênero (x) Identidade de Gênero () Identidade e Diferença
Descrição física: Menina de vestido vermelho com flores brancas, cabelo vermelho.
Descrição de conduta: Persistente, sonhadora.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: 
O livro possui 28 páginas sem numeração, mede 21 cm x 25 cm. A capa do livro varia nas cores vermelha, marrom e amarela. No meio da capa tem a figura de Flor com cabelos ruivos e batendo tambor. Na parte superior tem o nome do livro em letra bastão na cor branca.
Resumo da história: Narra o mundo de Téo que tinha muito barulhão, como buzina, trovão, bатуque, avião, etc. E o mundo de Flor que não tinha sons. O mundo de Flor era só silêncio. Com o passar dos dias, Flor descobre que tem o dom de sentir o som. Flor é uma menina surda. Tem como seu melhor amigo de aventuras cotidianas um menino chamado Téo. O livro fala de amizade, solidariedade e inclusão.

15 *A menina, o cofrinho e a vovó*

Referência Bibliográfica: CORALINA, Cora. A menina, o cofrinho e a vovó . Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. 2. ed. São Paulo: Gaudi Editorial, 2011.
Título: A menina, o cofrinho e a vovó
Autor/a: Cora Coralina
Ilustrador/a: Cláudia Scatamacchia

Tradutor/a: -
Edição: 2 ed.
Número de páginas: 24
ISBN: 978-85-60791-56-9
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Idosa, com cabelos brancos e um coque no meio da cabeça, aparece com roupa rosa, verde, amarela.
Descrição de conduta: Batalhadora e esforçada.
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p>  <p>O livro possui 24 páginas, mede 25 cm x 22 cm. A cor da capa é azul escura, no meio tem escrito o nome do livro. Na parte superior tem o nome da autora e na parte inferior o nome da ilustradora. Do lado esquerdo da capa tem a figura da idosa, a protagonista da história.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>Narra a história de uma menina e sua vó. Mesmo morando longe uma da outra, elas trocam confidências. A idosa morava longe e sozinha numa cidade muito antiga. Ela queria viver uma vida simples. Não tinha rendimentos e vivia com todas as dificuldades. Com isso teve a ideia de fazer doces. Começou a ganhar muito dinheiro e passou a ter uma vida mais tranquila.</p>

16 *Chapeuzinho Vermelho e as cores*

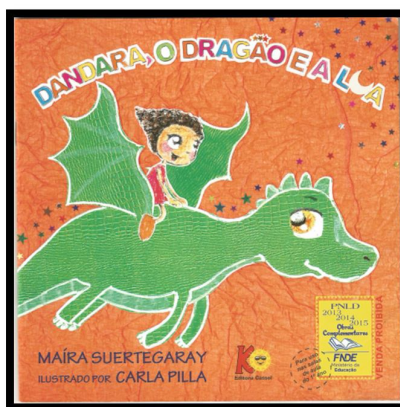
Referência Bibliográfica: ABU, Angelo. Chapeuzinho vermelho e as cores . Ilustrações do autor. São Paulo: Lemos Editorial, 2011.
Título: Chapeuzinho Vermelho e as cores
Autor/a: Angelo Abu
Ilustrador/a: autor
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 24
ISBN: 978-85-65698-18-6
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Menina com roupa vermelha
Descrição de conduta: Corajosa.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: 
O livro possui 14 páginas, mede 12,5 cm x 16,5 cm. A capa do livro é toda vermelha, com uma figura do lado esquerdo de um lobo na cor preta e umas listras com as cores: roxa, azul, verde, amarela e laranjada. Do lado direito da capa é vermelha, com o nome do livro na cor laranja.
Resumo da história: Narra as cores do arco íris que são referências para a construção da narrativa. O vermelho é a cor de Chapeuzinho. Amarelo é a cor da mãe. O branco é a cor da pomba que levou a mensagem da avó. O verde é a cor da esperança, esperança da avó pela chegada da neta e a esperança da neta de não encontrar o lobo na floresta e

de não sentir medo, e assim por adiante. O livro mostra a coragem de Chapeuzinho diante do lobo.

17 Dandara, o Dragão e a Lua

Referência Bibliográfica: ROSSATO, Maíra Suertegaray. Dandara, o Dragão e a Lua . Ilustrações de Carla Pilla. Porto Alegre, RS: Cassol, 2013.
Título: Dandara, o Dragão e a Lua
Autor/a: Maíra Suertegaray Rossato
Ilustrador/a: Carla Pilla
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 24
ISBN: 978-85-89508-30-8
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Menina de cabelo enrolado preto. Tem hora que aparece com pijama azul, blusa amarela e saia azul e vestido vermelho.
Descrição de conduta: Questionadora e curiosa.

DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:

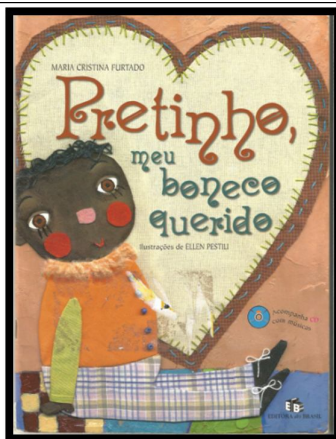


O livro possui 24 páginas, mede 21 cm x 21 cm. A cor da capa do livro é laranjada. Na parte superior da capa tem o nome do livro nas cores azul, vermelha, laranja, amarela, verde, branca e rosa. Na parte inferior do lado esquerdo tem o nome da

<p>autora e da ilustradora na cor azul escura. No meio da capa tem a protagonista da história em cima de um dragão na cor verde.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>Narra a história da protagonista da história Dandara, que adora olhar para o céu. Sua mãe conta histórias sobre ele. A professora de Dandara também conta histórias sobre o céu. Dandara quer conhecer a lua e pegá-la para enfeitar seu quarto. Mas como Dandara irá à lua? Dandara não pode trazer a lua, mas pode ficar viajando pelo céu. Da janela do seu quarto ela pode ver as caretas que a lua faz para ela.</p>

18 *Pretinho, meu boneco querido*

<p>Referência Bibliográfica: FURTADO, Maria Cristina. Pretinho, meu boneco querido. Ilustrações de Ellen Pestili. 2.ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2008.</p>
<p>Título: Pretinho, meu boneco querido</p>
<p>Autor/a: Maria Cristina Furtado</p>
<p>Ilustrador/a: Ellen Pestili</p>
<p>Tradutor/a: -</p>
<p>Edição: 2. ed.</p>
<p>Número de páginas: 39</p>
<p>ISBN: 978-85-10-04326-7</p>
<p>Personagem principal: () Feminina () Masculina (x) Ambos</p>
<p>Agrupamento: () Gênero () Identidade de Gênero (x) Identidade e Diferença</p>
<p>Descrição física:</p> <p>Menina negra, com tranças compridas, com blusa rosa e saia verde. Boneco negro de cabelo curto, camisa na cor laranjada e manga verde e calça xadrez.</p>
<p>Descrição de conduta:</p> <p>Boneco: corajoso. Menina: curiosa.</p>
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p>



O livro possui 39 páginas, mede 21,5 cm x 28,5 cm. Do lado esquerdo da capa do livro tem o boneco Pretinho sentado no chão, ele usa camisa na cor laranja com manga na cor verde, calça xadrez e sapato preto. No meio da capa tem o nome do livro nas cores vermelha e verde escuro escrito dentro de um coração.

Resumo da história:

Narra a história de Nininha uma menina que tem uma coleção de bonecos que ganham vida. No seu aniversário de 8 anos, sua mãe a leva a uma loja de brinquedos para escolher um presente. Nininha ficou encantada quando seus olhos cruzaram com os de Pretinho. O boneco é negro como Nininha. Ao chegar a casa, Pretinho diz à menina que seu nome é Carlos, mas pode chamá-lo de Pretinho. Com o passar dos dias, Pretinho se esconde no armário, pois começa a sofrer com os ciúmes e com o preconceito dos demais brinquedos, que não o aceitam só pelo fato de ele ser negro. A menina sempre chamava a atenção de Pretinho, dizendo que o armário não era lugar para ele ficar e sim junto com os demais brinquedos que ficavam na prateleira. Com isso ele chorava escondido no armário. Até que um dia os brinquedos resolvem mudar a cor de Pretinho, colocando a vida do boneco em grande perigo. No final da história os brinquedos compreendem que colocaram a vida de Pretinho em grande perigo, pois não aceitam a sua cor e isso se chamava discriminação, mesmo assim Pretinho perdeu os brinquedos.

19 *Bruna e a galinha d'Angola*

Referência Bibliográfica:

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'Angola**. Ilustrações de Valéria Saraiva. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011.

Título: Bruna e a galinha d' Angola

Autor/a: Gercilga de Almeida

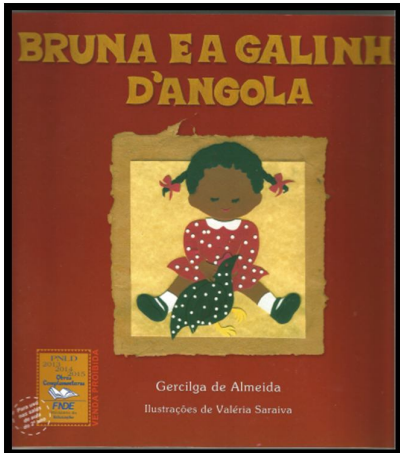
Ilustrador/a: Valéria Saraiva

Tradutor/a: -

Edição: 3.ed.

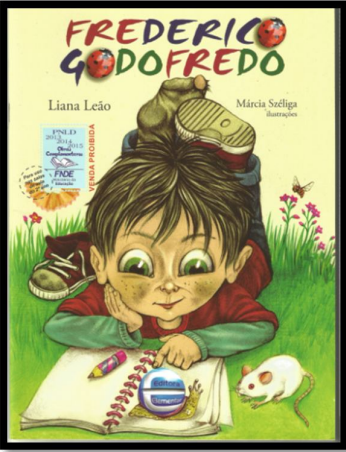
Número de páginas: 24

ISBN: 978-85-347-0230-0

Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Menina negra, com duas tranças amarradas com fita vermelha, vestido vermelho de bolinha branca, usa meia branca e sapato preto.
Descrição de conduta: Alegre.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: <div style="text-align: center;">  </div> <p>O livro possui 24 páginas, mede 26 cm x 25,5 cm. A cor da capa é vermelha, na parte superior da capa tem o nome do livro na cor amarela escura, na parte inferior tem o nome da autora e da ilustradora na cor branca. No meio da capa tem a galinha d' Angola e a protagonista da história, ela está sentada, usa vestido vermelho com bolinhas branca, sapato preto e meias brancas, tem duas trança com laço de fita na cor vermelha.</p>
Resumo da história: Narra a história da menina Bruna, descendente de africanos, que se sentia muito sozinha e gostava de ouvir as histórias tradicionais africanas contadas por sua avó. Após ouvir a lenda de Òsún, uma menina que se sentia só e que para lhe fazer companhia resolveu criar Conquém, a galinha d'Angola, Bruna se inspira e então modela na argila uma galinha d'Angola para lhe fazer companhia. No dia de seu aniversário sua avó lhe dá uma galinha d'Angola de verdade, que se chamava Conquém. As outras crianças da aldeia que não brincavam com Bruna foram se aproximando dela e pedindo para brincar com a Conquém. Bruna passou a ter muitas amigas. A avó, além de contar lendas de sua aldeia africana, resolveu ensinar as meninas a pintarem tecidos, como os que ela fazia na África. Isso fez com que a aldeia ficasse conhecida. Um dia a Conquém teve filhotes e cada menina da aldeia pode ter sua galinha d'Angola. Até hoje o povo daquela aldeia conta a história de Bruna e da galinha d'Angola para aqueles/as que compram os belos tecidos pintados

pelas meninas.

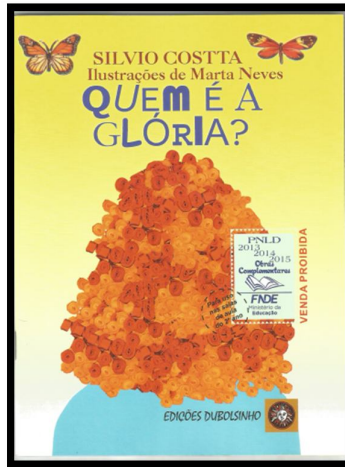
20 *Frederico Godofredo*

Referência Bibliográfica: LEÃO, Liana. Frederico Godofredo . Ilustrações de Márcia Széliga. São Paulo: Elementar, 2010.
Título: Frederico Godofredo
Autor/a: Liana Leão
Ilustrador/a: Márcia Széliga
Tradutor/a: -
Edição: 1 ed
Número de páginas: 32
ISBN: 978-85-99306-57-4
Personagem principal: () Feminina (x) Masculina () Ambos
Agrupamento: () Gênero () Identidade de Gênero (x) Identidade e Diferença
Descrição física: Menino de camiseta vermelha, com manga verde
Descrição de conduta: Diferente, valoriza a sua imaginação.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: 
O livro possui 31 páginas, mede 22 cm x 29 cm. No meio da capa na parte superior tem o nome do livro nas cores vermelha, azul e verde. Na capa tem a figura de Frederico Godofredo deitado com um caderno, lápis e uma bola. Ao seu lado tem

um ratinho branco.
<p>Resumo da história:</p> <p>Narra a história de um menino chamado Frederico Godofredo. Ele é um menino diferente. Adora dar asas à imaginação. A sua inventividade não tem limites e, com graça e beleza, o que parece inútil vira novo de novo: brinquedos velhos e quebrados, objetos estranhos e até mesmo papéis usados. Frederico Godofredo gosta de estar no mundo, sentir a areia entre os dedos, catar conchas, folhas e pedrinhas ou, simplesmente, deixar o olhar se perder no horizonte e, à noite, contemplar as estrelas, tudo isso pra ele é uma grande felicidade.</p>

21 *Quem é a Glória?*

<p>Referência Bibliográfica:</p> <p>COSTTA, Silvio. Quem é a Glória? Ilustrações de Marta Neves. 1ª ed. 1ª reimpressão. Sabará, MG: Dubolsinho, 2011.</p>
Título: Quem é Glória?
Autor/a: Silvio Costta
Ilustrador/a: Marta Neves
Tradutor/a: -
Edição: 1 ed.
Número de páginas: 32
ISBN: 978-85-87728-37-1
<p>Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina</p> <p style="padding-left: 40px;"><input type="checkbox"/> Masculina</p> <p style="padding-left: 40px;"><input type="checkbox"/> Ambos</p>
<p>Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero</p> <p style="padding-left: 40px;"><input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero</p> <p style="padding-left: 40px;"><input type="checkbox"/> Identidade e Diferença</p>
<p>Descrição física:</p> <p>Menina aparentemente de cor branca, cabelo ruivo enrolado, cadeirante.</p>
<p>Descrição de conduta:</p> <p>Esperta.</p>
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:



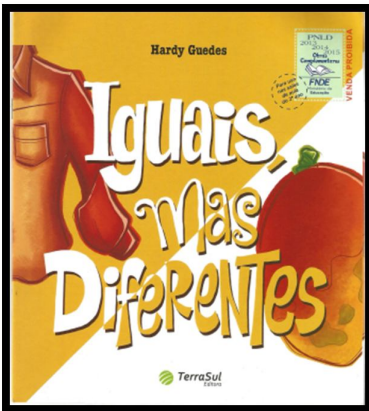
O livro possui 32 páginas, mede 15 cm x 20 cm. Na parte superior da capa tem o nome do autor e da ilustradora na cor vermelha e o nome do livro na cor azul. No meio da capa na parte inferior do livro tem a figura da protagonista da história que está de costa. Ela usa blusa azul e seus cabelos são ruivos.

Resumo da história:

Glória é a protagonista da história. Para saber quem ela é, tem que conhecer sua casa, o que ela faz no dia-a-dia, a escola que frequenta, os/as amigos/as de sua turma, cada um/a com seus problemas, mas sabendo viver com cada um. Glória é uma menina esperta, um pouco tímida, sem mistério e com muito encanto. É um livro que mostra como uma bela lição de como problemas existe para serem enfrentados e resolvidos com alegria, energia e amor.


22 Iguais, mas diferentes

Referência Bibliográfica: GUEDES, Hardy. Iguais, mas diferentes . Ilustração de Reinaldo Rosa. Curitiba, PR: Terra Sul Editora, 2011.
Título: Iguais, mas diferentes
Autor/a: Hardy Guedes
Ilustrador/a: Reinaldo Rosa
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 16
ISBN: 978-85-62570-59-9
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero

() Identidade e Diferença
<p>Descrição física:</p> <p>Mulher com vestido cinza, avental amarelo e lenço vermelho na cabeça.</p> <p>Mulher com blusa e saia rosa, aparentemente da cor branca, cabelo louro e tiara azul no cabelo.</p>
<p>Descrição de conduta:</p> <p>Preocupada, romântica.</p>
<p>DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>O livro possui 16 páginas, mede 24 cm x 24 cm. A cor da capa intercala nas cores branca e amarela. De um lado tem a metade do desenho de uma casinha e do outro a metade do desenho de uma fruta. O nome do livro está escrito com letras grandes bem no centro da capa.</p>
<p>Resumo da história:</p> <p>É um livro que traz certas palavras escritas iguais, mas com significados diferentes quando elas aparecem nas frases. O livro mostra que ler pode ser muito divertido e prazeroso.</p>


23 A árvore da família

<p>Referência Bibliográfica:</p> <p>ZAKZUK, Maísa. A árvore da família. São Paulo: Guia dos Curiosos Comunicações, 2011.</p>
Título: A árvore da família
Autor/a: Maísa Zakzuk
Ilustrador/a: Tatiana Paiva
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 40
ISBN: 978-85-63295-21-7
Personagem principal: (x) Feminina

<input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Mulher idosa com lenço azul na cabeça, saia verde, avental azul, blusa branca com desenhos pretos.
Descrição de conduta: Dedicada aos afazeres domésticos.
DESCRICHÃO DA CAPA DO LIVRO: 
O livro possui 40 páginas, mede 22 cm x 29 cm. Na capa tem o desenho de uma árvore. Nos galhos de baixo tem dois casais de pessoas idosas. No galho mais acima tem um homem e uma mulher em um balanço. No outro lado do lado esquerdo tem um homem com uma mulher na janela de uma casa. Nos galhos de cima tem dois meninos sentados nas folhas, um menino de pé no balanço e uma menina de pé no galho da árvore.
Resumo da história: Narra brevemente a origem dos antepassados, sírios e portugueses. O livro mostra a metáfora da árvore como representação gráfica que expressa recuperação das origens de uma pessoa ou de uma família que ganha múltiplos significados.

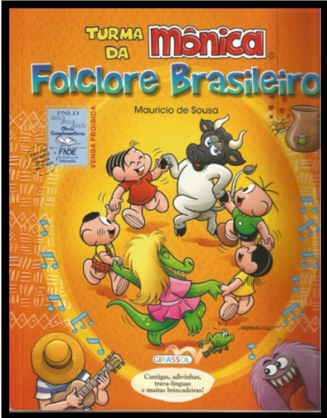
24 *Era uma vez uma bota*

Referência Bibliográfica: ZATZ, Lia. Era uma vez uma bota . Ilustrações de Alexandre Teles. São Paulo: Biruta, 2011.
Título: Era uma vez uma bota
Autor/a: Lia Zatz

Ilustrador/a: Alexandre Teles
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 28
ISBN: 978-85-7848-058-5
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Uma rata com uma bacia na mão, vestido lilás com avental branco.
Descrição de conduta: Dedicada aos afazeres domésticos.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO: <div style="text-align: center;">  </div> <p>O livro possui 28 páginas, mede 20 cm x 26 cm. No meio da capa tem o nome do livro em amarelo e logo abaixo a família de ratos e ratas. A capa do livro é verde. Na parte inferior tem o nome da autora e do ilustrador na cor preta.</p>
Resumo da história: Narra à história de uma pastora de ovelhas que adormeceu embaixo de uma árvore e quando acordou percebeu que sua bota tinha sumido. Uma família de ratos e ratas achou o par da bota e resolveu fazer dela uma escola e convidar os/as seus/suas amigos/as para visitá-los/as.

25 Turma da Mônica: folclore brasileiro

Referência Bibliográfica: SOUSA, Maurício de. Turma da Mônica: Folclore Brasileiro . Barueri, SP: Girassol, 2009.

Título: Turma da Mônica: Folclore Brasileiro
Autor/a: Maurício de Sousa
Ilustrador/a: autor
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 145
ISBN: 978-85-7488-925-2
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Mulher com vestido azul, avental branco. Mulher com vestido rosa, lenço vermelho com bolas branco na cabeça e vassoura na mão. Mulher com vestido verde listrado, cabelo preto, com balde e vassoura na mão. Mulher com vestido rosa e um cesto cheio de roupa na mão. Mulher lavando roupa.
Descrição de conduta: Todas dedicadas aos afazeres domésticos.
DESCRIÇÃO DA CAPA DO LIVRO:  <p>O livro possui 145 páginas, mede, 24 cm x 29 cm. Na capa do livro tem as personagens: Mônica, Cascão, Magali, Cebolinha, a Cuca e o Boi da cara preta brincando de roda. A cor da capa é laranja. O nome do livro está na parte superior da capa nas cores amarela, vermelha, azul e verde. Na parte inferior da capa do lado esquerdo tem a figura de um homem tocando violão e do lado direito de um bicho na cor roxa.</p>

Resumo da história:
 O livro traz as personagens da Turma da Mônica apresentando o rico e diversificado folclore brasileiro. O livro apresenta muitas cantigas de roda, parlendas, pegadinhas, trava-línguas, músicas, adivinhas, provérbios, crendices, trovas, acalantos e brincadeiras que atravessaram gerações e gerações e ainda encantam as crianças.

26 *Carta do tesouro: para ser lida às crianças*

Referência Bibliográfica: MIRANDA, Ana. Carta do tesouro: para ser lida às crianças. Ilustrações de Ana Miranda. São Paulo: Armazém da Cultura, 2013.
Título: Carta do tesouro: para ser lida às crianças
Autor/a: Ana Miranda
Ilustrador/a: autora
Tradutor/a: -
Edição: 1.ed.
Número de páginas: 44
ISBN: 978-85-63171-00-9
Personagem principal: <input checked="" type="checkbox"/> Feminina <input type="checkbox"/> Masculina <input type="checkbox"/> Ambos
Agrupamento: <input type="checkbox"/> Gênero <input checked="" type="checkbox"/> Identidade de Gênero <input type="checkbox"/> Identidade e Diferença
Descrição física: Menina branca. Menina negra. Menina ocidental. Menina asiática.
Descrição de conduta: Alegre, distraída.
Ça cDESCRIBÇÃO DA CAPA DO LIVRO:



O livro possui 44 páginas, mede, 22 cm x 30 cm. A capa do livro é azul. Na parte superior tem o nome do livro e o nome da autora. No meio da capa tem um menino lendo aparentemente na cor branca, tem uma menina da cor negra com uma bacia com roupas dentro em cima da sua cabeça, tem um menino com um chapéu estilo nordestino e tem uma outra imagem parecida com o povo indígena ou africano.

Resumo da história:

É um livro que traz temas atuais e importantes, como a compreensão e aceitação das diferenças. O livro mostra que o maior tesouro é a criança. Outro assunto é o comportamento diante das diferenças individuais.